



para
UM PENSAMENTO
DO SUL

DIÁLOGOS COM EDGAR MORIN

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO



para
UM PENSAMENTO
DO SUL

DIÁLOGOS COM EDGAR MORIN

SESC
DEPARTAMENTO NACIONAL
RIO DE JANEIRO
MARÇO / 2011

SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Presidência do Conselho Nacional
ANTONIO OLIVEIRA SANTOS

DEPARTAMENTO NACIONAL

Direção-Geral
MARON EMILE ABI-ABIB

Divisão Administrativa e Financeira
JOÃO CARLOS GOMES ROLDÃO

Divisão de Planejamento e Desenvolvimento
ÁLVARO DE MELO SALMITO

Divisão de Programas Sociais
NIVALDO DA COSTA PEREIRA

Consultoria da Direção-Geral
JUVENAL FERREIRA FORTES FILHO
LUÍS FERNANDO DE MELLO COSTA

ENCONTRO INTERNACIONAL PARA UM PENSAMENTO DO SUL: diálogos com Edgar Morin

Coordenação geral
EDGAR MORIN

Coordenação técnica
Direção da Divisão de Planejamento e Desenvolvimento
ÁLVARO DE MELO SALMITO

Coordenação Acadêmica e Organização
MARTA DE AZEVEDO IRVING

Assessoria Técnica da Gerência de
Desenvolvimento Técnico/DPD
MARCIA ALEGRE PINA

Assessoria Técnica da Gerência de Estudos e
Pesquisas/DPD
MÔNICA DA SILVA CASTRO

Apoio técnico
Diretoria da Escola SESC de Ensino Médio
CLAUDIA FADEL, ANTONIO VIVEIROS

Assessoria Técnica da Escola SESC de Ensino Médio
ROSÂNGELA LOGATTO

PUBLICAÇÃO

Assessoria de Divulgação e Promoção/
Direção-Geral
CHRISTIANE CAETANO

Coordenação Editorial
FERNANDA SILVEIRA

Preparação
DUAS ÁGUAS | IEDA MAGRI

Projeto Gráfico
ANA CRISTINA PEREIRA (HANNAH 23)

Editoração
INGRAFOTO

Revisão de Texto
CLARISSA PENNA

MÁRCIA CAPELLA

Revisão de Texto Inglês e Espanhol
IDIOMAS & CIA

Produção Gráfica
CELSO MENDONÇA

FICHA CATALOGRÁFICA

Para um pensamento do sul : diálogos com Edgar Morin.
— Rio de Janeiro : SESC, Departamento Nacional, 2011.
228 p.; 21 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-89336-57-4.

1. Educação — Filosofia - Congressos. 2. Morin, Edgar,
1921-. I. SESC. Departamento Nacional.

CDD 370.1

5	CONVITE AO ENCONTRO INTERNACIONAL PARA UM PENSAMENTO DO SUL	
8	MORIN, EDGAR PARA UM PENSAMENTO DO SUL	
22	ADÃO, ANTONIETA CAPPARELLI A ESPERANÇA VEM DO SUL	
26	AGUIRRE, JULIO LEÔNIDAS PENSAMIENTO DEL SUR	66
32	ALMEIDA, MARIA DA CONCEIÇÃO DE PENSAMENTO DO SUL COMO RESERVA ANTROPOLÓGICA	72
38	ALMEIDA, ROSILENE SOUSA A CEGUEIRA: O MOVIMENTO DO MUNDO E A REFORMA DAS INSTITUIÇÕES E MENTES	78
44	BARROS, LUIZ FERNANDO DE MORAES CHARRET, HELOIZE DA CUNHA MELLO, EDIR FIGUEIREDO DE O. TEIXEIRA DE PENSAMENTO DO SUL: UMA BÚSSOLA PARA UM NOVO MUNDO?	84
48	CARRIZO, LUIS TEMAS CENTRALES QUE INSPIRAN EL PENSAMIENTO DEL SUR	90
52	CARVALHO, EDGARD DE ASSIS CONTRIBUIÇÕES "PARA UM PENSAMENTO DO SUL"	96
58	CORDÃO, FRANCISCO APARECIDO QUAIS OS TEMAS CENTRAIS QUE INSPIRAM O PENSAMENTO DO SUL?	102
		106
		106
		112
	COUTINHO, JAIRO CONTRIBUIÇÕES "PARA UM PENSAMENTO DO SUL"	
	ESTARQUE, TEREZA MENDONÇA CONTRIBUIÇÕES "PARA UM PENSAMENTO DO SUL"	
	FALCI, NURIMAR MARIA CONTRIBUIÇÕES "PARA UM PENSAMENTO DO SUL"	
	GALVANI, PASCAL RELIGAR LA EXPERIENCIA DEL SUR Y EL SUR DE LA EXPERIENCIA, UN MÉTODO ALTERNATIVO DE INVESTIGACIÓN-ACCIÓN-FORMACIÓN	
	GAMERO, TERESA SALINAS TEMAS CENTRALES QUE INSPIRAN EL PENSAMIENTO DEL SUR	
	IRVING, MARTA DE AZEVEDO INSPIRAÇÕES DO SUL PARA UMA NOVA POLÍTICA DE CIVILIZAÇÃO	
	LEITE, MÁRCIA COSTA RODRIGUES ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE O PENSAMENTO DO SUL	
	MALDONATO, MAURO RUMO AO SUL	
	MARTÍNEZ, ANA CECILIA ESPINOSA UNA EXPERIENCIA TRANSDISCIPLINAR DE AUTO-ECO-ORGANIZACIÓN DE UNA UNIVERSIDAD DEL SUR	

SUMÁRIO

120	MARTINS, PAULO HENRIQUE CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS "DESCOLONIAIS" PARA OS DESAFIOS PROPOSTOS POR EDGAR MORIN PARA A ORGANIZAÇÃO DO PENSAMENTO DO SUL		
126	MEDEIROS, CLAUDIA SANTOS DE LEONARDO E ANDERSON: ENCONTRO ENTRE OS ALPES SUÍÇOS E A FLORESTA AMAZÔNICA		
130	MIRANDA, DANILO SANTOS DE CONSIDERAÇÕES SOBRE EDGAR MORIN E A DEFESA DE UM PENSAMENTO DO SUL	172	PETRAGLIA, IZABEL UM PENSAMENTO DO SUL E A ESPERANÇA DE UMA NOVA POLÍTICA DE CIVILIZAÇÃO
136	MORAES, MARIA CÂNDIDA CONTRIBUIÇÕES "PARA UM PENSAMENTO DO SUL"	178	RIERA, ELBA DEL CARMEN TEMAS CENTRALES QUE INSPIRAN EL PENSAMIENTO DEL SUR
146	MOREIRA, IRLANDO TENÓRIO CONTRIBUIÇÕES "PARA UM PENSAMENTO DO SUL"	182	SEBILIA, ANDRES SALOMON COHEN O PENSAMENTO DO SUL: UMA VISÃO CRÍTICA DO DESENVOLVIMENTO DESTRUTIVO
150	NASCIMENTO, ELIMAR PINHEIRO DO CONTRIBUIÇÕES "PARA UM PENSAMENTO DO SUL"	188	SIMÕES, CARLOS ARTEXES PENSAMENTO DO SUL: CONSTRUINDO UMA NOVA CIVILIZAÇÃO
154	NEIRA, HUGO PARA UNA LECTURA DE EDGAR MORIN	194	SORIANO, LUZ INMACULADA MADERA PENSAMIENTO DEL SUR Y HUMANISMO LATINOAMERICANO EN LA TRAMA DE LO UNIVERSAL
160	NUOVO, SANTO DI SOME CORE QUESTIONS ABOUT THE "A THINKING OF THE SOUTH"	200	SOTOLONGO, PEDRO LUIS CODINA HACIA UN PENSAMIENTO — COMPLEJO Y CRÍTICO — DEL SUR
166	OSPINA, GUSTAVO LOPEZ PENSAMIENTO DEL SUR	206	SOUZA, MARIA ALICE LOPES CONTRIBUIÇÕES "PARA UM PENSAMENTO DO SUL"
		212	VALLEJO-GÓMEZ, NELSON PENSAMIENTO DEL SUR
		216	VELASCO, JUAN MIGUEL GONZÁLEZ RECONECTAR LO QUE ESTÁ DISPERSO: UN PENSAMIENTO DEL SUR PLANETARIO
		222	ZOYA, LEONARDO G. RODRÍGUEZ TEMAS CENTRALES QUE INSPIRAN EL PENSAMIENTO DEL SUR

SUMÁRIO

Convite ao encontro internacional PARA UM PENSAMENTO DO SUL

É com grande satisfação que a Diretoria Nacional do SESC, com esta publicação, compartilha as reflexões sobre o texto de Edgar Morin "Para um pensamento do Sul", norteador do encontro de 2011.

Centrado na perspectiva da América Latina, este encontro vem sendo planejado desde janeiro de 2010, quando o SESC recebeu a visita de Edgar Morin e também a provocação para organizar uma reunião que pudesse agregar uma rede de colaboradores de diversas inserções temáticas e institucionais, com o objetivo de discutir as contribuições do pensamento do Sul para uma nova política de civilização. Desde então, começou a ser configurado um projeto com esse objetivo, que mobilizou uma equipe do SESC com a assessoria acadêmica da pesquisadora especializada da UFRJ Marta de Azevedo Irving. Assim, formou-se uma coordenação interdisciplinar, que vem trabalhando sistematicamente nas ações do projeto, estruturado nas fases descritas a seguir para uma melhor compreensão do processo.

FASE 1: MOBILIZAÇÃO PARA O PROJETO

Efetivada entre abril e agosto de 2010, subdividiu-se em duas etapas: a) discussão conceitual e balizamento da proposta, leitura e discussão do texto-base, orientador, de Edgar Morin, "Para um pensamento do Sul", reconhecimento e intercâmbio da equipe técnica e gerencial envolvida e discussão das etapas de planejamento; b) detalhamento metodológico do projeto, definição da matriz de colaboradores, ajustes operacionais e medidas internas para a efetivação do processo, consolidação do material preparatório para convite e formalização de participação no evento e balizamento final do projeto.

FASE 2: REUNIÕES TÉCNICAS COM EDGAR MORIN E EQUIPE DO SESC PARA DISCUSSÃO E AJUSTE DA PROPOSTA

Realização de reuniões técnicas com a equipe de coordenação e com Edgar Morin, em setembro de 2010, para discussão e ajustes da proposta, com base nos *inputs* do próprio pensador.

FASE 3: PLANEJAMENTO DO EVENTO / ACOMPANHAMENTO TÉCNICO E GERENCIAL DE PROCESSO

Implementação do projeto, iniciada efetivamente em outubro de 2010, a partir de diretrizes técnicas para planejamento e realização do evento, construídas e discutidas pela equipe de coordenação.

FASE 4: ENVIO DE MATERIAL E RECEBIMENTO DE CONTRIBUIÇÕES ESCRITAS

Entre novembro de 2010 e janeiro de 2011 foi realizado o processo de envio de material preparatório do encontro, sendo recebidas as contribuições

escritas dos participantes que confirmaram presença no evento. Até o dia 21 de janeiro foram recebidos os 36 textos, que estão a seguir sistematizados para leitura e consulta, como inspiração às discussões propostas.

FASE 5: REALIZAÇÃO DO EVENTO

Realização do encontro, no qual temos a satisfação em recebê-los. O evento foi concebido como uma reunião de trabalho, estruturado em dois momentos: a) com base na leitura dos textos recebidos e nas questões norteadoras, faremos a discussão em grupos, subdivididos em três temas: pensamento econômico, questões sociais e pobreza, a reforma da educação e unidade humana e diversidade cultural; b) como desdobramento das discussões anteriores, todos os grupos discutirão "O pensamento do Sul para uma nova política de civilização". Espera-se, com este encontro, a construção coletiva de saberes e fazeres, consolidados em uma publicação (*Anais do encontro*), de autoria do próprio grupo, que possa contribuir para uma reflexão crítica e engajada, na busca de novos caminhos e uma nova forma de pensar e agir na contemporaneidade.

Com esse desafio, convidamos a todos para a leitura desta publicação e para compartilhar conosco esse processo.

A coordenação,

Álvaro Salmito | Claudia Fadel | Marta Irving

MORIN, EDGAR

Retradução: Edgard de Assis Carvalho

Para um pensamento do Sul

O que é o Sul? Em primeiro lugar, trata-se de uma noção falsamente clara. Se é evidente que o Sul se define em relação ao Norte, um sul — como o Magrebe em relação à Europa — é um norte para a África. Na Europa, a Itália é um país do sul europeu que faz limite norte com Milão, a Lombardia. País do norte, a França tem o seu sul: a Provença, o Languedoc. Metrópole do sul, São Paulo é muito impregnada de norte. A noção de sul é relativa. Devemos, portanto, evitar qualquer reificação ou substancialização do termo "sul". Quanto ao Norte, ele também não pode ser concebido como entidade geográfica. Ele é muito heterogêneo e não falamos obviamente da Rússia, mais próxima culturalmente do sul europeu do que do norte anglo-saxão, nem evidentemente da Sibéria. Ele tampouco pode ser entendido como um tipo ideal, na maneira concebida por Max Weber. Não é, igualmente, uma noção redutora que esqueceria todas as qualidades oriundas do Norte. Na verdade, o que hoje denominamos Norte era há algumas décadas chamado de Ocidente, quando o opúnhamos ao Oriente; ele se tornou Norte, oposto do Sul, quando o termo "Terceiro Mundo" caiu em desuso. Para o Sul, existe de fato uma hegemonia do Norte, que é a hegemonia da técnica, da economia, do cálculo, da racionalização, da rentabilidade e da eficiência. Essas noções não devem ser rejeitadas, embora um pensamento

do Sul talvez deva se expressar de maneira consciente e crítica a respeito delas pelo fato de que essa hegemonia insufla intensamente seu dinamismo no planeta como um todo. E mais ainda porque o Norte está atualmente devorando — ou tentando devorar — o Sul.

Existem evidentemente vários "suis", muito diferentes uns dos outros, mas que são submetidos à concepção única vinda do Norte, do atraso, do subdesenvolvimento, do imperativo do desenvolvimento e da modernização. Essa visão impede perceber que nos "suis" existem qualidades, virtudes, artes de viver, modos de conhecimento que deveriam não apenas ser salvaguardados, mas também propagados pelos "nortes". Para chegar à plena consciência das qualidades e virtudes do Sul, seria preciso um pensamento do Sul. Um pensamento como esse ainda tem que ser elaborado a partir das experiências dos diversos "suis".

Um esclarecimento preliminar é necessário. Afirmei que Norte e Sul eram noções relativas. É preciso acrescentar que não é preciso idealizar nem desvalorizar uma ou outra. Qualquer cultura ou qualquer civilização (aqui a distinção entre ambas pouco importa) têm qualidades, virtudes, ilusões, imperfeições.

Oriunda do Ocidente europeu, desenvolvida no mundo anglo-saxão, a cultura do Norte trouxe a democracia representativa, os direitos humanos, os direitos da mulher, as autonomias individuais. Mas também possui carências profundas concentradas no poder e nos desenvolvimentos materiais; ela tem suas cegueiras, suas ilusões, expressas até uma época recente na ocultação da relação vital entre o ser humano e o mundo natural ou no mito de um progresso concebido como lei inelutável da história humana.

Do lado dos "suis", numerosas culturas mantêm a autoridade incondicional dos poderes políticos e religiosos, a dominação do homem sobre a mulher, interditos de todos os tipos. A totalidade da reflexão aqui proposta é a da recusa da redução (de um complexo a um de seus elementos), da disjunção (que separa ideias aparentemente antagônicas e, no entanto, complementares).

Qual poderia ser a contribuição do mediterrâneo para a elaboração de um pensamento como esse? Existe a herança cultural mais antiga que, sem dúvida, é a de uma divindade universal, que o faraó Akenáton quis reconhecer e adorar por meio do sol. O deus universal reapareceu na Bíblia e nos Evangelhos. Ele repele os deuses múltiplos das religiões politeístas. Em minha opinião, um pensamento do Sul conciliaria o sentido da diversidade concreta da natureza expressa pelos deuses dos politeísmos antigos, principalmente o grego e o latino, assim como o sentido da unidade do universo que o Deus Único exprime.

A partir de Paulo de Tarso surgiu uma religião dirigida a todos os seres humanos em que "não há mais judeus nem gentios". Ela contém uma fonte de universalidade concreta que se dirige à multiplicidade humana em suas diferentes etnias e que se reencontrará no Islã e, depois, sob forma laicizada, no humanismo europeu.

Encontramos outra fonte de universalidade na herança cultural helênica: qualquer ser humano é dotado de razão, o que lhe permite exercer sua competência na política da Pólis. A deusa Atena não dirige a cidade de Atenas, ela a protege. Quem dirige é a Assembleia dos cidadãos. E na democracia, como na filosofia ateniense, o debate desempenha um papel central: é o caminho para a verdade. Além disso, a filosofia se define não somente como uma busca de sabedoria mas, ainda mais, como uma vontade de reflexão acerca de todas as coisas.

Precisamos também assumir a herança universalista do Império Romano expressa no edito de Caracala, que reconheceu os direitos de cidadão romano a qualquer habitante do Império, independentemente de sua origem étnica.

É necessário, igualmente, assumir a mensagem do Renascimento — outra mensagem do Sul — e é essa mensagem que precisamos assumir e retomar expressa no termo "problematizar". O Renascimento é um movimento do espírito no qual se problematiza o mundo: "O que é o mundo?" Problematiza-se o homem: "O que é o homem?" Problematiza-se a natureza: "O que é a natureza?" Problematiza-se Deus: "De qual Deus falamos? Ele existe?"

Um humanismo nasceu a partir dessa problematização. A palavra "humanismo" tem duas faces. Há uma face que precisamos abandonar. É a do homem dominador, destinado a se tornar senhor e mestre da natureza, segundo a formulação de Descartes. Devemos rejeitar esse humanismo arrogante, porque sabemos, de agora em diante, que qualquer vontade de dominar a natureza degrada, não apenas essa natureza, mas também nossa humanidade, inseparavelmente ligada a ela, que depende dela ainda mais do que ela de nós. A outra face do humanismo é a do valor e da dignidade de todo ser humano, qualquer que seja ele, venha de onde vier. É esse humanismo que devemos não apenas assumir, mas também propagar nesta era planetária, em que toda a humanidade vive uma comunidade de destino.

Temos que assumir também a herança cultural do Renascimento, porque hoje, de novo, devemos problematizar o mundo. Nosso universo não é mais o de Copérnico e o de Galileu, no qual o sol se tornara central. É um universo absolutamente gigantesco, onde não há mais centro, onde a Terra é o minúsculo planeta de um minúsculo sol, astro menor de uma pequena

galáxia periférica. Devemos problematizar o real: onde está a "verdadeira" realidade? Nas partículas e nos átomos? Nos objetos de nossa percepção? Na nossa mente? O que significa a realidade hoje em dia?

Devemos reproblematicar nossa relação com a natureza, que temos considerado como feita de objetos a serem manipulados, domesticados ou destruídos, quando somos inseparavelmente e vitalmente ligados a ela. Devemos reproblematicar nossas crenças e credos, a começar pela nossa crença num progresso irreversível da humanidade.

Precisamos, enfim, problematizar o próprio instrumento da problematização que é a razão. Devemos começar a entender que a razão não é única, monolítica, simples. Existe uma racionalidade aberta que reconhece os limites de sua capacidade de apreensão e que não se pode senão reconhecer o mistério do universo.

Existe a racionalidade teórica, que elabora sistemas de ideias. Existe a racionalidade crítica, que ataca as crenças infundadas. Existe a racionalidade autocrítica, que examina racionalmente sua própria cultura e sua própria pessoa. Existe a razão fechada, incapaz de acolher os argumentos e os fatos que a contradizem. Existe a racionalidade quente, estimulada por uma paixão. E existe a racionalidade glacial do cálculo. Existe uma racionalidade degenerada, que é a racionalização, fundada numa lógica implacável e limitada. Existe a racionalidade instrumental, que está a serviço dos delírios e crueldades humanas. Temos, evidentemente, que regenerar o que a virtude da racionalidade contém: a capacidade teórica, a capacidade crítica, a denúncia dos dogmas, a resistência ao anátema e, sobretudo, também a capacidade autocrítica, que ainda é muito subdesenvolvida.

Precisamos misturar essas heranças culturais mediterrâneas com as heranças culturais africanas e sul-americanas. Por mais diferentes que sejam, todas elas comportam modos míticos ou religiosos de integração no cosmo e na natureza, dos quais devemos extrair a verdade profunda e ligá-la à nossa nova consciência ecológica, que reconhece nossa integração na biosfera, algo que o devir da mundialização continua a degradar, impulsionado pelo norte. Existe a herança das tradições de solidariedade, que implica integrar e não destruir. Existem múltiplos conhecimentos, saberes sobre o mundo mineral, vegetal e animal que temos que incorporar. Existem artes de viver muito diversas e ricas, inclusive nas pequenas sociedades indígenas da América do Sul e da África.

Deste modo, ao reunir e conjugar todas essas heranças culturais, um pensamento do Sul é capaz de realizar uma nova e grande problematização.

Começamos por problematizar a mundialização. Iniciado no fim do século XV com a conquista das Américas e a navegação ao redor do globo, esse processo se desenvolveu na e por meio da colonização e da escravidão e, a partir dos anos 1990, se desdobrou sob a forma da globalização. Esse processo prossegue de maneira desenfreada. A ciência, a técnica, a economia, o lucro são os motores desse dinamismo que propulsa a nave espacial Terra. Este dinamismo científico-técnico-econômico produziu novos perigos para toda a humanidade, com a proliferação das armas nucleares, com a degradação da biosfera, com as polícrises planetárias e, também, com os novos conflitos étnico-religiosos que dilaceram nosso planeta e podem provocar a utilização das armas de aniquilamento.

Somos testemunhas e vítimas atuais de uma crise econômica decorrente da ausência de regulação de uma economia mundial corrompida pela especulação financeira. Essa crise se inscreve num conjunto de crises. Crise da relação entre os seres humanos e a natureza, como o provam as múltiplas degradações da biosfera. Crise das sociedades tradicionais, que tendem a se desintegrar sob o dinamismo dessa mundialização, que, na verdade, é uma ocidentalização. Crise da própria modernidade, já que não só a modernidade alcançada nos países da Europa ocidental e nos Estados Unidos não cumpriu as promessas de uma vida melhor, de uma vida emancipada, de uma vida harmoniosa, mas, ao contrário disso, criou um novo mal-estar na civilização. Crise da modernidade também, no sentido em que o que justificava seu devir era a ideia transformada em dogma universal no século XX de que o progresso era uma lei implacável da história humana. Acontece que, progressivamente, descobrimos que motores do progresso eram profundamente ambivalentes, como a ciência, a técnica, o desenvolvimento. Descobrimos também que a promessa morreu, que o futuro é incerto, que o amanhã é desconhecido. A autodestruição da ideia de progresso nos levou a uma crise do futuro. E diante da crise do futuro, da angústia do presente, o que sobra a não ser à volta às raízes, isto é, ao passado? O filósofo tcheco Jan Patočka formulou a visão mais correta acerca desse tema: "O devir é problematizado e ele o será para sempre". Isso quer dizer que a aventura humana é uma aventura desconhecida.

Assim, todas essas crises desembocam na crise do desenvolvimento. É certo que o desenvolvimento trouxe bem-estar, autonomias individuais, emancipações por meio da criação de novas classes médias. Mas o desenvolvimento trouxe também a destruição das solidariedades tradicionais, novas corrupções, crescimento das desigualdades por toda parte do globo, enormes misérias. Presenciamos esse conjunto de fatos na Ásia, na América Latina, na África, em megalópoles com imensos subúrbios ou peri-

ferias empobrecidas. Como afirmou com muito acerto o pensador iraniano Majid Rahnema, foi a miséria que trouxe consigo a pobreza. Certamente uma parte da pobreza foi dissipada pela prosperidade das novas classes médias, mas a pobreza que permitia um mínimo de vida digna foi superada em grande parte pela miséria que implica dependência, humilhação.

Vivemos, então, a crise do desenvolvimento, que é, ao mesmo tempo, a crise da ocidentalização e a crise da mundialização. São três faces da mesma crise. A crise da mundialização é, também, a crise da unificação tecnoeconômica do globo. Essa crise ocorreu após o colapso das economias ditas socialistas na União Soviética, na China, no Vietnã, na e pela mundialização do capitalismo e das telecomunicações, que permitem que todos os pontos do planeta estejam em conexão imediata (telefone, fax, internet). Presenciamos uma fantástica unificação do planeta. No entanto, essa unificação coincide com decomposições de todas as modalidades: a União Soviética se desagrega em nações novas e, por vezes, antagônicas, como o Azerbaijão e a Armênia e, recentemente, a Geórgia e a própria Rússia; logo depois de 1990, a ofensiva dos nacionalismos croata e sérvio desagrega uma nação aparentemente integrada como a Iugoslávia e produz uma guerra atroz contra a qual a Europa se mostrou impotente. Depois a Tchecoslováquia se dividiu em duas regiões e, a partir de 1989, constitui a chamada República Eslovaca. Um pouco por toda parte, forças centrífugas estão em ação no seio das nações e das etnias que reivindicam sua transformação em nações.

Essa coincidência pode ser compreendida porque a unificação tecnoeconômica produziu a desarticulação sociocultural: essa unificação traz consigo uma homogeneização civilizacional que, em inúmeros casos, ameaça as originalidades e as singularidades culturais, étnicas, nacionais. Daí decorre uma reação de retorno à nação, à etnia e, até mesmo, à religião. Cada vez mais, o processo de unificação provoca ainda mais desagregação, do mesmo modo que a incerteza histórica trouxe simultaneamente a perda da fé no progresso, a perda da esperança num mundo novo, a angústia do presente, o que contribuiu para o fechamento das nações e das mentes, para o retorno ao passado religioso, étnico e/ou nacional.

Assistimos ao desencadeamento combinado de duas pragas para a humanidade. A primeira praga é a unificação abstrata e homogeneizante que destrói as diversidades. A segunda é o fechamento das singularidades em si mesmas que, desse modo, se tornam abstratas, porque se isolam do resto da humanidade. Vivenciamos o processo de duas abstrações de natureza diferente.

É preciso entender aqui o vínculo entre a unidade e a diversidade humana. É evidente que existe uma unidade anatômica, genética, fisiológica, cerebral, afetiva de todos os seres humanos, mas essa unidade se expressa

de uma maneira extremamente diferenciada. Não há dois indivíduos que se assemelhem: mesmo gêmeos homocigotos se diferenciam um do outro. Acontece o mesmo com a cultura (isto é, tudo o que é aprendido: saberes, fazeres, crenças, mitos etc.), marca universal na humanidade que só existe por intermédio das culturas singulares — a música só existe por meio das músicas etc. — o que faz com que o tesouro da unidade humana seja a diversidade e o da diversidade humana, a unidade. Leibniz afirmava: "O uno conserva e salva o múltiplo". Essa recomendação fundamental poderia nos indicar um caminho para sair do antagonismo entre a diversidade fechada em si mesma e a unidade abstrata, um caminho que um pensamento do sul deveria conceber.

Estamos confrontados com a crise da humanidade que não consegue atingir a humanidade. Estamos confrontados com um planeta que ao mesmo tempo em que dá continuidade ao dinamismo triunfante da técnica, da ciência e da economia coloca-se em situação perigosa. Com uma grande lucidez, Heidegger afirmava que apesar de acreditarmos estar numa nova era do Iluminismo, entramos na noite e na escuridão.

O que é hegemônico no Norte produz agora a cegueira a respeito da globalização e da crise da humanidade. É a cegueira do pensamento fundado essencialmente no cálculo, cego para a existência, a alegria, o sofrimento, a infelicidade, a consciência, cego para o lado humano da humanidade.

A visão produtivista/quantitativista do Norte ignora as qualidades e, portanto, a qualidade de vida. Por isso, uma das mensagens do sul deveria ser: "Antes melhor do que mais" e por vezes até mesmo "menos, porém melhor!" Claramente, quando se trata dos despossuídos, o mais deve caminhar com o melhor. Mas quando se observa o processo mundial de produção e consumo de objetos, uns com qualidades ilusórias, que se tornam rapidamente outros, ficando obsoletos, a maioria deles descartáveis e não reparáveis; modas superficiais, desperdícios de energias, tempos, bens, devemos nos conscientizar de que nossa civilização suscita e sofre de inúmeras intoxicações consumistas.

O pensamento dominante do Norte é baseado na redução do complexo ao simples e na disjunção, ou seja, na separação do que, na verdade, é inseparável. O espírito de redução permitiu isolar a célula, a molécula, o átomo, a partícula. O espírito de disjunção possibilitou os desenvolvimentos das disciplinas produtoras dos conhecimentos que nos levaram a rever inteiramente nossa visão do mundo e da vida. A especialização das disciplinas fechadas, estranhas umas às outras, desemboca, porém, no primado de um pensamento que se torna míope, que isola os objetos de seus contextos e

de seus laços naturais. Esse pensamento é cego ao que é global e fundamental, porque os conhecimentos separados não permitem apreender a complexidade dos fenômenos globais e o caráter fundamental de nossos problemas vitais.

O pensamento fundado na noção de *homo economicus*, determinado unicamente pelo interesse pessoal, é cego a tudo o que escapa desse interesse: o amor, a dádiva, a comunhão, a brincadeira. Podemos mesmo dizer que as conquistas do Norte, tão importantes no plano do individualismo, ao permitirem a autonomia da vida, produziram, ao mesmo tempo, desenvolvimentos egoístas e egocêntricos ligados à degradação das solidariedades tradicionais e do sentimento de responsabilidade em relação ao todo do qual somos partes.

Nos tempos atuais existem dois princípios na ética que são vitais para os indivíduos e para as sociedades humanas: a solidariedade e a responsabilidade.

Na visão hegemônica do norte, a *expertise* de um especialista competente numa área substitui o pensamento que religa áreas diferentes. A *expertise* é parcelar, o pensamento religa. Quem é que triunfa diante da perda do que é fundamental e do que é global? O que triunfa são as ideias parcelares. Ao mesmo tempo, o que triunfa são ideias globais ocas, que ignoram principalmente os laços entre unidade e diversidade. O que domina é a causalidade mecânica, a causalidade determinista que é a das máquinas artificiais que produzimos nos grandes complexos industriais. Aplicamos cada vez mais essa causalidade determinista cronometrada, linear, aos indivíduos e às sociedades.

No entanto, é preciso considerar que nem o indivíduo humano nem a sociedade humana são máquinas triviais. Uma máquina trivial é uma máquina totalmente determinista, cujos *outputs* são conhecidos quando os *inputs* são também conhecidos; se conhecemos as informações e os programas que a integram, conhecemos os comportamentos e os resultados dela decorrentes. Ocorre que tudo o que aconteceu à humanidade decorre do fato de que não somos máquinas triviais. Podemos também considerar que os grandes profetas — Jesus, Maomé —, que os grandes filósofos, os grandes cientistas, os grandes músicos — Mozart, Beethoven —, os grandes estadistas não eram máquinas triviais, já que levaram em consideração o inesperado e o criador. Cada um de nós também, mesmo subjugados a lógicas triviais, escapa, porém, da trivialidade por intermédio de nossas aspirações, nossos sonhos, nas nossas súbitas manifestações amorosas, estéticas, transgressoras.

Cronometrada e hiperespecializada, a lógica da eficácia, da previsibilidade, da "calculabilidade" cronometrada e hiperespecializada se espalhou em inúmeros setores de nossa vida. A começar pelas administrações públicas, nas quais a burocracia gangrena a atividade gestonária. Ela assume os comandos do mundo urbano e até mesmo do mundo rural, com a industrialização da agricultura e da criação de gado. Invade também a educação, para voltá-la à formação de profissionais eficientes e rentáveis. Invade a vida cotidiana. Invade o consumo, as regras, os lazeres, os serviços. Há o que Ritzler chama de "a macdonaldização da sociedade". Em outras palavras, uma forma fechada de racionalização está se espalhando por todo o planeta e essa racionalização produz uma irracionalidade total.

Fala-se do pensamento único na política. Mas o pensamento único na política não é senão um dos ramos de um pensamento, ao mesmo tempo redutor e disjuntivo, que reina em todas as áreas e comanda, igualmente, os opositores do pensamento único, que fazem denúncias justas, mas são incapazes de traçar qualquer argumento que possa nos conduzir a um caminho novo.

A lógica do Norte, enfim, é cega às realidades do Sul, consideradas por ela como atraso, arcaísmo, preguiça. O pensamento do Norte é feito para tratar os problemas de organização técnicos, práticos e quantificáveis, ou seja, a prosa da vida. Acontece que a vida humana não comporta apenas a prosa. A prosa é o que fazemos por obrigação, por imposição, para ganhar nossa vida. E ganhamos nossa vida, muitas vezes perdendo-a. A prosa nos faz sobreviver. Viver significa, entretanto, viver poeticamente, isto é, no amor, na comunhão, na realização de si, na alegria e, no limite, no êxtase. Retomo aqui a expressão de Hölderlin: "Poeticamente o homem habita a Terra". Na realidade, habitamos a Terra prosaica e poeticamente. A prosa tende, porém, a invadir nossa vida. Será que o pensamento do Sul teria como missão lembrar unicamente o caráter essencial da poesia do viver? Ainda mais pelo fato de que no Sul existem as artes de viver, arte de viver em praça pública, arte de viver de maneira extrovertida, arte de viver na comunicação, arte de viver que comporta a hospitalidade, arte de viver que preserva as qualidades poéticas da vida.

Não digo isso para rejeitar em bloco a lógica do Norte. Penso que precisamos aclimatar o que vem do Norte. É necessário que nos beneficiemos das contribuições do Norte. É preciso fazer isso principalmente no que concerne aos direitos da mulher, frequentemente muito subestimados no Sul, à emancipação dos adolescentes e da juventude, que é uma contribuição positiva às ideias de autonomia individual, desde que combinadas ao sentimento das solidariedades que frequentemente existe no Sul. Creio que é

preciso integrar as contribuições benéficas do Norte, recusar seus aspectos perversos e nocivos e, sobretudo, recusar sua hegemonia. Em consequência disso, é necessário ser capaz de mostrar um caminho.

De fato, o pensamento do Sul deveria estar apto para enfrentar as complexidades de nossa vida, a complexidade das realidades humanas e da "insustentável complexidade do mundo". O pensamento do Sul só pode ser complexo, e isso pelo fato de que, de acordo com o sentido original da palavra *complexus* em latim, "o que é tecido em conjunto", o pensamento complexo é aquele que religa o que foi artificialmente separado. A missão desse pensamento se fixa no adágio latino "*sparsa colligo*", que quer dizer "religo o que está disperso". Nesse sentido, o pensamento do Sul seria um pensamento que religa e, por isso mesmo, estaria apto a ressuscitar os problemas globais e fundamentais. Trata-se de um pensamento que reconheceria, defenderia e promoveria as qualidades e a poesia da vida, ainda mais porque o Sul ainda permanece depositário dessa poesia que, frequentemente, é considerada pelo Norte como atraso, ou como algo reservado simplesmente aos períodos de férias, um folclore que se pode desfrutar gozando do sol e do mar.

Aliás, vocês sabiam que vieram do Norte — até mesmo antes da era industrial — as grandes nostalgias pelo sul? Goethe afirmava isso por intermédio das palavras de Mignon: "Você conhece o país onde floresce o limoeiro?" Maravilhado e deslumbrado, Hölderlin refere-se à Grécia de Patmos. Durrell se delicia com Alexandria. O Norte também precisa do Sul. O que ele vai buscar nas férias significa algo mais profundo do que uma necessidade superficial de relaxamento. Fique bem entendido que a visão quantitativa ignora o problema essencial: a qualidade da vida. Reanimado pelo pensamento do Sul, pode-se, porém, retornar às ocupações, ao *business*, à técnica, ao poder.

O pensamento do Sul é solicitado a reproblematicar a sabedoria. Vocês sabem que uma das grandes heranças culturais da Antiguidade grega e romana é a busca da sabedoria. Ocorre que a ideia de sabedoria identificada a uma vida dotada de razão, uma vida regrada oposta a uma vida feita de paixão, não é satisfatória, na medida em que sabemos, principalmente a partir dos trabalhos de Antonio Damasio e Jean-Didier Vincent, que a razão pura não existe. Mesmo o matemático voltado para o cálculo demasiadamente racional tem paixão pela matemática. Não existe razão sem paixão. Em contrapartida, a paixão sem essa lanterna que é a razão se perverte em delírio. A nova sabedoria precisa, então, procurar a "dialógica", diálogo permanente, complementaridade no antagonismo, entre a razão e a paixão. Não há paixão sem razão, não há razão sem paixão. Não

se trata de uma sabedoria que pode ser programada, mas sim uma espécie de momento que deve se regenerar incessantemente para nos guiar na vida. Essa nova sabedoria reconhece, portanto, as virtudes da poesia, isto é, as virtudes do amor e do sentido de comunidade.

A missão do pensamento do Sul seria, então, restaurar o concreto, a existência, o que existe de afetivo na nossa vida. Restaurar o singular, não dissolvê-lo num universal abstrato, mas integrá-lo no universal concreto que liga a unidade à diversidade. Restaurar o contexto e o global. É um pensamento que deveria empenhar-se em restaurar as solidariedades concretas e não apenas as solidariedades que se degradaram nas nossas civilizações ocidentalizadas ou nortificadas, mas também a nova solidariedade planetária, cuja necessidade é vital para nós. Queremos uma mundialização de solidariedade e de compreensão, uma religião da fraternidade humana no sentido cunhado por mim de Terra-pátria.

O pensamento do Sul deveria restaurar valores que nele permanecem fortes, como o sentimento da honra e da hospitalidade. Deveria promover a regeneração ética a fim de poder regenerar as solidariedades e as responsabilidades, ao mesmo tempo em que defenderia a autonomia moral e intelectual. Dupla e una, essa autonomia comporta a busca da verdade e a abertura estética que nos fazem estar plenamente conscientes das imensas emoções propiciadas pelas artes, pela literatura, pelo espetáculo da natureza.

Saibamos que quando essa autonomia individual se degrada, um niilismo e um estetismo frívolo se instalam em nós. Seu caráter intolerável aposta num retorno às crenças absolutas e estreitas que acreditávamos ultrapassadas e em um retorno dos fanatismos e das intolerâncias. Saibamos, finalmente, que para dominar as angústias de todo tipo, impostas pela crise da humanidade, as únicas respostas às angústias, inclusive às angústias de morte, se encontram na comunidade, no amor, na doação de si. São esses os problemas da humanidade neste terceiro milênio. São esses os caminhos salutares. Já que o Norte não pode fazê-lo, cabe ao Sul assumir a condição humana.

A nave espacial Terra encontra-se na noite e na neblina. Ela segue provavelmente rumo às catástrofes, rumo ao abismo...

Muito felizmente, porém, na história humana o improvável às vezes aconteceu, e ainda bem que tenha sido assim. E talvez um dos improváveis mais admiráveis da história se encontre no Sul, no sul da Europa, na Grécia, cinco séculos antes da nossa era. Depois disso, um gigantesco império, o império persa, que já havia absorvido todas as cidades gregas da

Ásia Menor, para realizar uma última absorção, lançou-se à conquista da pequena cidade de Atenas. Apesar de todas as probabilidades em contrário, o pequeno exército ateniense, com a ajuda dos esparciatas, consegue resistir em Maratona e repelir o enorme exército dos persas. O império persa atacou Atenas uma segunda vez e, dessa vez, conquista, incendeia e saqueia toda a cidade: tudo parece perdido. Mas a frota grega preparou uma armadilha no golfo de Salamina para a enorme frota persa, que viu seus navios destruídos, um após outro, ao passar pelo estreito. Depois de Salamina, Atenas não sofreu mais o perigo persa e algumas décadas mais tarde nasciam a democracia e a filosofia. Esse triunfo do improvável deu, portanto, lugar à nossa cultura.

Podemos hoje restaurar uma esperança no improvável. Essa esperança não tem nenhuma certeza científica, porque a dita certeza científica do progresso foi atualmente abolida. Trata-se de uma esperança que não obedece a nenhuma promessa histórica, depois do colapso de todas as promessas de um futuro melhor, entre eles o radiante futuro soviético. Estamos falando de uma esperança que não é uma esperança qualquer, mas a esperança. Podemos fundá-la? Em primeiro lugar, podemos fundá-la na ideia da crise, porque o que é característico de uma crise, é que ela contém perigos enormes de regressão e destruição, mas também encerra chances de imaginação criativa, de diagnóstico pertinente, de elaboração de um caminho para a saída. Por que haveria um despertar criativo? Porque em todas as sociedades, como em todos os seres humanos, existem capacidades criativas adormecidas. Para explicitar meu argumento, uso o exemplo das células-tronco que dormem no adulto, em nossa coluna vertebral, em nosso cérebro. Como são polivalentes, são portadoras de capacidades regenerativas inéditas que permitem fabricar o fígado, o baço, o cérebro, a pele. Mais cedo ou mais tarde, a biologia e a medicina vão despertá-las...

Tomo o exemplo das células-tronco como metáfora para dizer que capacidades geradoras dormem nas sociedades e despertam em épocas de crise. Além do mais, em toda sociedade rígida, normalizada, em que as mentes são quase todas domesticadas, elas existem e podem despertar nos indivíduos desviantes: poetas, escritores, músicos, descobridores, *bricoleurs*.¹ Essas capacidades criativas podem, então, despertar com a crise e com o perigo.

Existe, igualmente, a aspiração à harmonia, que permeia toda a história da humanidade. Submetidos, porém, à organização social, às compartimentalizações, às hierarquias, salvamos cantinhos, pedacinhos de har-

1. Termo utilizado para definir criadores que não têm um projeto definido para a produção de objetos em geral, fazendo uso de resíduos culturais acabados. (N.T.)

monia na nossa vida cotidiana na medida do possível: em festas, em refeições compartilhadas com amigos, em jogos de futebol, nos nossos amores. A aspiração à harmonia foi expressa nos paraísos cristão e muçulmano. Foi expressa nas ideias libertárias socialistas, comunistas, mas o destino histórico decepcionou ou enganou até hoje essa aspiração. Ela se manifestou nas revoltas juvenis de maio de 1968, e voltará a se manifestar de qualquer modo. Em minha opinião, essa aspiração ainda vai suscitar outras regenerações.

Quando um sistema não é capaz de tratar seus problemas vitais e fundamentais, ele se desintegra, ou então é capaz de se metamorfosear, ou seja, de engendrar um metassistema mais rico que possa tratar esses problemas. O sistema Terra não consegue hoje tratar seus problemas vitais: o retorno da fome; a morte da humanidade representada pela utilização das armas nucleares; a degradação da natureza; a violência da economia. Nosso sistema encontra-se, portanto, condenado à morte ou à metamorfose. Claro, a metamorfose não se decreta. A metamorfose não se programa. Não se pode, talvez, até mesmo prever a forma que essa nova sociedade assumiria na escala do mundo, algo que certamente não negaria as pátrias, mas criaria uma verdadeira Terra-pátria. Então busquemos, busquemos os caminhos, caminhos improváveis, é verdade, mas possíveis, que permitirão caminhar na direção da metamorfose. Seria essa a missão grandiosa e universal do pensamento do Sul.

ADÃO, ANTONIETA CAPPARELLI

Pedagoga pela PUC-Rio, pós-graduanda no curso "Saberes e práticas da educação básica em educação de jovens e adultos", da Universidade Federal do Rio de Janeiro; assessora-técnica da Gerência de Educação e Ação Social do SESC Departamento Nacional, atua no núcleo das atividades Educação de Jovens e Adultos, Cursos de Valorização Social, Ensino Médio e Educação Complementar. Apresentou comunicação sobre material didático no I Seminário em Educação de Jovens e Adultos (SEEJA), na PUC-Rio, em 2010. Realizou intercâmbio na Universidade Autônoma de Madrid, Espanha, em 2005. Participou do grupo de pesquisa "Educação, cotidianos e culturas" (GECEC); bolsista pelo CNPq, sob a coordenação de Vera Maria Candau, de 2003 a 2005.

A esperança vem do Sul

Norte e Sul. Relativizar essas duas posições geográficas não é simplesmente dividir o planeta em hemisférios Sul e Norte. É, também, apresentar pensamentos e formas de ver e estar em um mundo no qual um determinado pensamento hegemônico, do Norte, sobrepôs seus valores, crenças e costumes a outras culturas, difundindo pelo planeta, nos aspectos econômicos, sociais, técnicos, políticos e culturais, uma lógica perversa de eficácia, consumo, lucros e um progresso que vem colocando em xeque a nossa própria existência na Terra.

Sem desprezar as heranças culturais vindas do Norte, e valendo-se das devidas contribuições, emerge a necessidade de um pensamento que problematize o mundo, as relações que o homem estabelece com a natureza, respeitando a diversidade presente na unidade, de forma que o exercício da cidadania não se limite pela origem étnica de um ser humano. Um pensamento que confronte o instinto devorador hegemônico.

Norte e Sul. Prosa e poesia. Hemisférios direito e esquerdo do cérebro. O que corresponde a cada um? Ao Norte, a prosa e o hemisfério esquerdo, lógica, racionalidade; ao Sul, poesia e hemisfério direito, criatividade e sensibilidade? Nada precisa ser tão preto no branco. Ao sugerir a mistura

das heranças culturais e reintegrá-las, Morin aponta que ao Sul cabe não reduzir a complexidade dos fenômenos, pois a qualidade de vida depende de suscitar as questões fundamentais que angustiam o ser humano. E, nesse sentido, há que se reproblematicar a sabedoria, a razão, sem que a centralidade do pensamento no lucro e no poder embote nossa generosidade e dignidade com a vida.

Ao Sul — ou melhor, aos "suis" — não cabe somente o romantismo e a poesia dos seus belos cenários, que paira no imaginário do Norte como o destino de relaxamento para seus estresses, oriundos dos negócios. Como diz Morin: "reanimado pelo pensamento do Sul pode voltar às ocupações, ao *business*, à técnica, ao poder". O Sul também é prosa, é sobrevivência.

Diante dos impasses, das vulnerabilidades decorrentes das crises "entre os seres humanos e a natureza, das sociedades tradicionais que tendem a se desintegrar sob o dinamismo dessa mundialização que, na verdade, é uma ocidentalização", a esperança e a harmonia são alimentadas em momentos curtos de lazer e em celebrações com amigos e familiares. As promessas de uma vida melhor na modernidade decepcionaram, assim como a harmonia nos ideais socialistas e comunistas.

Um pensamento do Sul, que restaure a ética, a esperança, a harmonia, a solidariedade, "o contexto e o global", o sentido do amor e de comunidade, diante desse caos planetário, talvez seja o caminho para solucionar essas questões. É claro que para não chegarmos a um destino fatalista, o caminho são os processos de metamorfose.

AGUIRRE, JULIO LEÓNIDAS

Licenciatura en Ciencias Políticas y Administración Pública por la Universidad Nacional de Cuyo (UNCuyo). Doctorando en Ciencias Políticas por la Universidad Nacional de San Martín (UNSAM). Investigador del Centro Interdisciplinario para el Estudio de Políticas Públicas (CIEPP). Investigador de la Comunidad de Pensamiento Complejo (CPC). Líneas de investigación: pensamiento complejo, teoría de los sistemas complejos, ciencias de la complejidad, epistemología de las ciencias sociales, metodología para la investigación de las ciencias sociales, teorías y métodos de las políticas públicas y sociales, regímenes de bienestar.

Pensamiento del Sur

El pensamiento del Sur debe constituirse contra hegemónico al menos en dos sentidos: a) dar cuenta de una alternativa para pensar/hacer al mundo distinto de lo impuesto por el pensamiento moderno occidental. b) Debe oponerse a las acciones concretas que configuran la hegemonía del pensamiento reduccionista moderno occidental: la actual configuración de los procesos de globalización, la actual estructura de la economía mundial, el criterio actual de desarrollo y su depredación de la biodiversidad natural, el sistema de ideas mediante el cual se legitiman acciones militares desde el Norte hegemónico hacia el resto del planeta y la particular configuración que han adoptado las sociedades postindustriales modernas que llevan a la polarización de las sociedades y la falta de cohesión social.

Para poder constituirse en contra-hegemónico, el pensamiento del Sur debe, en palabras de Morin, problematizar el mundo (en su actual configuración civilizatoria) y problematizar el propio instrumento de la problematización, la razón. Para ello, no solo debe dar cuenta de nuevas formas de conocer sino que, además, debe orientarse en torno a un compromiso ético político en pos del cambio civilizatorio. Esta difícil tarea debe, indefectiblemente, involucrar no solo al ámbito científico/académico sino también a la ciudadanía en su conjunto, el arte, la política, la economía, la cultura.

Es por esta cualidad multidimensional que el pensamiento del Sur debe adoptar sus pautas de reproducción y romper los altos muros de la academia para insertarse de lleno en la sociedad a través de un compromiso militante. Para esto, debe adoptar un lenguaje cotidiano (que se aleje del lenguaje, por momentos abstruso e impenetrable de la ciencia) que genere pautas normativas para orientar la conducta (individual y social) hacia una nueva forma de ver y hacer la vida.

Es por esto último que considero que el punto de partida de pensamiento del Sur sea reencontrarse con su herencia cultural originaria. Para lograr integrarse en un mundo cada vez más multicultural, el pensamiento del Sur debe dar cuenta de aquellos simples conceptos que le "hablan" al *espíritu* humano. En este sentido, el texto de Morin llama a una recuperación de dos principios éticos vitales: la solidaridad y la responsabilidad. En mi opinión, estos principios se encuentran enraizados en la idea del *sumak kawsay*, el "buen vivir".

La idea del *sumak kawsay* (incorporada en el Art. 14 de la nueva constitución de Ecuador) es una concepción indígena ancestral y herencia cultural fundamental del los pueblos originarios de América Latina. Deviene de la mitología kichwa y considera que el buen vivir se conquista a partir del reconocimiento del derecho universal de las personas a vivir en un ambiente sano y ecológicamente equilibrado que garantice la sostenibilidad. La armonía con el medio ambiente (social y natural) involucra a las ideas de responsabilidad (cuidado sustentable del medio vital) y solidaridad (armonización con los otros).

El buen vivir así entendido, se podría transformar en el nuevo horizonte a seguir, dejando de lado las nociones lineales de desarrollo como crecimiento económico que han marcado las agendas gubernamentales desde hace ya dos siglos. Poner en valor la calidad de vida y la armonía con el medio ambiente por sobre la acumulación (que se vehiculiza en las clases dominantes a través de la búsqueda de riquezas y poder, y en las clases dominadas aparece configurada bajo la lógica del consumismo exacerbado con su falso sentido de pertenencia) llevaría a recorrer nuevos caminos que, contruidos desde el pensamiento del sur, nos permitirán acompañar el cambio social.

Por eso, el *sumak kawsay*, al incorporarse como un concepto central del pensamiento del Sur, asistiría en los dos principios contra hegemónicos mencionados previamente.

Las nuevas constituciones de Ecuador y Bolivia incorporan en sus textos menciones explícitas de conceptos centrales de la herencia cultural del Sur

(como el *sumak kawsay*, la armonía del hombre con la naturaleza y la convivencia que demanda nuestra diversidad étnico/cultural).

Caben destacar los importantes aportes que a lo largo de la historia reciente de nuestros países han llevado adelante grandes pensadores con el objeto de construir un camino alternativo: Simón Bolívar, José Martí, José Carlos Mariátegui, Víctor Raúl Haya de la Torre, Octavio Paz y otros. A estos, debemos sumar comunidades académicas que sistemáticamente buscaron teorías alternativas para mirar el mundo desde el Sur: La CEPAL y la Teoría de la Dependencia (Andre Gunder Frank, Raul Prebisch, Theotonio Dos Santos, Enrique Cardoso, Edelberto Torres-Rivas) o el Pensamiento Decolonial y la nueva Filosofía Latinoamericanista (Dussel, Roig, Boaventura de Sousa Santos y otros).

El proyecto del libro colectivo *La emergencia de los enfoques de la complejidad en América Latina. Desafíos, contribuciones y compromisos para abordar los problemas complejos del siglo XXI*, impulsado por la Comunidad de Pensamiento Complejo, se inserta, claramente, en un nuevo intento por ayudar a la búsqueda para construir de forma participativa un nuevo pensamiento del Sur.

Los movimientos contra autoritarios que hilvanan la historia latinoamericana, si bien provinieron de distintas corrientes ideológicas y tenían como objetivo diversas reivindicaciones sociales, son un ejemplo del compromiso militante de nuestros pueblos en contra de aquello que les viene impuesto. La integración de grupos artísticos, políticos, sociales, organizaciones económicas etc., en torno a estos movimientos, son un ejemplo de lucha que debe ser siempre recuperado como reivindicación histórica de las luchas por un mundo distinto. Asimismo, estos movimientos contra autoritarios operaron como configuradores de identidades (individuales y colectivas) alternativas a las imperantes. Estas experiencias históricas son ricas en lecciones que debemos tomar al momento de buscar construir una nueva identidad para un nuevo pensamiento del Sur.

La construcción colectiva de un pensamiento del Sur involucra un compromiso institucional central. Para que este sea posible, deben profundizarse los intentos por integrar a los pensadores críticos de la región construyendo cátedras itinerantes que, eventualmente, hagan escuela en toda la región, incluso, profundizando la idea de una Universidad Latinoamericana cuyo objetivo central sea la construcción, crítica y desarrollo de un pensamiento del Sur.

Para esto debemos centrarnos, primariamente, en dos críticas: a) una crítica epistemológica que permita dar cuenta de los límites y las caren-

cias de los paradigmas dominantes y, ante ellos, oponga un paradigma alternativo basado en un pensamiento del Sur. b) una crítica institucional que ponga en tela de juicio la actual estructuración de la ciencia y los saberes en espacios estables cuyas esporádicas integraciones suelen perseguir criterios de rentabilidad (orientadas por los mercados tanto económicos como académicos).

El pensamiento del Sur debe estar abocado a dar respuesta a los problemas centrales de nuestros países (como la pobreza, la desigualdad, la falta de cohesión social, entre otros) así como también, debe tomar la posta de aquellos problemas que se vuelven globales (el problema medioambiental, la guerra y las nuevas modalidades de violencia y crimen organizado, entre otros).

Por último, el pensamiento del Sur debe ser capaz de armonizar las distintas formas de conocimiento, las artes y la cultura con el objetivo de constituirse en una estrategia civilizatoria integral que recupere la herencia de nuestros pueblos originarios y su ancestral sabiduría de vida.

ALMEIDA, MARIA DA CONCEIÇÃO DE

Professora titular do Departamento de Educação da UFRN. Doutora em Ciências Sociais pela PUC de São Paulo. Professora dos Programas de Pós-Graduação em Ciências Sociais e em Educação da UFRN. Coordenadora do Grupo de Estudos da Complexidade (Grecom) — primeiro ponto brasileiro da Cátedra Itinerante Edgar Morin para o Pensamento Complexo (Unesco). Membro da Association Pour La Pensée Complexe, Paris, França, e do Conselho Científico Internacional da Multiversidad Mundo Real Edgar Morin, México. Principais publicações: *Complexidade, saberes científicos e saberes da tradição*, 2010; *Cultura e pensamento complexo* (coautoria com E. de A. Carvalho), 2009; *Para compreender la complejidad*, 2008; *Lagoa do Piató: fragmentos de uma história* (coautoria com W. F. Pereira), 2006.

Pensamento do Sul como reserva antropológica

Marcadas por incertezas, apostas e esperanças, as ideias de Edgar Morin no texto "Para um pensamento do Sul" expressam resistência ao cenário da globalização, que tem oscilado entre a norte-americanização e a ocidentalização das culturas. Destituídas do sentido unicamente territorial e geográfico, as noções de Norte e Sul passam a significar modos de pensar e viver que se organizam por princípios, valores e práticas distintas. O Sul, a ser concebido no plural, "suis", diz respeito a reservas antropológicas da condição humana; capacidades criativas de regeneração da diversidade cultural; estilos de viver mais próximos da dinâmica da natureza estendida; cultivo de valores capazes de problematizar a homogeneização tecnoeconômica do planeta; potenciais de emergências e ruídos no interior de uma mundialização imersa em crises de várias ordens; operador cognitivo que poderia restaurar o singular, o concreto, a dialógica local-global; expressão de valores como solidariedade, honra, hospitalidade, esperança no improvável e aspiração à harmonia; recusa a um universal abstrato e aos mitos do desenvolvimento e do progresso sem limites.

Distante das posições teórico-acadêmicas que se encarceram nas utopias irrealizáveis, no medo do desvio, no imobilismo, na vitimização e no ressentimento, as reflexões de Edgar Morin sublinham a necessidade de

"integrar as contribuições benéficas do Norte", suas conquistas democráticas, seus avanços emancipatórios. Trata-se, no entanto, de "recusar seus aspectos perversos e nocivos e, sobretudo, recusar sua hegemonia". O pensamento do Sul diz respeito a uma ecologia das ideias e a práticas socioculturais que favorecem as forças da criatividade, da diversidade ecológica e de formas de viver tão necessárias a uma metamorfose da vida no planeta Terra — o que inclui a vida humana, mas não se reduz a ela. Ao reconhecer o pensamento do Sul como pensamento complexo, Morin demonstra, mais uma vez, a expansão das matrizes epistemológicas por ele construídas e permanentemente reorganizadas.

A simpatia, o apoio e a adesão a um pensamento do Sul decorrem, de minha parte, de uma experiência de pesquisa e intercâmbio de ideias com populações de origem rural desde os anos de 1970. A sistematização ampliada dessa experiência, que inclui a concepção de "intelectuais da tradição", encontra-se em *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição* (Livraria da Física, 2010).

EXPERIÊNCIAS INOVADORAS: UM CARDÁPIO ABERTO

Mesmo uma observação superficial do mundo atual permite visualizar focos de criatividade e resistência à monocultura da mente, à colonização do imaginário, à ocidentalização do planeta, à civilização da betterra, à "macdonização" do mundo, conforme expressões de Vandana Shiva, Serge Latouche, Edgar Morin, Claude Lévi-Strauss, Maurice Holt. É possível identificar já agora casulos de um pensamento do Sul. Um cardápio aberto de proposições e experiências inovadoras já se encontra exposto e requer problematização, reorganização, disseminação. Cito quatro dessas experiências:

a) No que diz respeito à velocidade do tempo como um valor hegemônico, o movimento *Slow Food* (decorrente de uma piada do jornalista Carlo Petrini, em 1986, diante de uma loja do Mc Donald's em Roma) expande-se por congressos internacionais, universidades e escolas norte-americanas. Ao lado do padrão *fast food*, temos hoje a revalorização da culinária tradicional e do cultivo e comercialização de produtos orgânicos. Na Itália e em outros países europeus, as chamadas "cidades desaceleradas" criam regras para reduzir o trânsito de automóveis e criar espaços verdes para encontros e caminhadas. A redução da velocidade serve também de modelo educacional. A *slow school* é uma alternativa à *fast school*. Nas palavras de Maurice Holt, ela "trata de filosofia, tradição, comunidade e escolhas morais". O movimento *Slow Food* tem por meta valores como dignidade e herança cultural e se opõe a "um modo de vida baseado unicamente na pressa e na conveniência". Tais experiências são

apresentadas em *Alfabetização ecológica*, por Fritjof Capra, David W. Orr, Maurice Holt et al. (Cultrix, 2006).

b) Quanto ao fortalecimento da cultura local e a manutenção das populações em seus lugares de origem, faço referência ao Centro de Estudos Universitários Arkos, em Puerto Vallarta, México. O Arkos direciona seus cursos para a formação de profissionais que respondam às demandas da própria cidade, com vistas a reduzir a emigração e reforçar o compromisso do cidadão com seu lugar. A inserção da Arkos na comunidade local é visível e a população da cidade participa ativamente nos debates da universidade.

c) Reconhecimento de saberes indígenas. O Instituto Indígena Brasileiro para a Propriedade Intelectual (Inbrapi), dirigido pelo educador indígena Daniel Munduruku, tem incentivado homens e mulheres de etnias diversas a construir uma formação universitária que não suprima, mas amplie as experiências culturais originárias. O projeto Encontros com a Literatura Indígena, entre outros, responde por estratégias de valorização de experiências e saberes indígenas.

d) Projeto de Extensão Estaleiro de Saberes. Coordenado pelo Grecom (UFRN), é uma atividade para atualização de professores da rede pública do ensino básico. Existe há três anos e procura sensibilizar os educadores para a importância e o reconhecimento de saberes técnicos e especulativos de intelectuais da tradição; construir estratégias de método que tornem tais saberes complementares aos da cultura científica escolar; dar a conhecer a publicação de livros paradigmáticos que registram os conhecimentos sistematizados pelos intelectuais da tradição, com o apoio dos pesquisadores do Grecom (coleção *Metamorfose*, publicada pela Editora Flecha do Tempo, com seis volumes sobre ecossistema, previsão climática, histórias de Trancoso etc.). Os encontros se circunscrevem às seguintes temáticas: Ecologia e Ciências da Saúde; Saberes da tradição, Música e cosmologia; Paisagens sonoras e cultura da criança; Cosmologia e matemática da tradição; Patrimônio, história oral e literatura. A matriz de referência para o Estaleiro associa dois livros de Edgar Morin (*A cabeça bem-feita* e *Os sete saberes necessários à educação do futuro*), um livro sobre cosmologia indígena (*O céu dos Tembê*), fragmentos de teses de doutorado, dissertações de mestrado e monografias, frutos das pesquisas na região, além de saberes sistematizados pelos intelectuais da tradição, *sites* da internet e vídeos.

QUESTÕES PRIORITÁRIAS

Como proceder a uma crítica do processo civilizatório sem nos deixar contaminar pelos sentimentos de revanche, vitimização ou de ilusão de

volta ao passado? Como assumir para nós (no lugar que cada um ocupa) os ideários de um pensamento do Sul, sem nos instituímos como legítimos representantes das numerosas populações e da diversidade de saberes excluídos da rede de comunicação da tecnociência? Como fazer para identificar, escolher e potencializar as reservas criativas e regenerativas dos saberes da tradição, pondo-as à disposição de uma ecologia das ideias? Como incentivar e apoiar iniciativas minoritárias, de modo que elas se transformem em casulos de experiências mais alargadas e mesmo mais institucionalizadas?

ALMEIDA, ROSILENE SOUSA

Pedagoga, mestre em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Assessora-técnica do Serviço Social do Comércio (SESC/Administração Nacional), atuando na Coordenação Nacional do Projeto SESC LER com foco na alfabetização e escolarização de jovens e adultos. Já atuou como professora do curso de Pós-Graduação em EJA, na Universidade Estácio de Sá e na Universidade Federal Fluminense (UFF). Realiza assessoria pedagógica em diversas Secretarias Municipais de Educação. Desde 1999 é membro do Fórum de Educação de Jovens e Adultos no Estado do Rio de Janeiro. Faz parte da Comissão Estadual da Agenda Territorial de Desenvolvimento Integrado da Alfabetização e da Educação de Jovens e Adultos.

A cegueira: o movimento do mundo e a reforma das instituições e mentes

"Há uma inadequação cada vez mais ampla, profunda e grave entre os saberes separados, fragmentados, compartimentados entre disciplinas e, por outro lado, realidades e problemas cada vez mais polidisciplinares, transversais, multidimensionais, transnacionais, globais, planetários."

(MORIN, 2000)

Entendendo a atual realidade, no campo do saber institucionalizado, Morin toca no verdadeiro estado do processo em mutação no mundo: a urgência de uma reforma do pensamento que sintonize com uma nova perspectiva de um mundo em constante redescoberta. Dentre a gama de fenômenos e temas estudados por esse filósofo, destacamos o confronto entre o mundo das certezas, herdado da tradição, fundado na concepção da racionalidade explicável por leis naturais, simples e imutáveis, e o mundo das incertezas, gerado pelo nosso tempo de transformações; o mundo complexo.

A partir dessa visão, entendemos que há uma correspondência entre o pensamento do Norte e do Sul. Apesar das óticas e focos diferenciados, percebe-se que em algum momento esses pensamentos se complementam e interagem, passando por transformações, frutos dessas conexões.

Por outro lado, como nos alerta Morin, essas transformações vão depender da crescente conscientização dos homens em relação a elas e ao novo lugar que cabe a cada um de nós nesse novo universo. Nos rastros do pensamento complexo, o que nos importa ressaltar aqui é o fato de que, no lugar do sujeito seguro, baseado em certezas absolutas, fundado no pensamento tradicional, está hoje um sujeito interrogante, do diálogo, das incertezas. Um sujeito que, diante desse mundo em acelerada transformação, busca encontrar um novo centro ou novo ponto de apoio, para uma nova ordem, em meio ao oceano de dúvidas e incertezas. Por isso, não há como dizer que um determinado pensamento é certo, errado ou superior, inferior ao outro.

Percebemos que uma das áreas em que o pensamento complexo vem causando maior impacto é a da Educação. Área que, por natureza, deve ser o centro ou a síntese da sociedade, cujos valores e conhecimentos de base tem a tarefa de disseminar às novas gerações. Concordamos, assim, com o pensamento de Brandão (1981), de que "quando o educador pensa a educação, ele acredita que, entre homens, ela é o que dá a forma e o polimento. Mas ao fazer isso na prática, tanto pode ser a mão do artista que guia e ajuda o barro a que se transforme, quanto à forma que iguala e deforma". Por isso, nesses tempos de mudanças estruturais, a Educação se vê diante desses impasses na relação sociedade-escola, trazendo à tona a necessidade de mudanças de paradigmas e, conseqüentemente, de tentativas de reforma, conforme sinaliza Morin (2000): "não se pode reformar uma instituição, sem uma prévia reforma das mentes, mas não se pode reformar as mentes, sem uma prévia reforma das instituições".

As divergências e contradições entre o pensamento do Norte e do Sul revelam a busca de superação em face às mudanças estruturais da sociedade. Isso acontecerá, como destacou Morin, com a reforma das instituições e das mentes, e pelo entendimento de que esses são processos indissociáveis.

Partindo da busca de uma nova forma — pois o que está hoje no mundo pode tanto nos levar a uma nova e esplendorosa civilização, quanto lançar-nos em uma nova barbárie —, Edgar Morin nos convida a pensar no fato de que tudo depende de nós; e a complexidade é o caminho para o novo conhecimento. Cabe, portanto, a nós escolher entre ficar à margem ou mergulhar nessa complexidade.

No romance *Ensaio sobre a cegueira*, o escritor português José Saramago conta a história ocorrida em uma grande cidade onde as pessoas

começam a ficar súbita e inexplicavelmente cegas. O problema se torna contagioso e a propagação do surto retrata o início de uma gama de terríveis acontecimentos, centrados numa só realidade: as desventuras de uma sociedade que, acostumada à unidimensionalidade, a um modo quase único de perceber o mundo, é de repente levada a depender por inteiro dos demais sentidos, que sempre havia mantido em plano secundário.

A história revelada nesse livro nos traduz uma metáfora das desventuras de uma sociedade cujo principal modo de perceber o mundo foi suspenso. A isso se adiciona o fato de que esse modo de percepção, por sua própria natureza, impede as pessoas de buscar referenciais externos, com o resultante apagamento progressivo da vida interior, levando-as a partir para a busca de uma solidariedade perdida e a perceber o quanto estão mais preparados para a competição do que para a parceria. Esse romance de Saramago pode ser interpretado como um questionamento ao pensamento único, apropriado pelo poder de uma cultura em que o homem perdeu o sentido da globalidade e o de si mesmo, retomando nossa forma de ver e entender o mundo, traduzida em um saber que questiona a cegueira do modelo mental dominante. Modelo esse que pode ser traduzido pelas diferentes formas de pensar do Norte e do Sul, entendendo que não há como compreender um pensamento superior ou inferior ao outro, pois vivemos em uma sociedade plural e diversa, com culturas infinitas, e que nos fazem seres individuais, unos, porém frutos, de interações em constante transformação. No entanto, essas relações também nos levam à competição, ao preconceito, à superioridade, e precisamos urgentemente criar meios de lidar com isso. O resgate da solidariedade perdida é uma das possibilidades, como abordou Saramago.

A reflexão aqui apresentada traduz uma tentativa de compreender as divergências dos pensamentos do Norte e do Sul, revelando que a interação entre os homens é condição *sine qua non* para enfrentar as mudanças estruturais pelas quais a sociedade vem passando, sendo a Educação um dos caminhos possíveis para esse enfrentamento.

E isso se desenvolverá em sua plenitude quando tivermos em conta o importante papel que a Educação tem na formação de sujeitos interrogantes, nesse diálogo com a reforma necessária tanto da instituição como das mentes, como nos alerta Morin. E não precisamos ficar cegos, como na história de Saramago, para percebermos que a parceria e a solidariedade são condições para nos sentirmos pertencentes a esse mundo global, complexo, transdisciplinar, multidimensional, transversal...

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita:** repensar a reforma, reformar o pensamento. 8. ed. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, Edgar. **A inteligência da complexidade.** São Paulo: Peirópolis, 2000.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo.** Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

**BARROS, LUIZ FERNANDO
DE MORAES***

**CHARRET, HELOIZE
DA CUNHA****

**MELLO, EDIR FIGUEIREDO
DE O. TEIXEIRA DE*****

*Doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, atualmente é professor da Escola SESC de Ensino Médio, onde coordena a Área de Códigos e Linguagens.

**Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica, atualmente é professora da Escola SESC de Ensino Médio, onde coordena a Área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias.

***Doutora em Ciências Sociais pela Universidade do Rio de Janeiro, atualmente realiza pesquisa no Observatório do Ensino Médio, equipe da UERJ, financiada pela Faperj, e é professora da Escola SESC de Ensino Médio, onde coordena a Área de Ciências Humanas e Sociais.

Pensamento do Sul: uma bússola para um novo mundo?

Por que esse título? Ora, em primeira instância, uma bússola pode ser definida apenas como um instrumento científico destinado à orientação. Sabemos que ela aponta uma direção, o Norte, o qual serve de referência, um guia que nos possibilita o deslocamento, com certa precisão e segurança, enfim, apontar caminhos e elaborar mapas. Cabe destacar, entretanto, que o Norte só é Norte em relação ao Sul. Dessa forma, podemos observar, tal qual brilhantemente o fez Edgar Morin, que nessa polarização o que está em jogo não é apenas a representação de posições espaciais diametralmente opostas e, sim, as relações aí constituídas.

Nesse sentido, vale a pena resgatar, privilegiando as reflexões desse pensador, o que as relações entre Norte e Sul representam no contexto da modernidade ou, como sugerem alguns autores, da pós-modernidade.² Seguindo as pistas de Morin, para além dos preceitos técnicos e científicos, concebeu-se sócio-historicamente uma noção de Norte arraigada no conceito de progresso, do domínio da técnica, da fragmentação

2. Sobre o conceito de pós-modernidade, indicamos as seguintes obras de referência: ANDERSON, Perry. *Origens da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999; BAUMAN, Zygmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001; e LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

do saber, da hegemonia e da homogeneização cultural e política. Em contrapartida, ao Sul, visto como lugar subdesenvolvido, atrasado, onde proliferam a pobreza e a ausência, entre outras mazelas, atrelou-se a visão do terceiro dos mundos. Contudo, se o delineamento desses contrastes pareceu demarcar fronteiras bastante rígidas, contemporaneamente, assistimos à emergência de uma corrente de pensamento que advoga a necessidade de questionarmos esse modelo reducionista, a saber: o pensamento do Sul.

Como paradigma alternativo ao do Norte hegemônico, o pensamento do Sul propõe a relativização dessa dicotomia. Não se trata, entretanto, de demonizar o Norte ou santificar o Sul, mas, sim, de construir uma reflexão que traduza uma lógica menos hierarquizante. Quais contribuições um e outro podem agregar para erigir dimensões mais satisfatórias entre os indivíduos e desses com o planeta? Como diminuir distâncias aparentemente indissolúveis? Como construir a unidade na diversidade, valorizando a alteridade como fonte de conhecimento e possibilidade de superação das desigualdades?

Sem dúvida alguma, essa perspectiva não nega as peculiaridades do Norte e do Sul, tampouco aquilo que se construiu ou destruiu no encontro entre esses dois mundos. Entretanto, é preciso reconhecer que é nessas mesmas peculiaridades que subjaz a riqueza do diálogo. Precisamente por essa lógica é possível combinar a objetividade técnico-científica trazida pelo Norte e os saberes ancestrais acerca da relação do homem com a natureza, oriundos da cultura do Sul. Na mesma direção, podemos pensar nas possibilidades humanitárias, culturais, estéticas e afetivas que o progresso tecnológico no campo das comunicações oferece ao dissipar distâncias espaciais e temporais. É inegável, por exemplo, a difusão crescente de expressões artísticas, culturais e mesmo científicas advindas do Sul no cenário mundial. Outro aspecto igualmente relevante é a constituição de patrimônios multiculturais em nível global produzidos pela combinação de diversas manifestações étnicas e religiosas.

Dentro dos limites dessa proposta, sem ambição de esgotar os temas sugeridos nesta reflexão, cabe elencar algumas experiências que ilustram o caráter objetivo que o pensamento ou as identidades do Sul vêm assumindo no cenário mundial contemporâneo.

Em uma observação preliminar, podemos destacar a valorização crescente que os países da América Latina vêm atribuindo à educação em todas as suas dimensões e, prioritariamente, em seu aspecto formal. Não obstante, isso se faz notar na drástica redução dos níveis de analfabetismo, comprovada pelos índices de desenvolvimento humano nesses territórios.

Merece destaque a produção de políticas públicas voltadas para a inclusão social de minorias sociológicas e o reconhecimento da pluralidade cultural e étnica. Por esse caminho, chama atenção também a configuração progressiva de um pensamento que insta o trabalho como princípio pedagógico e a pesquisa como princípio educativo. Tal pensamento sugere o desenvolvimento do ato criativo e inventivo no processo de ensino aprendizagem, além da inegável promoção dos ambientes formais de educação ao posto de produtores de conhecimento e não somente de transmissores de saberes.

Não podemos deixar de mencionar o conceito de democracia como valor unânime dentro do pensamento do Sul; única maneira de garantir a reforma da ética em busca de uma verdade para a existência humana, como nos ensina Morin.

A despeito dos avanços mencionados, há, contudo, questões que precisam ser problematizadas pelo olhar do Sul. Está claro que, historicamente, o Norte dedicou uma quase cegueira às dinâmicas sociais e culturais do Sul, que, por sua vez, aceitou essa condição marginalizada ao longo de vários séculos. Sendo assim, voltados agora para uma nova lógica, que valoriza o pensamento do Sul, poderíamos dizer que a grande missão de tal olhar seria religar os indivíduos em torno dos desafios que são de fato coletivos: a má distribuição de renda, a preservação ambiental, a escassez de recursos naturais não renováveis, o preconceito. Enfim, cabe ao espírito humano lançar um novo olhar para o Sul, destituído da cegueira histórica, como forma de religar esses dois lugares, antes antagônicos, criando a harmonia necessária para a vida. Transformando-a em poesia para a existência na Terra.

O pensamento do Sul, por tudo isso, reforça a urgência da conciliação entre polos que, no fundo, são complementares e não excludentes. Essa é a essência da troca: o objeto trocado é talvez menos importante do que o próprio contrato humano estabelecido em parceria. Não são os bens intercambiados que importam; o ato recíproco é que reforça laços de humanidade. Como nos diz Marcel Mauss em seu sensível *Ensaio sobre a dádiva*: "No fundo, são misturas. Misturam-se as almas nas coisas; misturam-se as coisas nas almas. Misturam-se as vidas e eis como as pessoas e as coisas misturadas saem, cada uma, das suas esferas e se misturam: o que é precisamente o contrato e a troca".³

3. MAUSS, Marcel. "Ensaio sobre a dádiva — Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas". In : _____. *Sociologia e Antropologia*. v. II. São Paulo: Edusp, 1974.

CARRIZO, LUIS

Mag. Luis Carrizo CLAEH/Centro Latinoamericano de Economía Humana (Uruguay) é psicólogo, especializado en Psicología Social y Maestro en Desarrollo Regional y Local. Doctorando en Ciencias Sociales en la Universidad de Buenos Aires. Ha sido Vicerrector Académico del Centro Latinoamericano de Economía Humana (CLAEH, 2006-2010) y actualmente es responsable de su Unidad de Investigación y Política. Coordinador Académico de la Cátedra de Condición Humana y Complejidad en la misma institución. Director ejecutivo de la Fundación Economía y Humanismo. Consultor y asesor de diversos organismos internacionales (Unesco, UNFPA, OEA, OEI, BID). Integra el Consejo Consultivo de la Escuela Nacional de Administración Pública y el Consejo Consultivo de Educación Terciaria Privada (Ministerio de Educación y Cultura). Es miembro del Comité Científico del Institut International de Recherche Politique de Civilisation. Integra la Coordinación del ORUS (Observatorio Internacional de Reformas Universitarias). Es miembro del Grupo de Expertos en Educación en Valores y Ciudadanía, asesor del Secretario General de la Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI).

Temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur

De acuerdo a lo planteado por Edgar Morin en su documento de base para este Encuentro, la noción de pensamiento del Sur se constituye a partir de una reflexión *dialógica* que integra visiones que son — a la vez — contradictorias, complementarias y concurrentes. Se trata, la *dialógica*, de un concepto llave en la obra moriniana, sobre el que se funda una propuesta epistemológica y política que quiere conducir a una reforma del pensamiento y de la acción.

Desde esta perspectiva, Morin se enfoca en concebir un pensamiento del Sur cuya vocación sea la de integrar creativamente visiones culturales que aparecen a primera vista como excluyentes entre sí, tales como la racionalidad del paradigma dicho del norte y la espiritualidad del paradigma dicho del Sur. El autor aclara, con justa razón, que no se trata de posiciones geográficas; estas representan más bien posiciones ideológicas y políticas, que se instalan en el eje de la dominación y la búsqueda de hegemonía.

El viraje propuesto por este "pensamiento del Sur" moriniano se constituye a partir de la integración dialógica, tanto a nivel local como global, de las virtudes y valores de ambos paradigmas, en el marco de

una política de civilización que conjugue y recree los "opuestos" a favor de una nueva visión del mundo. A partir de esta nueva formulación (que en la obra moriniana deriva en múltiples aplicaciones y, en especial para lo que nos compete en este trabajo, en la caracterización del *homo sapiens/demens*), se problematizan las nociones de desarrollo, humanismo, racionalidad, espiritualidad, realidad, mundialización, producción, autonomía, unidad y diversidad. El camino de esta reflexión lleva a identificar componentes que son sistemáticamente excluidos de uno y otro componente del binomio Norte-Sur: así tenemos la solidaridad en la racionalidad productiva; la responsabilidad en el desarrollo científico-tecnológico; la lógica técnica en las economías tradicionales; y finalmente la autonomía en sociedades comunitarias, con impacto en la concepción de derechos.

Desde esta perspectiva, es posible explorar con visión crítica la riqueza del binomio Norte-Sur, identificar sus necesarias complementariedades y denunciar los reduccionismos que llevan a las miserias de una y otra cultura. Morin, apasionado humanista, convoca al sur para promover un camino que conduzca a un nuevo paradigma. Como lo ha hecho ya desarrollando un Método, describiendo los fundamentos del Pensamiento Complejo, estableciendo las bases para una Educación del futuro, en camino hacia una Política de Civilización, en fin, proponiendo una visión única y diversa, local y global, para concebir y vivir la Tierra-patria. El pensamiento del sur deberá ser, según el pensador francés, quien asuma la condición humana en este tercer milenio.

EXPERIENCIAS INNOVADORAS

Para este apartado, me permito hacer referencia a algunas experiencias en las que participo directamente y que pueden contribuir a ilustrar lo que el autor del documento base describe como pensamiento del Sur. Se trata de experiencias en proceso, que han mostrado cualidades de impacto en sus respectivos universos de participación, y que se están aplicando actualmente en tres ámbitos diferentes: administración pública, formación científica y desarrollo local.

ADMINISTRACIÓN PÚBLICA

Formación de directores públicos en la Escuela Nacional de Administración Pública, Uruguay (Coordinador Académico). La experiencia se viene implementando desde 2007 y constituye un espacio de diálogo entre realidad, teoría y metodología de análisis y resolución de problemas, con

base en una mirada a la vez técnica y cultural de la dirección pública. Sus características fundamentales son:

- a) la transversalidad disciplinaria de su proceso y contenidos;
- b) la cualidad aplicada del aprendizaje;
- c) el entrenamiento de los participantes en el análisis de situaciones y en la toma de decisiones en ámbitos complejos con énfasis en la responsabilidad;
- d) la participación activa de los estudiantes en el proceso de aprendizaje;
- e) la visión del Estado y la Democracia como bien común, asociado a la eficiencia de la gestión.

FORMACIÓN CIENTÍFICA

Escuelas Regionales de Verano para América Latina y el Caribe del Programa MOST de Unesco para jóvenes investigadores (Coordinador General). Se trata de fomentar la responsabilidad del investigador de ciencias sociales para contribuir a su mayor implicación en los asuntos públicos, a través del enlace entre investigación y políticas.

Programa de Interdisciplinariedad de la Pontificia Universidad Católica del Perú (PUCP), (Consultor). Se trata de superar la visión fragmentada de las disciplinas, para diseñar abordajes transdisciplinarios sobre asuntos complejos de interés público, con énfasis en la responsabilidad científica y la ética del conocimiento.

DESARROLLO LOCAL

Intermunicipalidad para la cohesión social y territorial en América Latina, Programa URB-AL III (Evaluador). La experiencia local en la región Huista en Guatemala, articula la arraigada (aunque históricamente jaqueada) cultura maya de la solidaridad y el respeto a la naturaleza, con los preceptos de la integración entre municipios y la sociedad civil, para el desarrollo sustentable de la región.

CUESTIONES PRIORITARIAS

- a) La superación de los dualismos (Norte/Sur, izquierda/derecha, desarrollo/subdesarrollo, técnica/humanismo, local/global, entre tantos otros).
- b) La formación de educadores, científicos, sociedad civil y políticos hacia nuevas formas de conocimiento y gobierno.
- c) El empoderamiento de las organizaciones de la sociedad civil y las comunidades, para el conocimiento de sus derechos y las formas de hacerlos efectivos.

**CARVALHO, EDGARD DE
ASSIS**

Professor-titular de Antropologia, coordenador do Núcleo de Estudos da Complexidade (Complexus). Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP. Coordenador brasileiro da Cátedra Itinerante Unesco Edgar Morin (Ciuem).

Contribuições "Para um pensamento do Sul"

Patrimônio e expressão da práxis e das práticas, a cultura é instrumento de cidadania democrática. As dualidades entre erudito e popular, erudito e massificado, humanista e científico não possuem qualquer valor ontológico; o que criam são *expertises* parcelares e fragmentadas. Cultura é conjunto sócio-histórico universal dos saberes e fazeres gerados pelos humanos de todos os tempos, realidade econômica, social, ideológica, articulada ao sistema social global. O código constitutivo desse conjunto de saberes, afirma Edgar Morin, "é de natureza simultaneamente cognitiva e estética" (2002, p. 188).

Na modernidade líquida do capitalismo globalizado, a cultura se debate entre pressões locais e injunções universais, e a lógica da eficácia se expande por toda parte. As primeiras dizem respeito a um estilo próprio de sociedades históricas, as segundas obedecem à pressão da uniformização estéril da imitação e da prescrição dos padrões da acumulação e da reprodução.

Uma distinção entre dois níveis da universalidade pode ser precisada tendo como base as ideias de François Jullien em *O diálogo entre as culturas. Do universal ao multiculturalismo*.⁴ Uma universalidade fraca e

4. O ensaio de François Jullien, filósofo e sinólogo que viveu na China vários anos, traz reflexões importantes para o diálogo e a transmissão dos saberes.

indolente, limitada à experiência concreta, e outra forte e rigorosa, cuja legitimação se efetiva por meio da dominação de determinadas culturas sobre outras. Uma universalidade forte é fundada na necessidade de princípio de algo que possa ser aplicável a todos. Ela é importante para o estabelecimento de princípios éticos comuns formulados desde Kant. A ação de qualquer ser humano, independentemente de cor, sexo, idade, nação só adquire sentido ao se tornar lei universal. Todo sujeito humano "não se perguntará senão isto: posso universalizar a máxima desse ato?" (JULLIEN, 2009, p. 23).

O uniforme "é o duplo pervertido do universal doravante disseminado pela globalização" (JULLIEN, 2009, p. 14). Diferenças de diferenças, diversidades de diversidades são reações às pressões e regulações sociopolíticas mundializadas. Por isso, as reivindicações identitárias assumem valor de lei, regra, intolerância. Sob o disfarce da extensão a todos das conquistas da uniformização, exercita-se uma ditadura de dominação, valores, padrões de consumo ditos globais. Os reflexos do uniforme podem ser identificados por toda parte. "Fechado finalmente sobre si mesmo, o todo (planetário) só faz refletir-se: autorreflexo que constitui doravante fantasisticamente o mundo sob a aparência da similitude (e da superficialidade)" (JULLIEN, 2009, p. 33).

Sem ser lógico como o universal ou derivado da produção como o uniforme, o comum investe em uma política de vida cuja base é a partilha, a coparticipação, a equidade. Envolve planilhas de reconhecimento mútuo, enraíza-se na experiência. O comum nos leva a refletir sobre ações e decisões assumidas no dia a dia que, apenas no nível das aparências, parecem restritas à repetição monótona de padrões, ritmos, códigos, números.

Muitas vezes revoltas são imperiosas. É verdade que podem paralisar sujeitos e coletividades, mas também impulsioná-los para reorganizações cognitivas, psíquicas, amorosas. O que existe no plano do mundo real é uma arborescência universal de acontecimentos interligados, Sul e Norte, Oriente e Ocidente. Responsável por extinções, bifurcações e emergências, a física da terra religa e "dialogiza" causas locais e efeitos universais, causas físicas e efeitos biológicos, causas naturais e efeitos culturais. Daí decorre a dupla face do comum: ele "é ao mesmo tempo inclusivo-exclusivo, pode abrir e fechar, opor-se ao próprio e identificar-se com ele" (JULLIEN, 2009, p. 42).

O comum exige que o reconhecimento se volte à construção de sujeitos plenos, empenhados na consolidação da Terra-pátria; implica transcender o âmbito sacralizado da pólis, com seus mitos de fundação e consolidação. O pertencimento fechado engendra intolerâncias. É preciso abri-lo, bifurcá-lo para que a comunidade não se feche. "A comunidade

tem como vocação não se cerrar, mas se descerrar. A própria história do comum, no seio da transformação política da Grécia antiga, já ia nesse sentido" (JULLIEN, 2009, p. 43).

A colaboração intercultural e interpolítica entre Norte e Sul é fundamental para a democracia universal de povos e nações. Sul e Norte não são noções meramente geográficas, como enfatiza Edgar Morin. São estilos de vida, cognições, experiências que requerem problematização permanente. Retornar à origem, ao primordial, ao arquetípico é tarefa de todos para que a lógica da disjunção seja superada. Acredito ser essa a tarefa primordial do pensamento do Sul: restaurar a arte de viver, refundar a democracia planetária, instaurar a ética da condição humana.

O que nos diferencia na qualidade de primatas humanos é que somos portadores de um polienraizamento antropológico cerebral-espiritual-cultural-social que, por sua vez, exige um polienraizamento físico-biológico-zoológico. Submetidos ao espírito do tempo, é a partir deles que somos capazes de diagnosticar, propor, teorizar, imaginar a complexidade do real e o real da complexidade e colocá-los na contramão da idade de ferro planetária que marca a hipermodernidade.

Nossas sociedades precisam de mitologias que deem conta das potencialidades do *sapiens-demens* e permitam contextualizar a emergência das complexidades individuais, das qualidades de alma, das instabilidades dos afetos.

É preciso retornar ao homem genérico. Construída por Marx, a noção é desprovida de subjetividade, emoção, amor, loucura, poesia, pois o *homo faber*, fabricante das técnicas e inventor da dominação incontrolada da natureza, ainda permanece como um indômito desbravador dos ecossistemas naturais, responsável pela construção racional de uma segunda natureza. A natureza é sempre primeira, primordial. Marx precisa ser inserido nos circuitos da modernidade líquida para que as emoções, o imaginário, a "desrazão" penetrem na mente de todos. Isso requer o fim do antropocentrismo. Requer também a superação das fronteiras natureza-cultura, local-universal, Sul-Norte. É preciso "dialogizar" essas oposições e entendê-las como pares simultaneamente complementares, concorrentes, antagônicos. No lugar de uma monocultura da mente, uma policultura da vida.

Respostas às questões para onde vamos e para onde queremos ir deixam de ser especulações filosóficas adjetivas, isso porque traduzem anseios, desejos, pulsões comuns a todos. Por isso, os pensadores imbuídos do sentido dessa utopia realizável — artistas, cientistas, filósofos — continuam a imaginar, inventar, propor, projetar. Suas narrativas atravessam

a flecha do tempo, formatam a biblioteca universal da vida, instauram novas formas de sociabilidade, restauram a esperança, reencantam o conhecimento, recuperam o tempo perdido que não pode se perder mais, minoram o mal-estar instalado na civilização.

Nossa Terra-pátria requer uma efetiva política de civilização. Requer também experiências pedagógicas que implementem a religação. Para isso, as instituições voltadas à educação devem converter-se em comunidades de aprendizagem. Aprendizados e experiências caminham juntos. Todos são aprendentes: alunos, professores, gestores. Seu empenho prioritário é restaurar o sentido da totalidade das culturas, superar a fragmentação disciplinar, sepultar a banalidade do mal-estar instalado na cultura. Culturas não são apenas compostas de padrões regularizadores nem se assemelham a fábricas da ordem. São plataformas de espaço-tempo empenhadas na preservação da memória cultural dos povos da Terra.

A experimentação de novas formas de entendimento da vida, que religam o prosaico e o poético, pode propiciar um pouco mais de felicidade. Em um de seus últimos livros, ao ser perguntado sobre o sentido da felicidade, Edgar Morin afirmou o seguinte: "Sim, sou feliz, mas tenho um lado melancólico, como a face obscura da Lua" (MORIN, 2010).

REFERÊNCIAS

JULLIEN, François. **O diálogo entre as culturas: do universal ao multiculturalismo**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MORIN, Edgar. **Da culturálise à política cultural**. Tradução: Edgard de Assis Carvalho; Mariza Perassi Bosco. São Paulo: EDUC, 2002. p. 188.

MORIN, Edgar. **Meu caminho**. Entrevistas com Djénane Kareh Tager. Tradução: Edgard de Assis Carvalho, Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CORDÃO, FRANCISCO APARECIDO

Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação. Consultor Educacional da Escola SESC de Ensino Médio. Diretor-presidente da Consultoria Educacional Peabiru, Consultores Associados em Educação.

Quais os temas centrais que inspiram o pensamento do Sul?

a) Para o Sul, a hegemonia do Norte é percebida, essencialmente, como a hegemonia da técnica, da economia, da racionalização, da rentabilidade, da eficiência e da eficácia. Qualquer cultura ou civilização contempla qualidades, virtudes, ilusões e imperfeições. Evidentemente, a cultura do Norte trouxe ganhos, como a democracia representativa, a afirmação dos direitos humanos e dos direitos da mulher, as autonomias individuais. Entretanto, também apresenta suas cegueiras e ilusões, expressas na concentração de poderes políticos e religiosos e na primazia do desenvolvimento material sobre o desenvolvimento humano.

b) O pensamento do Sul se expressa, por exemplo, na unidade de um universo criado pelo Deus Único; na mensagem das cartas paulinas, orientando a religião cristã para todos os seres humanos; na herança da cultura helênica, segundo a qual o ser humano é dotado de razão, o que lhe permite exercer uma ação política na sociedade; no entendimento do objeto da filosofia como sendo o da busca da verdade e como vontade de reflexão sobre todas as coisas; bem como na herança universalista romana, que reconhecia os direitos dos cidadãos romanos de forma independente de suas origens étnicas.

c) A mensagem do Renascimento europeu deve ser considerada como uma mensagem do Sul, enquanto movimento do espírito que problematiza tudo: o mundo, o homem, a natureza e Deus. O humanismo nasceu dessa problematização promovida pelo renascimento, apresentando duas faces: uma arrogante, do homem dominador, senhor e mestre da natureza, e outra fundamentada no valor e na dignidade de todo ser humano, venha de onde vier, vivendo numa transitória comunidade de passageiros, em um planeta minúsculo, situado em uma galáxia periférica.

d) O pensamento do Sul implica a problematização da própria razão, considerada enquanto instrumento de problematização de tudo e de todos, como racionalidade estimulada por uma paixão, oposta à racionalidade glacial do cálculo e da aritmética.

e) É urgente regenerar as virtudes da racionalidade, manifestas nas capacidades teóricas e críticas, na economia das coisas, na resistência aos anátemas de qualquer natureza e na capacidade de autocrítica.

f) O desafio de uma reflexão centrada no pensamento do Sul é o de promover a mistura entre as heranças culturais mediterrâneas e as heranças culturais africanas e sul-americanas, ligando-as a uma nova consciência ecológica, que nos integra na biosfera.

g) A herança das tradições de solidariedade e das artes do bem-viver, presente no pensamento do Sul, orienta para integrar e não para destruir e desagregar.

h) É urgente e essencial problematizar o processo de mundialização desenfreada movido pelo desenvolvimento científico, tecnológico, econômico e cultural, centrado na prevalência da acumulação do lucro e da propriedade. Esse processo acabou acarretando grandes perigos para a humanidade, como a proliferação das armas nucleares, a desagregação da biosfera, as policrises planetárias e os novos conflitos étnicos e religiosos.

i) As sociedades tradicionais tendem a se desintegrar sob o comando e o dinamismo de um processo de globalização movido por uma crise econômica sem regulação e corrompida pela especulação financeira.

j) Com o fracasso da modernidade científica, tecnológica e econômica no cumprimento das promessas de um mundo melhor e mais justo para todos, a aventura humana passou a ser uma aventura de risco desconhecido, que exige urgente retorno às raízes.

k) A crise da unificação técnica, científica e econômica do globo terrestre é uma crise do processo de mundialização promovido pelo ocidente que, se de um lado, trouxe aumento do bem-estar, autonomias individuais e emancipação de novas classes médias, por outro lado, destruiu

as solidariedades tradicionais, gerou novas formas de corrupção e fez prosperar as desigualdades, promovendo pobreza e miséria.

l) Presenciamos uma fantástica unificação do planeta Terra, a transformação em uma verdadeira aldeia global, a qual coincide com um movimento de decomposição e de desagregação sociocultural, ameaçando as originalidades e as singularidades culturais, étnicas e nacionais, promovendo uma incerteza histórica que promove a perda de fé no progresso e a perda de esperança em um mundo melhor para todos.

m) Assistimos ao desencadeamento simultâneo de duas pragas para a humanidade: de um lado, a unificação abstrata e homogeneizante que destrói as diversidades; de outro lado, o fechamento das singularidades em si mesmas, isolando-as do resto da humanidade. É preciso entender o vínculo entre a unidade e a diversidade, que faz com que o tesouro da unidade humana seja o da diversidade e este o da unidade, para que a cegueira promovida por um pensamento fundado essencialmente no cálculo e cego para a existência da alegria, do sofrimento e da felicidade e infelicidade não acabe cegando as nossas consciências para o lado humano da humanidade, ignorando as qualidades da vida.

n) Uma das promessas do Sul deveria ser "antes melhor do que mais", ou seja, "menos, porém melhor". Para tanto, precisamos nos livrar das intoxicações consumistas promovidas pelo processo mundial de produção e consumo de objetos com qualidades ilusórias e obsolescências programadas.

o) O pensamento fundamentado no *homo economicus*, determinado unicamente pelo interesse pessoal, é cego a tudo o que escapa desse interesse: o amor, a dádiva, a comunhão, a solidariedade, a responsabilidade, a unidade, a diversidade, o lazer, a brincadeira, a cultura, a alegria, a poesia, a filosofia e a felicidade.

p) Os indivíduos humanos não são máquinas triviais, mesmo que subjugados a lógicas triviais, pois escapam das trivialidades por intermédio de suas aspirações, sonhos, súbitas manifestações amorosas, estéticas e transgressoras, com seu poder criador frente ao inesperado e ao inusitado.

q) As lógicas da eficiência e da eficácia, da previsibilidade, do cálculo cronometrado e hiper especializado, geram uma burocracia que gangrena as atividades gestoras, criando uma racionalização que promove total irracionalidade.

r) A lógica do Norte considera as realidades do Sul como a pura expressão do atraso, do arcaísmo e da preguiça, porque trata os problemas

organizacionais como problemas técnicos, práticos e quantificáveis, isto é, como a prosa da vida. Entretanto, a vida não se resume à prosa feita por obrigação e por imposição para se ganhar a vida e sobreviver. A vida só vale a pena ser vivida de forma poética, no amor, na comunhão, na realização de si, na felicidade e no êxtase, o ápice da felicidade. O homem habita a terra de forma prosaica e poética.

s) Como a prosa invade todos os rincões de nossa vida, uma das missões essenciais do pensamento do Sul é a de relembrar à humanidade o caráter primordial da poesia e da arte humana de viver, de maneira alegre e extrovertida, fundamentada na comunicação e na comunhão, na hospitalidade, na solidariedade e nas qualidades poéticas da vida, sem desprezar as contribuições benéficas do Norte, mas recusando os seus aspectos perversos e nocivos, sobretudo a sua hegemonia.

t) Um dos grandes desafios do pensamento do Sul é o de enfrentar as complexidades de nossa vida, da realidade humana e a insustentável complexidade do mundo no planeta Terra. O pensamento do Sul, por sua própria natureza, só poder ser complexo, no sentido latino do termo, como aquilo que é tecido em conjunto e como aquele que religa o que foi artificialmente separado e, portanto, está apto a ressuscitar os problemas globais fundamentais, promovendo as qualidades e a poesia da vida.

u) O pensamento do Sul é chamado a reproblematicar a sabedoria, um dos grandes avanços culturais da Antiguidade greco-romana, relativizando a sua identificação com uma vida dotada de razão e enfatizando a sua vinculação com a paixão, reconhecendo as virtudes da poesia, do amor e do sentido de comunidade e de solidariedade.

v) A missão do pensamento do Sul é a de retomar o adjetivo em nossas vidas, retomando o concreto, a existência, o singular, integrando-o no universal, ligando a unidade à diversidade, restaurando solidariedades concretas e planetárias, cuja necessidade é vital para todos nós, restaurando valores como o sentimento de honra e a hospitalidade, e promovendo a regeneração ética da solidariedade e da responsabilidade, com autonomia moral e intelectual.

x) A nave espacial Terra encontra-se na noite e na neblina, provavelmente rumo a um futuro de catástrofe e ao abismo. Entretanto, como na história humana o improvável sempre acontece, podemos hoje sonhar e restaurar a esperança no improvável, que não obedece a nenhuma promessa histórica, mas está fundada na ideia da crise e da imaginação criativa, de

fundamental importância para a elaboração de um diagnóstico pertinente e identificação de um caminho de saída a partir de um despertar criativo.

y) A metáfora das células-tronco é uma boa demonstração de que as capacidades geradoras dormem nas sociedades e despertam em épocas de crise, nos indivíduos desviantes da média, nos poetas, nos escritores, nos músicos, nos descobridores e inventores/criadores.

z) Sabemos que quando um sistema não é mais capaz de tratar os seus problemas fundamentais, ou ele se desintegra ou se metamorfoseia, engendrando um metassistema mais rico, para melhor tratar esses problemas. O sistema do planeta Terra, hoje, está em crise e não consegue mais tratar de seus problemas vitais, tais como fome, morte representada pelas armas nucleares, degradação da natureza, violência generalizada, corrupção financeira desenfreada, falência do sistema econômico etc. Portanto, está condenado a morrer ou a se transformar. Essa metamorfose não se decreta e não se programa, mas é a única saída para se criar a verdadeira Terra-pátria-mãe. Então, só nos resta buscar caminhos novos, mesmo que improváveis, mas que sejam utopias que nos orientem para caminhar na direção da metamorfose. Essa é a missão grandiosa e universal do pensamento do Sul.

QUAIS AS EXPERIÊNCIAS INOVADORAS IMPLEMENTADAS E/OU EM CURSO QUE ILUSTRAM O PENSAMENTO E/OU AS IDENTIDADES DO SUL?

a) Escola SESC de Ensino Médio: em funcionamento na cidade do Rio de Janeiro, em período integral, como escola residente, recebe alunos de todas as Unidades da Federação Brasileira e promove com eles um ensino da melhor qualidade, desenvolve um currículo escolar integrado, interdisciplinar, diversificado e contextualizado à realidade de jovens oriundos de ambientes socioculturais e econômicos heterogêneos. É uma escola organizada e orientada para o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem permanente, para que seus alunos tenham condições de continuar aprendendo continuamente, em condições de responder aos novos desafios da vida cidadã e profissional de forma original e criativa.

b) Programa de Ensino Médio inovador: em processo de implantação pelo Governo Federal, em regime de colaboração com as diferentes Unidades da Federação Brasileira, tem o apoio da Escola SESC de Ensino Médio, especialmente quanto ao treinamento e desenvolvimento de professores, para que o currículo escolar desenvolvido articule as dimensões de educação científica, tecnológica, cultural e profissional. Objetiva-se implantar uma escola de ensino médio que atenda melhor aos interesses

dos jovens em processo de desenvolvimento, com oferta de um ensino que assuma como princípios educativos o trabalho, a prática social, a ciência, a cultura e a tecnologia, promovendo o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem permanente, para que os jovens tenham condições de continuar aprendendo e adaptando-se com flexibilidade e perspicácia às novas condições do mundo do trabalho e da promoção do desenvolvimento sustentável e solidário da sociedade em que vivem.

c) Desenvolvimento de programas de Educação Profissional e Tecnológica comprometidos com o desenvolvimento de competências profissionais que permitam ao cidadão-trabalhador enfrentar e responder a desafios socioprofissionais esperados e inesperados, previsíveis e imprevisíveis, rotineiros e inusitados, com criatividade, autonomia, ética e efetividade, qualificando-se para um exercício profissional competente. O compromisso ético das instituições de educação profissional e tecnológica em relação aos seus alunos, aos empregadores de seus formandos e à sociedade beneficiária dos trabalhos desses profissionais, de acordo com as atuais Diretrizes Curriculares Nacionais, definidas pelo Conselho Nacional de Educação, está diretamente relacionado com o desenvolvimento da competência profissional, como sendo a capacidade de mobilizar, articular e colocar em ação Conhecimentos, Habilidades, Atitudes, Valores e Emoções (CHAVE), para responder, de forma criativa, aos desafios e requerimentos de cidadania e de vida profissional e pessoal do trabalhador, com eficiência e eficácia diante do inesperado, com uma atuação transformadora e criadora. O conhecimento é entendido como o que muitos denominam saber conhecer ou simplesmente saber. A habilidade refere-se ao saber fazer relacionado com a prática no trabalho, transcendendo o mero treinamento operacional para a ação motora. Os valores, as atitudes e as emoções se expressam no saber ser e no saber conviver, intimamente relacionados com o julgamento da pertinência da ação, com a qualidade do trabalho, a ética do comportamento, a convivência participativa e solidária, entre outros atributos humanos.

QUAIS AS QUESTÕES PRIORITÁRIAS A SEREM TRATADAS PELO OLHAR DO SUL NA DIREÇÃO DE UMA POLÍTICA DE CIVILIZAÇÃO?

a) Educação Básica das crianças e dos adolescentes, desde a Educação Infantil e Ensino Fundamental até o Ensino Médio e Profissional, centrada no compromisso para com o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem dos alunos, para que tenham condições de continuar aprendendo e de enfrentar o choque do futuro com segurança, responsabilidade e criatividade; tomando-se como meios básicos os conteúdos curriculares desenvolvidos de forma integrada, interdisciplinar e contextualizada, para que façam sentido para os alunos em situação de aprendizagem.

b) Formação de professores para a Educação Básica que sejam capazes de conduzir os seus alunos nas trilhas da aprendizagem, ensinando-os a ver o mundo com perspicácia e nele atuar em condições de decidir, sabendo julgar, analisar, avaliar, observar, interpretar, correr riscos, corrigir fazeres, antecipar escolhas, resolver e responder desafios, conviver com o incerto e o inusitado.

c) Assumir como princípios educativos da juventude o trabalho, a ciência, a cultura, a tecnologia e o desenvolvimento sustentável e solidário, tratando-os de forma integrada, interdisciplinar e contextualizada com o mundo do trabalho, o desenvolvimento cultural e a prática social do cidadão.

COUTINHO, JAIRO

Coordenador do Espaço Criança Esperança do Rio de Janeiro, projeto nas favelas Cantagalo e Pavão/Pavãozinho. Médico com formação em Psiquiatria. Dedicou-se à gestão de projetos sociais e educacionais. Ativista social participante de numerosos movimentos, ONGs e entidades comunitárias e sindicais.

Contribuições "Para um pensamento do Sul"

"Viver é muito perigoso... Porque aprender a viver é que é o viver mesmo... Travessia perigosa, mas é a da vida."

(Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*)

A primeira e central questão que se coloca para a elaboração de um pensamento do Sul, como desenvolve Morin, é o reconhecimento de que existe um Sul, vários "suis". Não como algo geográfico, mas como fruto de uma relação com o Norte, surgido com o fim da oposição Ocidente-Oriente, conceitos vigentes até o fim do Terceiro Mundo, que expressavam a geopolítica anterior à queda do muro de Berlim.

Compreender que existe um Sul exige humildade e coragem. Humildade para renunciar às "certezas" impostas pela hegemonia técnica, científica e econômica que se impõe, a partir do Norte, ao conjunto do planeta. Modelo que dissemina miséria, desemprego, violência, banditismo, a morte precoce dos jovens, o sofrimento, degradando a vida social e cultural de milhões de pessoas e extenua a biosfera, caminhando perigosamente para a extinção da própria vida no planeta.

Coragem para reconhecer no Sul, nos "suis", uma vida inteligente, com suas virtudes, com a beleza da diversidade, plena de fraternidade, de ale-

gria, de solidariedade. Mas também é preciso humildade para reconhecer e incorporar num novo paradigma os benefícios do conhecimento técnico, científico e do desenvolvimento econômico, necessariamente vinculado à sustentabilidade ambiental e social.

Coragem e humildade para admitir-se que do Sul é possível, e unicamente daí, um caminho civilizatório na paz e fraternidade. Caminho que empreende as bases de uma metamorfose que supere a antinomia Sul-Norte, religando a todos, num "destino comum", em harmonia na Terra-pátria. Do Sul uma fênix, libertadora e salvadora.

No Sul, o "sul do sul". No Norte, o "sul no norte". As periferias, os bairros de migrantes, as favelas não cansam de exigir o fim da miséria, da desigualdade, que assola essas populações. Em seus movimentos, na sua música e poesia, clamam por justiça, pela igualdade de direitos, por oportunidades para conquistarem uma vida digna. São vozes que falam alto, diuturnamente. São vozes que, quando não ouvidas, irrompem em explosões de violência, protagonizadas, sobretudo, pelos jovens. Vítimas e algozes matam e morrem, reféns do consumismo, usurpados de sonhos. Nas cidades, em suas entranhas, a crise a clamar por uma saída. Saída para aqueles reféns da miséria, da tirania dos bandos armados, saída para aqueles detentores de bens e oportunidades, também vitimados pelo consumismo, pela angústia, que, assustados pela violência, ficam aprisionados pelos muros e grades dos condomínios, pela "segurança" dos *shoppings*.

Saída que não idealize o Sul, porque também contém suas imperfeições, tampouco satanize o Norte, não reconhecendo suas virtudes. Mas saída que necessariamente seja capaz de recusar a hegemonia "nortista", integrando suas virtudes às virtudes do Sul, na recuperação do humano na humanidade.

Há muita esperança no ar. De um lado, pelos flagrantes sinais de esgotamento do modelo reducionista. Sinais bem evidentes inclusive, na recente crise econômica, de 2008, engendrada no centro do capitalismo norte-americano e europeu, que está exigindo para sua saída uma nova ordem mundial, onde países do Sul, emergentes, assumem um protagonismo até há pouco rejeitado pelo Norte. Por outro lado, sinais são emitidos em direção à construção de um "pensamento do Sul". Indicações de um empenho pelo desenvolvimento, tendo como algumas de suas condicionantes a superação da miséria, a construção de oportunidades para os excluídos, uma, ainda que inicial, condicionalidade e incorporação dos valores de sustentabilidade ambiental e social. Cresce essa consciência.

Aqui não posso deixar de fazer um registro, sublinhando meu olhar otimista. Diz-se que a paixão não é boa companheira da razão, mas seria absurda a ideia de que a razão existe sem emoção, sem paixão. Prefiro extrair de minha indignação a energia que o otimismo alimenta. Que possa, de maneira fundada, despertar a necessária mobilização criativa para enfrentar os desafios colocados, que impeça uma catástrofe anunciada, nuclear ou ambiental, e retome o caminho da felicidade.

A metáfora, genialmente recuperada por Bergman em seu filme *Ovo da serpente*, muito se aplica neste momento. O ovo da serpente, quando colocado contra a luz, permite visualizar a serpente, o monstro, em seu crescimento, ainda que não se possa percebê-la num olhar externo, desprovido da luz. O cineasta utilizou essa metáfora para mostrar como, após a Primeira Guerra Mundial, engendrava-se na Alemanha, de maneira não perceptível, o monstro do nazismo, capaz de cometer as atrocidades que todos vieram a conhecer.

É possível olharmos este momento "contra a luz" e enxergarmos a catástrofe se avolumando como uma *tsunami*, mas, ao mesmo tempo, cresce uma consciência dos riscos, um pensamento libertador dessa hegemonia, criando as bases de uma metamorfose libertadora, como tantas vezes se sucedeu na história do homem. É possível ver a crise com otimismo, como condição de sua superação.

No Brasil, um operário é eleito presidente da República e é sucedido por uma mulher, algo que tem o reconhecimento mundial, dado o lugar secundário em que é colocada a mulher nos países do Sul. Não bastasse, a mulher em questão é ainda uma ex-guerrilheira, sobrevivente das lutas democráticas. Há a vitória de Mandela, o programa Verdade e Reconciliação, a construção de um novo caminho, derrotando o *apartheid* e inscrevendo seu ideário no imaginário da cena mundial. Há o Mercosul, a adesão de mais países da América do Sul, as pontes diplomáticas, culturais, sociais e econômicas em construção com a África.

Como se diz que no Brasil tudo acaba em futebol e samba, por que não falar da sequência de Copas do Mundo no Sul, África do Sul (2010), Brasil (2014), Rússia (2018) e Qatar (2022)? Sinais de um novo diálogo civilizatório?

O Fórum Social Mundial, a miríade de movimentos sociais, colocando em alto som a exigência de um novo caminho, que coloque a paz, a fraternidade, a solidariedade, a harmonia com a biosfera no centro do desenvolvimento. A mobilização da opinião pública mundial, que, até pelo menos este momento em que escrevo estas linhas, sustou a execução da morte

por apedrejamento da iraniana Sakineh. A internet, o fenômeno das redes sociais (o Facebook com seus 500 milhões de participantes, o Youtube) permitem que milhões de pessoas exerçam suas identidades, dialoguem com todos, produzindo um "borbulhar" horizontalizado, liberto de uma hegemonia centralizadora.

Pensar globalmente e agir localmente é uma exigência, mas também o é pensar localmente e agir globalmente. Recentemente uma região de favelas no Rio de Janeiro, o Complexo do Alemão, onde, contando com arredores, vivem cerca de 400 mil pessoas, foi libertada por forças policiais e militares do controle territorial armado do narcotráfico. Um domínio de décadas, onde o crime organizado se tornou senhor da vida e da morte dos moradores e construiu um *bunker* inexpugnável, de onde também partiam para impor o medo no conjunto da cidade. A favela e a cidade aplaudem, se regozijam, festejam a retomada que, para além da vitória militar, está comprometida com a inclusão social, econômica e cultural. Bom para a favela, bom para todos.

Celebremos com o Zeca Pagodinho, sambista carioca:

Deixa a vida me levar

(Vida leva eu)

Deixa a vida me levar

Sou feliz e agradeço

Por tudo que Deus me deu...

ESTARQUE, TEREZA MENDONÇA

Psicóloga, psicanalista do Círculo de Psicanálise do Rio de Janeiro. Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP, com Pós-Doutorado em Ciências Políticas pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Coordenadora do Instituto de Estudos da Complexidade (IEC). Autora de *Homo Creator: ética e complexidade na reprogramação da vida* (2007) e de diversos artigos na *interface* Psicanálise e Cultura. Organizadora, com Edgard de Assis Carvalho, de *Ensaio de Complexidade 2* (2004).

Contribuições "Para um pensamento do Sul"

O pensamento de Edgar Morin é para todos. Para além do hermetismo dos pequenos círculos intelectuais, consegue conjugar a riqueza e a abrangência das questões abordadas, com clareza e simplicidade no tratamento da escrita. Economiza, para nós, o esforço de mapeamento, exposição dos fatores causais e desdobramentos das muitas crises contemporâneas. Com impressionante capacidade de síntese, apresenta-nos a vivacidade de um pensamento em ação. Com essa inspiração, parto de um momento axial de seu escrito, quando problematiza as muitas crises da atualidade: "todas essas crises desembocam na crise do desenvolvimento."

Inegavelmente, como resultado da revolução industrial e do desenvolvimento da economia de mercado, colocou-se em marcha uma ação devastadora para os vínculos sociais. Verdadeiros "moinhos satânicos", para mencionar Karl Polanyi e sua atualidade. Essa força descomunal desarticula o laço entre as pessoas e enfraquece a identidade do homem com a natureza. Como erva daninha, passou a parasitar as vidas humanas. A partir do cálculo utilitário, da razão instrumental e do preceito da máxima eficiência, expandiu-se e disseminou-se planetariamente.

O modelo do *homo economicus* defende que a otimização dos interesses individuais produz o máximo de bem-estar coletivo. Adam Smith ilustrou bem seu pensamento ao afirmar: "não é da benevolência do padeiro, do açougueiro ou do cervejeiro que eu espero que saia o meu jantar, mas sim do empenho deles em promover seu 'autointeresse'". Desembocamos aqui em uma questão crucial: a crença no princípio do interesse individualista como principal móbil para a ação humana e como base para a construção societária. Antes dele, Bernard Mandeville chocou o mundo intelectual ao afirmar que os vícios privados promovem a riqueza das nações. A crença no individualismo instaurou, segundo J. Goudbout, uma teoria que goza de um "privilégio paradigmático" sobre as demais, dificultando as possibilidades de interpretação do mundo a partir de outros pontos de vista.

Alguns anos antes da emergência e propagação da concepção individualista, em seu *Tratado sobre a natureza humana*, Hume formulou a ideia de que a simpatia seria, por excelência, o sentimento responsável pelo vínculo entre as pessoas. Mesmo Smith, considerado o pai do liberalismo, havia já escrito uma grande obra, de menor sucesso, onde desenvolveu sua teoria dos sentimentos morais, postulando uma tendência natural do humano para a simpatia. Frans de Waal vai além, estendendo a simpatia aos primatas e fazendo a ponte do símeo em nós. São os movimentos do pensamento em suas alternâncias e dialogias.

Uma teoria complexa da ação humana precisaria trabalhar para ultrapassar as clássicas dicotomias sociológicas. *Homo economicus*, *homo donator*, *homo ludens*, *homo creator* e muitos outros, compõem esse mosaico multifacetado.

O achado antropológico de Mauss, a tríplice obrigação (dar-receber-retribuir), resultou em diferente compreensão sobre as trocas humanas e inspirou o Mouvement Anti-utilitariste en Sciences Sociales (Mauss), que surgiu nos anos 1970 como crítica profunda ao utilitarismo em geral e ao liberalismo em particular. O dom é um paradigma relacional, que afirma um sistema de obrigações como base para o laço social. A tríade tece o vínculo a partir de relações complexas de amor e ódio, guerra e paz. Ao contrário, o projeto do liberalismo visa libertar o homem de qualquer relação pessoal com o outro, com quem estabelece suas trocas. Essa liberdade funda-se na liquidação imediata da dívida. Se não há perspectiva de futuro para as relações, não estamos inseridos num sistema de obrigações.

Vislumbramos, aqui e ali, movimentos de resistência aos assaltos dos "moinhos satânicos". Dentre os de natureza prática, destaco Muhamad Yunus e seu sonho de transformar a miséria em objeto de museu. A *economia de comunhão*, de Chiara Lubich. Sugata Mitra e sua aposta no autodida-

tismo e na busca de inclusão digital para crianças pobres. Amartya Sen e Mahbub ul Haq, criadores do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), apenas para citar algumas experiências inovadoras.

Ares de renovação incidem também na produção intelectual, incluindo a dimensão do afeto na constituição dos atores sociais. Fazendo suplência ao pensamento de Habermas, Axel Honneth introduz a questão do amor primário, vivido na relação mãe-bebê como imprescindível forma de reconhecimento. Sobre essa base serão edificados dois outros patamares sociais de reconhecimento: a justiça e a solidariedade.

Se vivemos um momento de muitas crises, podemos escolher enfrentá-lo como infortúnio ou como oportunidade. Inscrevo-me entre os que veem as crises como incríveis oportunidades de mudança e renovação de tudo aquilo que se cristalizou e pleiteou eternização. Partilho uma compreensão da vida como processo sempre inacabado, onde o novo emerge incitado pelas angústias do presente, pelas projeções futuras, mas também, e sempre, a partir das sombras do passado.

É ingênuo pensar que as transformações sociais que testemunhamos através da história impliquem extinção dos valores da tradição. Ao contrário, servimo-nos deles para operar as mudanças necessárias ao enfrentamento dos desafios contemporâneos. Chamarei de "paradigma da queda generalizada" à prevalência da difusão da "crença no esvaziamento". Segundo esse ponto de vista, a ausência de marcadores socioculturais, claramente postos como nortes para a ação do indivíduo em sociedade, evidencia e promove uma desarticulação entre os governos de si e da pólis. Prenuncia-se, assim, uma catástrofe de dimensões incalculáveis.

A adequação desses discursos à realidade revela-se frágil e pouco resistente a uma investigação mais acurada. O que essa vertente de pensamento percebe e descreve é, em minha opinião, apenas uma parte dos processos de mudança expressos em seus aspectos mais espetaculares e por isso mesmo mais visíveis.

Esse olhar incorre, portanto, no equívoco de tomar o todo pela parte mais evidente de uma realidade que, em geral, é sempre mais complexa do que parece. Reduzida por esse prisma, pode tornar-se sombria e assustadora, convertendo-se em profecia pessimista projetada sobre os ombros das novas gerações.

Existe um fervilhante mutirão de pequenas ações sociais que opõem resistência às forças dominantes. Agindo subcutaneamente na restauração do tecido social, essas ações são invisíveis. E o invisível confunde-se com o inexistente. Nesse sentido, não pode ser oferecido como referência.

Não entra na contabilidade das ações válidas para uma metamorfose nas relações entre as pessoas e entre elas e seu ambiente. Ainda que se multipliquem e se propaguem subterraneamente, permanecem não reconhecidas e precisam de proteção.

Defendo a premissa de que os processos de mudança não são engendrados somente por aquilo que salta aos olhos. Existem movimentos mais sutis e, nem por isso, de menor operatividade transformadora. Uma metamorfose dos costumes pode estar em gestação concomitantemente a todas as quedas acontecidas e anunciadas, impulsionando-nos na direção de uma sociedade mais justa e solidária.

É fundamental que se coloque em foco e que se tente dar estatuto de existência aos movimentos sociais subjacentes que preparam a metamorfose. Como fazer isso? Retomo uma frase inesquecível que ouvi de Edgar Morin em 1998, momento que coincidiu com o nascimento do IEC: "nós não somos poucos, nós somos muitos, nós só precisamos nos religar numa grande rede."

Tão ocupados estamos no labor cotidiano de nossas práticas, tão ocupados de nós mesmos, que negligenciamos a grande tarefa, aquela mesma que pode nos fortalecer na direção da mudança: a religação. Ela é, talvez, a única forma de trazermos à luz esse grande organismo humano que trabalha, incessantemente, pela preservação da vida. Unindo seus vários pontos, como estrelas de uma imensa constelação, sua forma poderá então se revelar e fazer frente ao tamanho da tarefa posta pelo desafio de construção do futuro. No caminho rumo a esse futuro incerto, o *homo creator* deve ser convidado a inventar, reviver e conjugar as inúmeras rotas de desenvolvimento que nos permitem coabitar o planeta, atendendo às necessidades básicas de todas as formas de vida existentes.

FALCI, NURIMAR MARIA

Bacharel e licenciada em Ciências Sociais (PUC-SP). Mestre em Literatura da Língua Portuguesa (USP). Doutorado concluído, mas ainda não apresentado (USP), com a proposta de uma pesquisa interdisciplinar em um diálogo entre a Literatura, a História e a Antropologia. Bolsa-sanduíche para pesquisa de doutorado pelo CNPq na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris, França (2001). Colóquio Internacional: *Usages culturels du passe et construction identitaire dans les pays méditerranéens du XVI siècle a nos jours*. Apresentação da comunicação: "Fronteiras do Mediterrâneo: culturas, memórias e identidades". Tunis, Tunísia; EHESS, Paris, França e Centre des Recherches Economiques et Sociales (2009). No SESC São Paulo foi coordenadora da Área de Literaturas e reativou as Bibliotecas (1997-2007). Assistente da Gerência de Estudos e Desenvolvimento SESC-SP (2008-2010). Atua na área de elaboração de textos e pesquisa em educação não formal. Atualmente é consultora para a área de Educação e Cultura e pesquisadora universitária. Colaboradora de Edgar Morin desde 1996 e agente literária para livros não editados.

Contribuições "Para um pensamento do Sul"

A partir do texto "Para um pensamento do Sul", Edgar Morin nos convida a uma reflexão sobre fatos e questões cruciais que nos são apresentados na contemporaneidade — no âmbito mundial, regional e local — e a identificarmos prováveis caminhos para novos paradigmas do pensamento e das relações humanas. Este encontro deverá servir como embrião de ideias e ações que possibilitem a elaboração e a estruturação da proposta para um pensamento do Sul.

A que Sul se refere Edgar Morin? Ao geográfico, ao geopolítico, ao cultural, ao simbólico? Desde o início, nos defrontamos com o desafio da definição da noção de Sul. Se o definirmos geograficamente com relação ao Norte, nos damos conta da ambiguidade e da complexidade de que essa noção é portadora. Tomemos o exemplo do Magrebe, formado pelo Marrocos, pela Argélia e pela Tunísia, que é um Sul em relação à Europa, mas, ao mesmo tempo, é um Norte, uma vez que se localiza no norte da África. A Itália, por sua vez, que é um país do sul da Europa, tem seu norte na região da Lombardia, cuja capital é Milão. A França, país do norte europeu, também tem o seu sul, o Midi, como é conhecido, constituído pela Provença e pelo Languedoc, com suas especificidades histórico-culturais e linguísticas. No Brasil, São Paulo, metrópole do sul, é muito influenciada

pelo norte, uma vez que recebe um grande afluxo de migrantes do norte e do Nordeste do país, sem mencionarmos o fato de que se trata de uma metrópole cosmopolita.

A noção de Sul é, portanto, relativa e não deve ser reificada, ou definida como realidade objetiva, ou substantivada. À noção de Norte não podemos aludir o sentido geográfico devido a sua heterogeneidade. Há algumas décadas, o Norte era denominado de Ocidente em oposição ao Oriente e, posteriormente, quando o termo Terceiro Mundo caiu em desuso, o Norte tornou-se oposição de Sul. Oriunda do ocidente europeu e desenvolvida no mundo anglo-saxão, à cultura do Norte é atribuída a hegemonia do desenvolvimento material, da técnica, do progresso, da economia, do consumismo, da rentabilidade, da racionalização.

O pensamento do Norte supervaloriza o pensamento redutor, hiperespecializado, quantitativo e disjuntivo, incentiva exageradamente o consumismo, a unificação tecnoeconômica, a mundialização, o comprometimento e a homogeneização de aspectos socioculturais e da própria condição natural do planeta.

No entanto, um pensamento do Sul deve ser consciente e crítico no tocante a essas noções, uma vez que a hegemonia do Norte se expande pelo mundo, e que, com a mundialização, tenta devorar o Sul. Por outro lado, não podemos desconsiderar a visão de que a cultura do Norte trouxe a democracia, os direitos humanos, os direitos das mulheres.

Existem vários "suis", uns diferentes dos outros, e que ao olhar do Norte são concebidos unicamente como sinônimo de atraso, de subdesenvolvimento, sob vários aspectos da necessidade de seu desenvolvimento econômico, tecnológico e de modernização.

Essa visão do Norte não consegue conceber nos "suis" suas qualidades, virtudes, a riqueza nas diversidades culturais e no modo de viver, na poesia e na tradição, nos mitos seculares; sua maior possibilidade de abertura ao conhecimento num contexto abrangente, à rearticulação dos saberes compartimentados, à relação entre o humano e o mundo natural, ao meio ambiente, ao contexto global.

Mas as diferentes culturas dos "suis" também são responsáveis pela manutenção de poderes políticos e religiosos autoritários, ditatoriais, da dominação do homem sobre a mulher e dos vários tipos de censura. Exemplos que podem ser enumerados com as ditaduras militares ocorridas na América do Sul e Central, e em países do norte da África, como Tunísia, Argélia, Egito, Líbia e outros países do mundo árabe e da África Negra, Sudão, República do Congo, Costa do Marfim, Camarões, países que foram

durante séculos colonizados pelos europeus, nomeadamente os franceses, os belgas, os portugueses, os espanhóis, os italianos, entre outros.

Assim, como nos sugere Edgar Morin, não devemos desvalorizar nem o pensamento do Norte nem o pensamento do Sul. Toda cultura, toda civilização possui suas qualidades, suas virtudes, suas ilusões, suas deficiências.

O pensamento do Sul tem sua origem na história e na cultura do Mediterrâneo. Na tentativa de elaborar e de estruturar o pensamento do Sul, torna-se imprescindível fazer uma trajetória em direção às nossas origens histórico-culturais, a partir dessa região, desse mar matricial, levando-se em conta a ligação com o passado para melhor compreensão do presente.

O Mediterrâneo foi um espaço por onde, durante séculos, se cruzaram diversas culturas, etnias, religiões. Zona de pluralidades, de raízes de diversas civilizações, de antagonismos, de conflitos, de criação e, ao mesmo tempo, de destruição, o Mediterrâneo foi campo de batalha de povos, nações, e centro de três grandes religiões: o cristianismo, o judaísmo e o islamismo.

Na história e na cultura do Mediterrâneo se juntam três continentes: a Europa, a Ásia e a África, que se unem, no seu extremo sul, ao Oceano Atlântico. A região do Mediterrâneo teve importância fundamental para a história e para a cultura do mundo, por sua economia e comércio, pela diversidade de povos que por lá passaram; uma região que foi palco da ascensão e da queda dos vários impérios.

Uma das contribuições do Mediterrâneo ao pensamento do Sul poderia ser a reflexão sobre o sentido de uma divindade universal, herança antiga propagada pelo faraó Akhenaton através do Rei Sol. O Deus universal reaparece posteriormente na Bíblia, um só Deus. E nos Evangelhos, na figura de Cristo. Mas há também a diversidade concreta da natureza, expressa pelos múltiplos deuses do politeísmo grego e latino.

Outra contribuição do Mediterrâneo ao pensamento do Sul é a herança helênica, raízes clássicas universais da Grécia, da qual se originou o pensamento ocidental, a democracia e a filosofia, e a herança universalista do Império Romano, com a criação do Edito de Caracala, que ofereceu o direito de cidadania romana aos estrangeiros. A herança do Renascimento, no século XV, quando o espírito começa a problematizar a natureza, o mundo, a Terra, o homem, Deus, e que reconhece os valores humanos de quem quer que seja e de onde seja (direito à diversidade).

Na Idade Média e no Renascimento, o Mediterrâneo teve de aceitar a convivência de diferentes religiões e culturas: cristã, hebraica, católica, bi-

zantina, islâmica. Na realidade, no mundo contemporâneo, o pensamento do Sul também se defrontaria com a problemática dos conflitos religiosos e étnicos.

Pensar o Mediterrâneo é, ao mesmo tempo, pensar a unidade, as diversidades, as oposições e as contradições. Para compreendê-lo é necessário um pensamento que não seja linear, que considere, ao mesmo tempo, a complementaridade e os antagonismos, as complexidades nos diversos sentidos, que religue e contextualize. Portanto, esses elementos do pensamento mediterrâneo servem de exercício para reflexão sobre um pensamento do Sul.

O pensamento do Sul não se submete a um pensamento linear, quantitativo, especializado, como ocorre no mundo contemporâneo, mas à necessidade de encontrar novos caminhos para novos paradigmas do pensamento e das relações humanas. Várias regiões do Sul ainda não foram invadidas pela visão de mundo fundada no cálculo, na técnica, na rentabilidade. Na cultura do Sul existem relações mais próximas de solidariedade, hospitalidade, festas tradicionais, poesia da vida. É um pensamento que restaura o concreto, a subjetividade humana e a afetividade, a existência, a poesia da vida, a singularidade individual e cultural e, ao mesmo tempo, restaura o contexto global fundamental.

Para a reflexão sobre o pensamento do Sul a partir das noções relativas de Norte e Sul e da discussão do papel do Mediterrâneo na contemporaneidade, achamos pertinente tecer algumas considerações no âmbito histórico-cultural. Em um momento, debates e discussões entre países que compõem o Mediterrâneo, dentre eles o Magrebe (Marrocos, Argélia e Tunísia), localizado na região do norte da África, entre o Mar Mediterrâneo, o Saara, o Oceano Atlântico e o Egito, tentam redefinir seu papel dentro do bloco mediterrâneo após a descolonização europeia. Essas discussões refletem a insustentável complexidade do mundo contemporâneo, das relações humanas, uma vez que esses países do Magrebe sentem-se discriminados pelos países europeus que fazem parte do Mediterrâneo, levando-se em conta a questão cultural e religiosa dos países árabes, dos berberes.

Tomando a Itália como outro exemplo de reflexão para o pensamento do Sul, a região do sul do país, denominada o *mezzogiorno*, e que na antiguidade compunha a *Magna Grécia*, local onde surgiu a Escola Eleática, de Parmênides, Zenão de Eleia e de tantos outros pensadores que deram forma ao pensamento, que se tornaria o próprio destino do Ocidente, também sofre, na contemporaneidade, a discriminação do norte do próprio país, industrializado e tecnologicamente mais desenvolvido, economicamente mais rico.

Como último exemplo, tomemos São Paulo, considerada a maior metrópole da América do Sul. É uma cidade formada por vários imigrantes e migrantes, de maioria nordestina, que ajudaram a construir esse gigante centro urbano e que sofrem discriminações e exclusões de diferentes aspectos, reflexo das ambiguidades e contradições da sociedade e do mundo contemporâneo.

O pensamento do Sul está apto a afrontar os grandes desafios da vida, a insustentável complexidade do nosso mundo, do planeta Terra, que não está conseguindo tratar dos seus problemas vitais. O pensamento do Sul deve tentar restaurar a solidariedade, os princípios e as noções de hospitalidade, na atualidade do mundo contemporâneo, na qual presenciamos grandes deslocamentos e os movimentos imigratórios e migratórios pelas diversas partes do mundo, com as violências e conflitos que deles advêm. É preciso tentar restaurar a fraternidade, no sentido da aceitação das diferenças religiosas e étnicas, que devem ser superadas e restauradas, é preciso, enfim, ter esperança e acreditar na probabilidade de transformar o mundo num lugar que respeita as diversidades, denominado Terra-pátria.

Concluindo, o pensamento do Sul deve propor uma nova política de civilização que esteja a serviço do bem-estar dos indivíduos, da sociedade e do mundo, e que não esteja apenas ligada aos valores materiais e ao consumo desenfreado.

Edgar Morin afirma que a reforma da política, a reforma do pensamento, a reforma da sociedade, a reforma da vida são necessidades inter-relacionadas. O destino da humanidade, o destino da biosfera, o destino da civilização estão ligados e o planeta Terra está agonizando. "Renunciar ao melhor dos mundos não é renunciar a um mundo melhor."

GALVANI, PASCAL

Después de una ruptura escolar y una autoformación intercultural cerca de las filosofías de oriente y de culturas indígenas de América, Galvani trabajó 15 años como animador y formador en movimientos de formación permanente centrados sobre una aproximación emancipadora. A partir de 1986 él colabora con Gaston Pineau y Georges Lerbet en la universidad de Tours (Francia) y desarrolla investigación sobre la autoformación en una perspectiva compleja y reflexiva, inspirada de la obra de Edgar Morin. Su experiencia de animación de varios programas de investigación-acción sobre temáticas como pobreza, diálogo intercultural y de transdisciplinariedad, le permitió afinar un método dialógica, intercultural y transdisciplinar de cruzamiento de los saberes práctico-experienciales, de los saberes poético-existenciales y de los saberes teóricos. Desde 2001 es profesor e investigador en la Universidad de Quebec.

Religar la experiencia del Sur y el Sur de la experiencia, un método alternativo de investigación-acción-formación

Como lo expresa fuertemente Edgar Morin, el Sur no es una noción geográfica sino una noción alternativa a la hegemonía de la mundialización del "Norte", que es "la hegemonía de la técnica, de la economía, del cálculo, de la racionalización, de la rentabilidad, de la eficacia" (MORIN, 2010). Así, en los países del "Sur", como en los del "Norte", encontramos fuerzas de dominación hegemónica de la lógica de reducción de la realidad a lo cuantitativo. Recíprocamente, encontramos en los países del "Norte" como en los del "Sur", experiencias creativas que exploran vías alternativas para una reforma de vida. Durante la conferencia de Fortaleza sobre los siete saberes, Gaston Pineau proponía retener un octavo saber del humor y de la alegría de vivir, bautizado como el "alegre saber" (PINEAU, 2010). Este "alegre saber" está en el corazón de lo cotidiano de nuestras experiencias creativas emergentes. Yo llamo a estos momentos, los *kaïros* de la "vida viviente", palabras de Dostoïevski. Los *kaïros* son los instantes decisivos, los momentos oportunos, donde las dimensiones teórica, práctica y poética de la vida entran en relación significativa. Para vivir en este mundo todos nosotros inventamos alternativas de sentido frente al no sentido de la carrera hegemónica hacia el abismo. ¿Qué es lo que va bien? ¿Qué es lo que se inventa en las experiencias del Sur y en el Sur de la experiencia?

Las experiencias alternativas son todavía embrionarias, germinan a escala local en las transformaciones de prácticas individuales y colectivas cotidianas. ¿Cómo explorar, concientizar, valorizar estas experiencias alternativas que se desarrollan al nivel local e inter-individual? ¿Cómo permitir a los actores formalizar los saberes teóricos, prácticos y poéticos que son producidos en estas experiencias? Los métodos tradicionales de formación e investigación, basados en la ruptura del sujeto y del objeto, y la exclusión de saberes nacidos de la experiencia vivida, tienden a hacer invisibles y mudas las experiencias de vías alternativas para una reforma de la vida. Para concientizar las experiencias embrionarias de vías alternativas, es fundamental transformar los métodos de formación e investigación que están en todas partes (tanto en el Norte como en el Sur) constituidas sobre el paradigma reduccionista de la disyunción de los saberes teóricos y de los saberes de experiencias vividas. Así, podemos decir que el "alegre saber" de la vida y de la experiencia está siempre en riesgo ser ocultado por la hegemonía de los saberes disciplinados, ya formalizados. Estos saberes de experiencia son el "Sur" del conocimiento, siempre ocultado por una visión reductora de la formación.

Queríamos presentar los elementos clave de un proceso reflexivo y dialógico de investigación-acción-formación, ampliamente inspirado por la obra de Edgar Morin y experimentado en diferentes programas realizados en Francia (GALVANI, 2006), en Quebec en diálogo intercultural con las culturas amerindias (GALVANI, 2011), y en México con el centro universitario Arkos (ESPINOSA MARTÍNEZ, 2010; GALVANI, 2008).

Los siete saberes necesarios para la educación propuestos por Edgar Morin plantean un desafío fundamental a la formación de los formadores y de los profesores. ¿Cómo operar el paso de una educación basada en la disyunción del saber y de la vida a una formación basada en la interdependencia compleja entre el sujeto cognoscente y los diferentes saberes teóricos, prácticos y existenciales? Nos hace falta una "doble revolución del aprendizaje" (MORIN; MOTTA; CIURANA, 2003), "que se autonomiza de la enseñanza y que se religa al bucle autopoiético de los seres vivientes" (PINEAU, 2010). La reforma del pensamiento implica una reforma de la educación que implica una reforma del pensamiento. ¿Cómo formar a los formadores y quién puede formarlos? Hacemos la hipótesis de que este bucle complejo puede ser trabajado de manera reflexiva. Una formación en la complejidad debe ser en sí misma una experiencia de la complejidad. El pensamiento complejo implica la auto-referencia y la co-construcción sistémica de los saberes. Implica la reflexividad colaborativa de los que se forman para religar y transformar, dinámicamente, la práctica y la teoría.

La revolución paradigmática propuesta por los siete saberes para la educación, supone una triple revolución:

a) Una revolución epistemológica del paradigma de las ciencias aplicadas al paradigma reflexivo de la complejidad. Concebir el aprendizaje

como una construcción auto-eco-organizadora del sujeto en interacción con el medio físico y social.

b) Una revolución práctica: de la enseñanza al acompañamiento del aprendizaje. Pasar de la transmisión de contenidos al acompañamiento de un proceso de aprendizaje por la producción de saber que articula investigación-acción-formación.

c) Una revolución ética de la educación a la reciprocidad en co-formación. Religar los saberes académicos con los saberes de la vida práctica y poética por la reflexión sobre la experiencia vivida.

Para desarrollar esta cuestión podemos presentar las estrategias de un método complejo, reflexivo y dialógico de investigación-acción-formación-transdisciplinar.

El pensamiento complejo no es una formulación cerrada, sino un camino. Es un método para aprender a reconocer que lo concreto mismo es lo complejo. Lo complejo, es decir, "lo que está tejido", es lo concreto de las interdependencias dialógicas en transformación permanente que constituyen la vida viviente. Toda vida es, desde su origen, compleja y transdisciplinar.

Formarse en la complejidad es aprender a reconocer las interdependencias, las retroacciones y las recursividades que hacen la trama de nuestras vidas. Interdependencias generalizadas que nos tejen, de donde emergemos en nuestros actos, nuestros diálogos, nuestros símbolos. Formarse en la complejidad es sobrepasar los saberes que reducen la realidad a la materialidad concreta de objetos aislados en identidades excluyentes. Formarse en la complejidad es aprender a reconocer, más allá de lo concreto material, este otro concreto de la interacción generalizada de los fenómenos. Formarse en la complejidad es operar el reflejo de esta realidad dialógica concreta en nuestras vidas vividas.

Nuestras vidas, nuestras experiencias, nuestras prácticas, son tejidas en esta realidad compleja y transdisciplinaria. Formarse en la complejidad podría ser primero desaprender y disolver el saber reductor de las identificaciones. Formarse en la transdisciplinariedad es aprender a reconocer los diferentes niveles de realidad prácticos y teóricos, pero también sutiles de la vida poética. Formarse en la complejidad es aprender a reconocer lo concreto del principio dialógico de autonomía /dependencia en las interacciones entre el sí (autos), otro (socio) y el cosmos (eco).

El pensamiento complejo nos hace comprender el aprendizaje como proceso de auto-co-eco-formación permanente. Debemos pues construir estrategias para acompañar el co-aprendizaje poniendo en diálogo el saber disciplinario con el saber no disciplinario de la experiencia vivida. No podemos enseñar la complejidad, pero podemos ayudarnos mutuamente a reconocerla en un co-aprendizaje permanente en diálogo con la vida vi-

vida. Para explorar las creaciones alternativas y desarrollar un pensamiento a partir del Sur nos hacen falta estrategias de exploración ternarias que abran el reconocimiento del tercero-incluido y las mediaciones.

Acompañar el auto-eco-formación es abrir espacios reflexivos y dialógicos de auto-co-eco-formación:

a) Formarse (auto-formación);

b) Por la investigación sobre la experiencia vivida (reflexión);

c) En diálogo con los otros saberes (co-formación);

d) Relacionando los diferentes niveles de realidad: teórico, práctico, existencial, poético.

Para esto, sugerimos una estrategia epistemológica ternaria de formación que relaciona la explicación, la comprensión y la acción. La explicación, es por supuesto disponer de herramientas intelectuales teóricas que permiten el análisis abstracto, a distancia. La comprensión es concientizar el punto de vista del sujeto. La acción es siempre volver a la experiencia vivida de los fenómenos en la interacción concreta.

Aprender a contextualizar los saberes, es aprender a concientizar y criticar sus propias teorías implícitas por la producción de su propio saber en diálogo con los otros. Una estrategia ternaria de método consiste en reemplazar: el pilotaje de la enseñanza por el consumo de saber, por el pilotaje de la formación por la producción de saber (CHARTIER; LERBET, 1993). Se trata de religar la formación, la investigación y la acción construyendo formaciones por la *investigación sobre la acción* (DESROCHE, 1990).

En el taller de investigación-acción-transdisciplinar, la contextualización y la relación circular del todo y las partes es introducida por el mismo método que se apoya sobre la reflexión dialogada, a propósito de problemáticas sociales y ecológicas vividas por los participantes.

Acompañar el aprendizaje de la condición humana consiste en reintroducir el sujeto cognoscente en su conocimiento, por un proceso reflexivo y dialógico, inscrito en el triángulo de la vida (D'AMBROSIO, 2007). Construir el aprendizaje como el diálogo entre el sí, los otros y el mundo, es relacionar la subjetivación, la socialización y la ecologización.

Frente a las fuerzas destructoras del cuatrimotor de la mundialización económica, las prácticas individuales de reforma de la vida parecen a menudo muy débiles. Las alternativas se multiplican fuera de los caminos trillados, fuera de las universidades y centros de formación. Aquí la práctica, como a menudo sucede, adelanta la teoría. Para reforzar las estrategias para la vida y las condiciones de la emergencia de una sociedad-mundo (MORIN; MOTTA; CIURANA, 2003), la educación y la formación deben sostener las experiencias alternativas, permitiéndoles reflejarse, nombrarse y teorizarse. Una ingeniería reflexiva y dialógica de exploración de las experiencias alternativas puede permitir concientizar los saberes emergentes.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, D.; LERBET, G. **La formation par production de savoir**. Paris: L'Harmattan, 1993.

D'AMBROSIO, U. **Concimiento y valores humanos**. *Visión Docente Con-Ciencia*, Puerto Vallarta, v. 7, n. 35, p. 6-18, marzo/abr. 2007.

DESROCHE, H. **Apprentissage 3 entreprendre d'apprendre: d'une autobiographie raisonnée aux projets d'une recherche-action**. Paris: Éditions Ouvrières, 1990.

DOSTOÏEVSKI. **L'Adolescent**. Paris: Gallimard, 1956.

ESPINOSA MARTINEZ, A. C. **Estrategias metodológicas para operacionalizar la práctica educativa transdisciplinaria, en conjunto con los actores universitarios, en las licenciaturas del Centro de Estudios Universitarios Arkos de Puerto Vallarta**. San Jose Costa Rica: Universidad Estatal a Distancia, 2010.

ESPINOSA MARTINEZ, A. C. Transdisciplinariedad, complejidad, currículo e innovaciones : el caso del Centro de Estudios Universitarios Arkos de México. **Académica Gaudeamus**, Costa Rica, v. 2, n. 1, p. 19-39, 2010.

GALVANI, P. Autoformation mondialogante et exploration de l'écoformation. **Éducation Permanente**: ingenierie de la rencontre interculturelle: dispositifs et médiations en formation et autoformation, 2011.

GALVANI, P. L'Exploration des moments d'autoformation: prise de conscience et compréhension dialogique. **Éducation Permanente**: autoformation actualité et perspectives, n. 168, p. 59-73, 2006.

GALVANI, P. Transdisciplinarité et écologisation d'une formation universitaire: une pratique critique à partir du paradigme de la complexité. **Éducation Relative à l'Environnement**, n. 7, p. 133-158, 2008.

MORIN, E. **Pour une pensée du sud**. 2010. Mimeografado.

MORIN, E. ; MOTTA, R. ; CIURANA, E. **Éduquer pour l'ère planétaire**: la pensée complexe comme méthode d'apprentissage dans l'erreur et l'incertitude humaine. Paris: Balland, 2003.

PINEAU, G. **Experiencias de vida y formación enseñante**: religar los saberes. Trabalho apresentado na Conferencia Internacional sobre *Los siete saberes para una educacion del presente*, Fortaleza, 2010.

**GAMERO, TERESA
SALINAS**

Directora ejecutiva del Instituto Peruano de Pensamiento
Complejo Edgar Morin y del Centro Regional de Competencias
en Educación para el Desarrollo Sostenible (CRC) Lima-Callao,
asociado a la Universidad de las Naciones Unidas.

Temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur

Desde mi perspectiva, el pensamiento del Sur planteado por Morin se inspira principalmente en los siguientes temas centrales:

a) La acción depredadora del hombre sobre la naturaleza que pone en peligro las posibilidades de vida en el planeta;

b) El fracaso, la ceguera cognitiva y las ilusiones de la ideología del progreso de la civilización occidental;

c) El Proyecto Occidental que pretende, como afirma Morin, "la unificación abstracta que homogeniza y destruye las diversidades", pauperizando la vida en el planeta;

d) El sufrimiento de la humanidad en los diversos "sures" y el hecho contundente de que "nuestro sistema Tierra está condenado a la muerte o a la metamorfosis". Por eso nos insta a buscar las vías para la metamorfosis del Norte y del Sur. "Esta sería la misión grandiosa y universal del pensamiento del Sur", sentencia Morin.

EXPERIENCIAS INNOVADORAS QUE SE EJECUTARON O ESTÁN EN CURSO E ILUSTRAN EL PENSAMIENTO O LAS IDENTIDADES DEL SUR

En el Perú, desde el plano teórico y epistemológico, José Carlos Mariátegui es considerado el pensador que mejor supo abordar la realidad del

Perú y América Latina, tal como lo hizo Marx en su época, con una visión y originalidad sorprendentes, aún vigentes.

Según Aníbal Quijano, el legado principal de Mariátegui consiste en su esfuerzo por construir una racionalidad alternativa a la racionalidad occidental. En tal sentido, esta propuesta epistemológica y teórica vuelve ahora al primer plano del debate, abierto, con la crisis de la modernidad. Mariátegui, descubre la originalidad histórica de Latinoamérica, la que no puede entenderse solamente en función de la experiencia europea, ni de la perspectiva eurocéntrica dominante en el marxismo de la época.

Él tratará de elaborar una racionalidad integradora de fuentes heterogéneas dentro de su historicidad. De allí podemos entender que uno de los problemas básicos que confronta la crítica revolucionaria de la sociedad es el problema del indio y, vinculado con este, el problema de nación.

Es pertinente mencionar aquí su decisiva influencia en la superación de la visión reduccionista que tuvo el movimiento indigenista peruano en un primer momento, para pasar a una visión más armonizadora, constructiva y liberadora, como se verifica en la obra del escritor José María Arguedas, quien reconoce que fue leyendo a Mariátegui como encontró una comprensión de las cosas, pero sin matar en él "lo mágico". Arguedas reivindicó las manifestaciones espirituales y culturales del mundo andino, este año se celebra el centenario de su nacimiento.

Otro de los aportes originales al pensamiento desde el Sur es el del sociólogo Aníbal Quijano, quien abre el debate sobre la crisis de América Latina con su propuesta referida a la colonialidad del poder que la modernidad establece desde el siglo XVI. Desde entonces, América y la modernidad son partes de una misma historia. Mientras que la modernidad se desarrolla en Europa, en América se establece un patrón de poder colonial que ejercerá la explotación y dominación en todas las esferas de la existencia social: el trabajo, el sexo, la autoridad pública, la intersubjetividad y la naturaleza.

Por otro lado, a partir de mediados del siglo XX se acelera la migración masiva del campo a la ciudad y al proceso intercultural, produciéndose al mismo tiempo estudios sobre el rol de la cultura andina realizados por: Alberto Flores Galindo, José Matos Mar, Hugo Neira, Manuel Burga, Juan Osio, Wilfredo Kapsoli, Rodrigo Montoya, Antonio Peña, Hugo Pereyra, Carlos Milla, Javier Lajo, entre otros.

En el ámbito de la recuperación de las cosmovisiones y prácticas andino-amazónicas, Gerardo Ramos, en su obra *Una visión alternativa del Perú*, estableció factores claves que diferencian la cultura occidental y la cultura andina; estas cruciales diferencias hacen inviable en el mundo andino el Proyecto Occidental, solo que la ceguera cognitiva y los intereses de poder persisten en homogeneizarlos. Ramos sostiene: "En Europa los ecosistemas son muy homogéneos, su geomorfología de grandes planicies, climas defi-

nidos (poco variados). En el mundo andino, los ecosistemas son heterogéneos la geomorfología de altas montañas muy accidentada, el clima muy variado (80% de los climas del mundo)". Estos factores, entre otros, habrían determinado una cosmovisión diferente en la cultura andina.

Asimismo, cabe destacar la labor que realiza Jorge Ishizawa, investigador del Proyecto Andino de Tecnologías Campesinas (Pratec) y del Instituto Peruano de Pensamiento Complejo Edgar Morin (IPCEM), quien convive con la población de las comunidades andino-amazónicas a fin de conocer y aprehender las prácticas cotidianas del buen vivir. El Pratec ha producido cerca de 3.000 cuadernillos con sus experiencias de recuperación de las prácticas de la cultura Andino/Amazónica.

En el ámbito de la organización social, tenemos las comunidades andinas y amazónicas que luchan por la defensa de sus identidades y derechos colectivos, tales como: la Asociación Interétnica de Desarrollo de la Selva Peruana (Aidesepe), la Comisión Nacional de Comunidades Afectadas por la Minería (Conacami), la Coordinadora de Organizaciones Indígenas de la Cuenca Amazónica, entre otras. Y en los últimos años se ha incentivado y está emergiendo la necesidad de afirmar las identidades locales y el rescate de la relación armónica y afectiva con la naturaleza, tradición milenaria de los habitantes de estas tierras.

En junio de 2003, en el sur del Perú, el pueblo arequipeño se opuso masivamente a la venta del agua a las transnacionales. En junio de 2009, las comunidades amazónicas de Bagua lograron que el Gobierno derogue los Decretos Ley que favorecían la venta del territorio amazónico. También se suscitaron conflictos en Tambogrande, Yanacocha, Cerro Verde, entre muchos otros lugares del territorio peruano. A pesar de todo ello, en el Perú no hay una acción política clara y transparente de apoyo y revaloración de las comunidades andino-amazónicas, como se están dando en Bolivia y Ecuador.

La época de cambios que vivimos ha originado una revolución en la cosmovisión del mundo y la construcción de conocimientos y saberes. Estos, requieren de la articulación de la filosofía, la ciencia, la tecnología y la sociedad. Contribuyen en este proceso la práctica del pensamiento complejo, las ciencias de la complejidad, la bioética global y la transdisciplinariedad, entre otras.

El Instituto Peruano de Pensamiento Complejo Edgar Morin se fundó con la finalidad de contribuir a crear espacios democráticos donde puedan participar la ciudadanía y tome consciencia del pensamiento positivista, reductor y disyuntivo que destruye la vida en el planeta. Para tal fin, hemos definidos tres ejes estratégicos: socialización, investigación y formación para promover el desarrollo humano sostenible desde el sur.

Nos hemos constituido recientemente en el Centro Regional de Competencias en Educación para el Desarrollo Sostenible de Lima-Callao, asociado a la Universidad de las Naciones Unidas, con el objetivo de impulsar un movimiento por un pensamiento complejo del Sur desde las prácticas sociales. También estamos asociados a proyectos del Ministerio de Educación, para la inclusión del pensamiento complejo en las prácticas educativas, al Comité de Medicina Tradicional y Transdisciplinaria del Colegio Médico del Perú, quienes se encuentran trabajando para lograr el reconocimiento de la medicina ancestral de las diversas culturas del mundo, a la Red de Proyectos Alfa de la Unión Europea a través del proyecto *Mejora de la pertinencia de la educación de las Ingenierías en las Universidades de Latinoamérica*, donde estamos proponiendo un enfoque Holístico, no lineal y transdisciplinar que incluya a los saberes ancestrales. Estamos pues, tratando de participar en las Redes locales y globales que estén interesadas en los enfoques de la complejidad y la transdisciplinariedad. En estas redes se encuentran involucradas instituciones pares en Brasil, Bolivia, Cuba, España, México, Francia, Canadá, Colombia y Argentina.

HACIA UNA POLÍTICA DE CIVILIZACIÓN DESDE UNA MIRADA DEL SUR

Podemos concluir con lo siguiente: se hace necesario desarrollar una racionalidad alternativa a la racionalidad instrumental en crisis de la modernidad capitalista, asimilando los aportes del Pensamiento Complejo y las Ciencias de la Complejidad, para lograr una nueva visión y comprensión del mundo; asimismo propiciar un dialogo entre civilizaciones, en la dimensión política, ética, educativa, social, económica que permita construir un escenario viable para el planeta. Este objetivo propiciaría conocer las diversas racionalidades que existen en las diferentes culturas del Sur y del Norte, a fin de valorar y recobectar todas aquellas que están comprometidas con la defensa y sostenibilidad de la vida. En el mismo sentido debemos construir una agenda que permita el encuentro y el debate entre los diferentes Sures, para levantar una plataforma para su discusión y ejecución a nivel global. Crear y/o consolidar un movimiento que sea sostenible y articule instituciones, personalidades del mundo académico, así como ciudadanos comprometidos con las reformas que propone Morin para propiciar la metamorfosis de la humanidad. Finalmente, la necesidad de impulsar el desarrollo de un pensamiento ético global como requisito para la superación de la pobreza espiritual, cultural y material que hace inviable la vida en el planeta. En la misma línea es importante construir una educación integral, no-lineal y transdisciplinaria en la población, especialmente en la juventud, que permita la emergencia de una nueva civilización descolonizada, donde la reciprocidad, la solidaridad y el amor hagan posible un mundo mejor.

IRVING, MARTA DE AZEVEDO

Professora e pesquisadora do Programa Eicos, INCT/PPED/UFRJ e Instituto Nacional da Ciência e Tecnologia em Políticas Públicas e Estratégias de Desenvolvimento. Áreas de atuação: Desenvolvimento, Governança e Conservação da Biodiversidade.

Inspirações do Sul para uma nova política de civilização

QUAIS OS TEMAS CENTRAIS QUE INSPIRAM O PENSAMENTO DO SUL?

O pensamento do Sul reflete identidades e especificidades de diversos "suis", construídos e ressignificados a partir de suas origens, histórias, cosmologias, saberes ancestrais e interações com os diversos "nortes" e "ocidentais", relativizados a partir de referenciais inexatos e ideologicamente estabelecidos.

O pensamento dos "suis" resulta, assim, de uma construção histórica, fundamentada em valores endógenos, transmutados e retransformados a partir de valores e lógicas exógenos, mas subjetividades que não perderam as impressões digitais e que, talvez, por essa razão, constituam-se, na atual crise civilizacional, em potencialidades de inovação e metamorfose. Para Morin, o que não se transforma tende a se degradar. E o Sul, representado pelos seus inúmeros significados, transforma-se pelo exercício de confronto permanente com as incertezas, em contraposição às certezas da modernidade; com a naturalidade das crises, em resistência à ilusão da arrogância do domínio do homem sobre o próprio homem e sobre a natureza, resultante da glorificação da racionalidade científica, da ciência e da técnica; e com a solidariedade, como alternativa possível para a sobrevivência e consolidação dos laços sociais, em antagonismo à apologia do

individualismo como sinônimo de liberdade. Assim, o Sul, em suas inúmeras representações, busca caminhos para uma reforma de civilização que transcenda os seus próprios limites para alcançar o passado no presente, o presente no futuro. Um futuro que se constrói em novas bases éticas, na relação entre indivíduos, destes, em sociedade, e das sociedades, com a noção de comunidade de destino, em escala planetária.

Vivemos a insistência vazia e reducionista do que parece ter restado de um confronto histórico e perverso entre o "Norte" e o "Sul" e reproduzimos, incessantemente, em nossas reflexões, pensamentos e ações que nos ancoram no passado e nos dificultam avançar rumo ao futuro, na busca de uma nova política de civilização, baseada em novos valores de cidadania global. Nesse percurso, a ciência e a técnica permitiram avanços e modos de funcionamento das sociedades humanas nunca antes imaginados. Com a modernidade e os saltos de conhecimento proporcionados pela ciência, o ser humano passou a vislumbrar outra escala para o universo e para sua própria existência e mergulhou também na crença de que tudo estava sob controle. Uma sociedade de controle, de conhecimento sofisticado e altamente especializado, de velocidade supersônica. Mas, talvez, nessa "viagem" da arrogância do humanismo "desumanizado", que transformou a vida em códigos e corridas cegas, o ser humano tenha também se afastado de sua própria essência, de outras formas de existir e entender o mundo. E talvez, exatamente por não ter pretendido ou alcançado os padrões e os modos de existência do Norte, o Sul (ou os "suis") vem resistindo em suas peculiaridades, identidades e valores, hoje ressignificados em possibilidades reais de transformação, de inovação, de metamorfose.

O Sul materializa essa possibilidade real de transformação, a partir de novas formas de diálogo e interação com os valores ocidentalizados e cristalizados de um Norte em crise profunda. Isto porque, na hegemonia histórica e nas certezas viscerais do Norte, nos "suis" se construiu uma visão de mundo alimentada de incertezas, de crises permanentes, que, por sua vez, exigiram novas soluções e percursos e a construção de uma perspectiva "identitária" de integração entre o Norte e o Sul, em um "caldo de cultura" desconhecido e, também por essa razão, promissor. É nessa "matriz" de incertezas e inovação que tendem a se configurar os pensamentos do Sul e é também nesse contexto de autoafirmação para o futuro que o Sul busca dialogar com o planeta. E, dessa forma, todos os temas da contemporaneidade se transmutam em novos significados, em reflexões de contracultura, em "transgressões" criativas. Nas incertezas, na desconstrução de mitos historicamente consolidados pelos valores ocidentalizados do Norte e nas transformações criativas se constrói, assim, o pensamento do Sul, entre a prosa e a poesia.

QUAIS AS EXPERIÊNCIAS INOVADORAS IMPLEMENTADAS, E/OU EM CURSO, QUE ILUSTRAM O PENSAMENTO E/OU AS IDENTIDADES DO SUL?

São inúmeros os caminhos da inovação e da ruptura dos paradigmas convencionais do desenvolvimento nos "suis" do Norte, no Mediterrâneo, na África e na América Latina. Evidentemente que não se pretende esgotar um tema tão vasto em um ensaio circunscrito a algumas páginas. Mas alguns caminhos ilustram possibilidades reais de transformação.

A Rio-92 trouxe para o Sul o convite a se repensar, criticamente, a noção de desenvolvimento. E, no Sul, as inúmeras "tribos globais", criativamente e genuinamente, se manifestaram e impuseram uma nova forma de se "negociar" o futuro do planeta, pensando a natureza em sua relação direta com a sociedade.

O Fórum Social Mundial surgiu e se consolidou no Sul e pelo Sul, com a parceria do resto do mundo. Essa rede global, pulsante e eticamente conectada, trouxe à cena principal uma nova espécie de vibração e crítica aos valores hegemônicos de um Norte que também quer despertar para um novo recomeço. O Fórum Social Mundial e seus desdobramentos ilustraram de maneira exemplar uma nova forma de articulação global para além dos pressupostos convencionais da mundialização ou da globalização. E, nesse processo, a sociedade civil buscou alianças, quebrou barreiras antes intransponíveis e partiu para uma perspectiva inovadora, não mais da crítica pela crítica, mas da crítica pela ação transformadora.

Como resultado de Estados enfraquecidos, a sociedade passou, assim, a assumir o protagonismo da história nos países do Sul e, nessa dinâmica, importantes experiências se afirmam no processo de transformação de valores e construção de cidadania. Assim, são numerosas as experiências de projetos sociais inovadores na América Latina e em todos os países da região.

No Brasil, de norte a sul, a partir do resgate dos valores tradicionais e das "identidades perdidas ou subjugadas", se afirma um novo país. Em muitas cidades, vários projetos envolvendo parcerias das mais diversas, transformam localidades abandonadas e massacradas pela miséria e degradação social em "territórios de cidadania", nos quais o resgate da autoestima alimenta um novo cotidiano e a esperança de futuro. No meio rural, novas lideranças enfrentam um passado de poder consolidado e inventam formas criativas de organização, geração de emprego e renda e inserção social e mudam, efetivamente, suas histórias de vida.

As identidades culturais e a história são ressignificadas e revalorizadas também pelo olhar das minorias excluídas, com naturalidade, como ilustrado pelo resgate e afirmação dos valores ancestrais pelas populações tra-

dicionais, antes marginalizadas em toda a América Latina. E isso se traduz também em poder. As primeiras mulheres são eleitas democraticamente presidentes em países que, historicamente, se construíram com base em valores masculinos.

A academia, gradativamente, passa a internalizar o seu papel social e a valorizar os saberes tradicionais na geração de conhecimento. Rompe-se também, progressivamente, o mito da disciplinaridade incrustada como afirmação de poder e, nas fraturas do sistema, a inovação tecnológica é construída com base na interdisciplinaridade e na ousadia do pensamento complexo. E, de maneira inédita, avalia-se o desempenho acadêmico com base em critérios de contribuição social e solidariedade.

Na gestão pública, inicia-se o percurso ainda tímido da transversalidade na ação governamental e os pactos sociais passam a orientar o processo de decisão política, em um confronto corajoso e democrático, com inúmeros conflitos de interesse, progressivamente explicitados e apoiados por uma mídia que se afirma na construção de informação qualificada. E, na perspectiva de desenvolvimento dos países do Sul, há o resgate na crença do elo perdido pela modernidade, entre a natureza humana e a humanidade naturalizada. Resgata-se a percepção da noção de Terra-pátria, na perspectiva de comunidade de destino.

Evidentemente que não se pode romancear a realidade do Sul, submetida à memória de regimes ditatoriais desumanos, "eficiências questionáveis e atrasos" pelos parâmetros do Norte, contextos corrompidos e nem sempre politicamente são, e passivos sociais ainda ilimitados. Mas não é mais possível duvidar que é nesse cenário pulsante de crises permanentes e incertezas que poderão emergir reflexões para uma nova política de civilização.

QUAIS AS QUESTÕES PRIORITÁRIAS A SEREM TRATADAS PELO OLHAR DO SUL NA DIREÇÃO DE UMA POLÍTICA DE CIVILIZAÇÃO?

a) A reforma da Educação: não se pode mais insistir em uma visão compartimentada do mundo nem imaginar um processo educacional apenas centrado em um compromisso de qualidade técnica e operacional, desvinculado de uma perspectiva crítica e de uma discussão ética profunda. A proposta do pensamento complexo e a educação para a cidadania global e planetária constituem pressupostos fundamentais a ser incorporados. Mas o processo educativo precisa também avançar em uma perspectiva crítica, baseada na reflexão filosófica e na formação dirigida à solidariedade e à cidadania planetária.

b) O combate permanente à pobreza e às desigualdades sociais: uma das metas do milênio propostas pela ONU, o combate à pobreza, associado ao compromisso de vida digna para as populações humanas, deveria se constituir em proposta prioritária para essa nova política de civilização. Mas, para

isso, seria fundamental entender que o combate à pobreza não se efetiva a partir de medidas assistencialistas e de curto prazo, mas que implica também uma reforma do modo de vida das sociedades contemporâneas, baseado na produção permanente de desejos que não podem ser satisfeitos e na substituição da noção de ser humano pelo sentido do "ter humano". As sociedades contemporâneas tornaram-se reféns de si mesmas, ao acreditar na arrogância do humanismo e na ilusão de que os abismos entre ricos e pobres não teriam consequências.

c) A reforma do modo de vida: não se pode mais imaginar uma sociedade planetária cujos padrões de vida e consumo não são capazes de admitir os limites do próprio planeta. O excesso do consumo e as escolhas individuais de alguns resultam, obrigatoriamente, na escassez e na deterioração dos modos de existir de outros. É possível tecnologicamente gerar e consolidar padrões mais sustentáveis e solidários de vida, em harmonia com os limites do próprio planeta e com as exigências de vida digna para a sociedade. Esse é um pressuposto central de uma nova civilização.

d) A revisão dos padrões de governança global: em um mundo globalizado e conectado em que todos influenciam todos, em tempo real, e novas lideranças e valores se impõem em contraste às hegemonias historicamente consolidadas no Norte, não se admite mais a insistência desse modo de governabilidade centrado nos mesmos poderes, como se o mundo permanesse o mesmo e novas configurações globais fossem inexistentes. É fundamental que novas formas de governança global sejam inventadas e construídas, com base na perspectiva de comunidade de destino. Como é fundamental o resgate e a valorização das bases culturais, cosmologias e ancestralidades que delineiam as identidades múltiplas do mundo globalizado, não apenas como forma de resistência e afirmação, mas como uma via possível para o resgate da própria existência humana e a geração de um conhecimento centrado não apenas na racionalidade científica linear, mas em uma compreensão integrada e integral do ser humano no universo. A ressignificação da natureza como valor intrínseco, essencial ao equilíbrio planetário, ao bem-estar da sociedade humana e ao resgate de seus valores essenciais, desqualificados pela ditadura da racionalidade científica, frequentemente desumanizante. É fundamental também a busca por propostas de desenvolvimento que privilegiem a economia solidária, a valorização da proximidade, a agregação de valor aos modos de vida locais e às formas de produção sustentáveis, baseadas em energia limpa, nos princípios de ecoeficiência e na geração de produtos e serviços capazes de gerar uma nova forma de funcionamento da sociedade e não apenas a mercantilização da natureza para atender a voracidade do mercado.

Enfim, como discute Edgar Morin, é necessária a integração da prosa e da poesia, da razão e da emoção, em um mundo em processo permanente de criação e recriação e, portanto, em metamorfose.

LEITE, MÁRCIA COSTA RODRIGUES

Gerente de Cultura do Departamento Nacional do SESC DN, professora da Universidade Cândido Mendes e membro da diretoria da Escola Oga Mitá-RJ. Mestre em Educação (UERJ), Arquiteta (UFRJ), Pedagoga (INSTB), Arte-Educadora e Psicopedagoga (CEPERJ). Foi diretora de Tecnologia Educacional da TV Educativa, Rede Brasil (1995/ 98), coordenadora do projeto Salto para o Futuro, TV Escola (1991/94) e diretora da Escola de Professores - RJ (1995/98).

Algumas reflexões sobre o pensamento do Sul

QUAIS OS TEMAS CENTRAIS QUE INSPIRAM O PENSAMENTO DO SUL?

O pensamento do Sul ocupa o lugar simbólico dos povos colonizados, dependentes, considerados de segunda categoria, substituindo conceitos como Terceiro Mundo ou países subdesenvolvidos. O Sul não se define em um espaço estritamente geográfico, não pode ser reificado, até porque nele existem lugares mais Sul do que outros, em função de suas diferenças em relação às sociedades do Norte, capitalistas, urbanas, ocidentais e prioritariamente brancas.

Ao longo da história oficial, o Norte sempre é quem define o que é melhor para o Sul, com sua hegemonia política e econômica, impondo modelos culturais e referências sociais, independentemente da diversidade dos povos e nações do planeta.

Falar em globalização é tratar dessas relações de dominação, do processo de colonização, que não são somente nem exclusivamente geográficas, agravadas especialmente no século XX, com o desenvolvimento das novas tecnologias nos campos da produção, consumo e comunicação humanos. Dessa forma, o pensamento do Sul precisa ser construído pelo próprio Sul, por mais que sejam bem intencionados intelectuais e filósofos do Norte.

Claro que é preciso haver diálogo constante, uma relação dialógica entre os dois polos, e ainda procurar o pensamento do Leste, do Oeste, do Sudeste, do Sudoeste, mantendo a metáfora dos pontos cardeais. Com isso, ultrapassamos as dicotomias que acabam polarizando e empobrecendo a complexidade dos diversos modos de pensar, de fazer e de ser, a partir de olhares superiores, superficiais e hegemônicos, por melhores que sejam as intenções.

Boaventura de Souza Santos, em *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência* (2000), propõe a construção de um pensamento de fronteira e de uma política da tradução, no sentido de que nunca seremos o Outro. No máximo, para que o diálogo seja realmente possível, entre iguais, é preciso construir uma linguagem comum, entendendo que estaremos em um território que não é o nosso, e por isso a humildade e o estranhamento tornam-se condições necessárias para uma comunicação respeitosa.

No texto "Para um pensamento do Sul", Edgar Morin sugere que "temos que assumir a herança cultural do Renascimento, porque hoje devemos problematizar o mundo". Outra proposição importante para um (e não o) pensamento do Sul: questionar conceitos dominantes, valores e mesmo objetos construídos; questionar a própria forma de questionar, a própria hegemonia da razão, os processos epistemológicos da modernidade, já que sabemos hoje existirem várias racionalidades, vários modos "certos" de agir e pensar; várias realidades.

O autor propõe "misturar essas heranças culturais mediterrâneas com as heranças culturais africanas e sul-americanas". Consideramos, entretanto, que o desafio ainda é maior do que fazer a mistura, até porque ela já existe. Somos frutos de uma miscelânea cultural e o que importa é descobrirmo-nos como tal, para respeitarmos todas as origens, a nossa relação com a natureza e com o cosmo.

Resta-nos ultrapassar a dicotomia do bem e do mal, do certo e do errado, entender que a razão iluminista trouxe luz, ciência, tecnologia, mas também trouxe a escuridão, as guerras, o pensamento unificante, homogeneizante, que destrói as singularidades.

Por fim, Morin afirma que o "pensamento do Sul deveria estar apto para enfrentar as complexidades de nossa vida, a complexidade das realidades humanas e da 'insustentável complexidade do mundo'." Sem dúvida, esse é o grande desafio, mas não só do pensamento do Sul, acredito que também do pensamento do Norte, e, assim, pode ser possível restaurar a esperança no improvável, sempre possível.

QUAIS AS EXPERIÊNCIAS INOVADORAS IMPLEMENTADAS E/OU EM CURSO QUE ILUSTRAM O PENSAMENTO E/OU AS IDENTIDADES DO SUL?

Um exemplo paradigmático: as edições do Fórum Mundial Social vêm se consolidando como espaços/tempos privilegiados para a construção e troca de experiências inovadoras, nos quais novos pensamentos são elaborados por muitos diferentes; consegue-se pensar em um outro mundo possível, onde a justiça, a qualidade de vida e a felicidade de todos sejam prioridade; e onde as diferenças sejam condição de existência.

O Norte passou a ouvir as vozes dos povos das florestas, das populações indígenas, das mulheres. Vários países conseguem se destacar por suas práticas e experiências inovadoras, derrubando velhos preconceitos e impondo novas formas de fazer. Desde ações pontuais, que acontecem em pequenas cidades, em escolas, projetos comunitários, até eleições presidenciais surpreendentes. Do pensamento do Sul, exemplificamos com o Brasil, que conseguiu eleger um metalúrgico, com sucesso absoluto de público após oito anos de poder, e, depois, uma mulher, que foi torturada nos anos de chumbo da ditadura. Do Norte, o melhor exemplo é um negro como presidente de um país poderoso, que carrega na sua história marcas desumanas de preconceito étnico.

QUAIS AS QUESTÕES PRIORITÁRIAS A SEREM TRATADAS PELO OLHAR DO SUL NA DIREÇÃO DE UMA POLÍTICA DE CIVILIZAÇÃO?

As questões prioritárias a serem tratadas pelo olhar do Sul na direção de uma política de civilização precisam ser construídas pelo Sul e não traçadas *a priori*.

Considerar que "os seus" têm um poder e um saber próprios é a condição primeira para que o diálogo entre iguais possa ser estabelecido. Iguais que são sempre muito diferentes. Segunda condição para uma política de civilização: é preciso querer a diferença mais do que apenas tolerá-la ou identificá-la.

Por último, é preciso questionar e relativizar o conceito de "civilização". O processo civilizatório precisa garantir condições de desenvolvimento, mas essas condições devem ser contextualizadas. São conceitos que se organizam de diferentes formas, objetivas e subjetivas, em função do jeito de ser e de viver de cada comunidade humana.

MALDONATO, MAURO

Médico e psiquiatra italiano. Professor-associado de Psicologia Geral da Universidade da Basilicata. Estudou nas Universidades La Sapienza (Roma), Federico II (Nápoles), London School of Economics (Londres), École des Hautes Études (Paris). Foi professor visitante de diversas instituições, entre as quais destacamos a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a Universidade de São Paulo (USP) e a Duke University (EUA). Atualmente sua pesquisa está voltada para o estudo da Consciência, da Psicologia da Decisão, sobre a pesquisa e as esferas cognitivas da inovação. É diretor do *Cognitive Sciences Studies for the Research on Research Group*, da Duke University (Durham, Carolina do Norte). Como autor e organizador de livros, produziu volumes e artigos científicos traduzidos em inglês, francês, português e espanhol.

Rumo ao Sul

Fecha-se a cortina sobre a *belle époque* da globalização, em meio a um clima de inquietudes, contradições, conflitos. Uma *époque*, na realidade, bastante breve. De fato, durou apenas uma temporada a ilusão de uma via técnico-administrativa para o bem-estar universal, de uma mobilização geral de indivíduos e culturas rumo às "venturas" do modelo de vida do Ocidente. Em breve ato, assistimos à queda do socialismo real, ao estilhaçamento dos providencialismos secularizados, às ebriedades ideológicas sobre o ocaso da política, até sobre o "fim da história".

Mas era realmente imaginável que o mundo seria conquistado, sem que um único golpe fosse desferido, por um poder "desterritorializado", por uma supersociedade que domina todos os recursos financeiros e os meios de informação, por lideranças políticas nacionais cada vez mais dependentes daquele poder? Era imaginável uma globalização dessa espécie, que desarraiga diferenças de lugar e de cultura, ou, quando muito, as tolera? Não teria sido ilusório imaginar que a globalização pudesse ser realizada sem dilacerações e fragmentações, cancelando as polaridades concretas, as individualidades históricas e culturais, os grandes espaços que se reconhecem e se identificam em uma memória e um destino comuns?

A globalização em andamento exige um espaço-tempo único e indiferente. O "lugar", o "local", nada mais são do que o ponto no qual interesses e investimentos baixam, investimentos e interesses que são contingentes e aleatórios: em uma homologação abstrata e universal, eles não têm a menor possibilidade de "salvação". Na realidade, a própria metáfora do global é altamente problemática. Com efeito, ela mitifica o fato de que o "local" está se transformando em mero produto do global, ao passo que a individualidade do "lugar" só tem sentido em grandes espaços concretos, historicamente definidos. Nenhum lugar pode viver sem poliarquia. Nenhum *nomos da terra*, que não seja uma *lex mercatoria* universal defendida pelo poderio militar e pregado em nome de direitos que nenhuma jurisdição internacional sanciona e defende, poderá existir. Uma globalização poliárquica e policêntrica parece ser, hoje, o único horizonte político capaz de dar uma alma à ordem mundial que se encontra no aperto do duplo movimento da despolitização universal e da expansão de um direito internacional a serviço de toda ingerência ou intervenção militar, que hoje já parece ter tomado o lugar do antigo direito fundamentado em pactos interestaduais.

Um pensamento renovado e livre pode dar a si próprio outra missão — talvez a mais elevada — indicando a viabilidade e a necessidade política, em escala planetária, de uma coexistência, de um *foedus* entre grandes espaços culturais autônomos? A tarefa teórica mais alta e urgente é hoje um pensamento federativo capaz de se medir com os processos de globalização, em todos os seus aspectos. Não algum vago *dever ser*, mas aquele *dever ser* que vive nos momentos reais. A exigência de justiça não é um sonho, mas uma realidade histórica, e não reconhecer esse fato é, antes de tudo, um erro político. Nunca existiu e nunca existirá uma ética da responsabilidade sem a defesa da reciprocidade e da possibilidade de troca das convicções. Reduzir tudo, como se faz, para além da retórica habitual, a choque de civilizações, a relações de força, é irrealismo puro. Mais uma vez, são anos cruciais, e uma decisão entre a desmedida universalista e a medida federalista se faz urgente.

O ARQUIPÉLAGO

A ideia de poliarquia não é uma globalização como ocidentalização, porque nenhuma Nova Ordem da Terra nascerá espontaneamente da ocidentalização planetária das forças e dos sistemas econômicos; tampouco uma ideologia, oposta e complementar a essa, que poderíamos definir da dissolução da soberania, porque nenhum poder militar consegue hoje estar sozinho no cenário internacional. A ideia da poliarquia está perfeitamente presente na metáfora do arquipélago, e precisamente na ideia da coexistência dos diferentes (*nómoi, lógoi* etc.), que também é

espaço simbólico, pois contém em si o próprio princípio da conexão, na ausência de um princípio unificador.

A disposição a ser somente e totalmente uno, indistinto, indiferenciado, consiste na recusa de qualquer conexão. Arquipélago, ao contrário, é inteligência que divide e separa. O problema filosófico e político da relação do uno e dos muitos se constrói, precisamente, a partir dessa tensão para a compreensão do múltiplo, das diferenças. O pensamento ocidental educa e objetiva, a partir do pressuposto que o fim é a harmonização dos conflitos dentro de um "*logos* unitário" que contenha os distintos na unidade. A estratégia, em que ele mantém unidos os distintos, passa por uma análise que os determina e define, com precisão, como procedimentos racionais, colocando-os uns contra os outros, dividindo-os e construindo, por meio dessa passagem de compreensão separada e de sujeição, precisamente aquelas modalidades de *logos* unitário.

Hoje nada deixa prever se esse pluralismo poliárquico poderá encontrar um espaço próprio. O sistema econômico-político dominante é articulado em seu interior, fala uma linguagem complexa e está exposto a conflitos enormes. De resto, as funções de contenção do sistema podem se chocar com as do desenvolvimento. Além disso, os interesses da comunidade empresarial em ampliar os mercados e restringir a concorrência exigem intervenções de regulação que não conseguem representá-los de imediato. Por fim, as inovações no âmbito da pesquisa vivem em um hiperespaço da liberdade de informação que não coincide minimamente com os interesses oligárquicos dominantes. Tudo isso deve ser considerado atentamente e contra toda apologia (quer positiva, quer negativa) do "paradigma único".

Resta o fato, incontestável, de que a ordem desses fatores diferentes (isto é, a hierarquia desses diferentes fatores), que age conforme um sentido e uma vocação — que afinal é a tendência da época à unidade global — nunca se expressará em uma *reductio ad unum*: é muito mais provável, aliás, que dê lugar a um holismo caótico, pois a unidade global se fundamenta na reprodução constante de diferenças e desequilíbrios.

PENSAR O SUL

Mas, se uma *reductio ad unum* é impossível, se torna ainda mais necessário um pensamento capaz de restituir ao sul sua antiga dignidade de sujeito, rompendo assim a longa sequência que o viu como objeto do pensamento alheio. Pensar o Sul — isto é, o sul pensando o Sul — significa ganhar o máximo de autonomia dessa gigantesca mutação, identificar outros critérios de julgamento com relação àqueles que hoje dominam a cena, pensar outra gramática da pobreza e da riqueza, pensar a dignidade de outras formas de vida.

Começamos a pensar o Sul ali onde começa o mar; quando o litoral quebra a organicidade e a dura disciplina da terra; quando descobrimos que a fronteira não é um lugar onde o mundo termina, mas aquele onde os diferentes se tocam e a partida da relação com o outro se torna difícil, arriscada, autêntica. Onde, ao contrário, a terra reina absoluta, impõe-se o fechamento nas próprias raízes, o imperialismo agressivo, o fundamentalismo.

O Mediterrâneo, lugar do Sul por excelência, não é apenas um mar do passado. Naquele encontro de mar e terra, que decerto não representa um idílio (os irreconstituíveis e sangrentos conflitos religiosos, geopolíticos e geoeconômicos são prova disso), residem recursos preciosos, úteis para contrastar uma modernidade desmedida. Trata-se de uma volta às origens, sobretudo mental, que possibilita apreciar com mais força o calor daquele mar entre as terras, tão central na história do mundo.

Em conclusão, nosso pensamento recorda os médicos de *A peste*, de Camus, os quais, em um mundo ensandecido, um mundo em que Deus se retirou em um enigmático e dilacerante silêncio, continuam em sua luta e a testemunhar sua solidariedade para com o próximo. Aqueles médicos são os melhores dos homens, os que transformam o sentimento de nossa fragilidade em uma batalha comum, os que não projetam o ódio nos outros homens, mas sabem transformá-lo em solidariedade.

REFERÊNCIAS

CACCIARI, M. **Geofilosofia dell'Europa**. Milano: Adelphi, 1994.

CAMUS, A. **La peste**. Milano: Bompiani, 2000.

CASSANO, F. **Il pensiero meridiano**. Roma: Laterza, 2007.

MALDONATO, M. **Raizes errantes**. Introdução de Edgar Morin. São Paulo: Ed. 34, 2004.

MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra patria**. Milano: Cortina, 1994.

SCHMITT, C. **Il nomos della terra nel diritto internazionale dello "Jus publicum europaeum"**. Milano: Adelphi, 1991.

MARTINEZ, ANA CECÍLIA ESPINOSA

Doctora en Educación por la Universidad Nacional Estatal a Distancia de Costa Rica. Maestra en Ciencias de la Educación con especialidad en investigación y docencia, por la Universidad del Valle de México y Licenciada en Contaduría por el Centro de Estudios Universitarios Arkos de Puerto Vallarta, Jalisco, México, donde es Directora Académica y dirige el proyecto de Investigación-Acción Transdisciplinar Arkos. Creó y dirige en la actualidad la Gaceta Universitaria Visión Docente Con-Ciencia que difunde trabajo sobre transdisciplinariedad y educación. Tiene artículos publicados sobre transdisciplinariedad y complejidad para la educación superior.

Una experiencia transdisciplinaria de auto-eco-organización de una universidad del Sur

Tomando como base la propuesta por Morin (2010) "Para un pensamiento del Sur" y de identificarla como una noción abierta también a las aportaciones plurales, culturales de la civilización que no han sido acreditadas por la cultura hegemónica "del Norte" — que asume la vida como centrada en el cuatrimotor ciencia-tecnología-producción-ganancia, en el contexto de la mundialización —, considero clave abordar la pregunta: ¿Qué experiencias innovadoras que se implementaron y/o están en curso ilustran el pensamiento y/o las identidades del Sur? Puesto que a partir de ella podemos identificar temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur y derivar cuestiones prioritarias a tratarse por la mirada del Sur hacia una política de civilización. De allí que comparto en este encuentro una experiencia concreta de uno de los sures que abriga la búsqueda de una formación que ponga en equilibrio los vértices del triángulo de la vida de D'Ambrosio (2007): individuo ↔ sociedad ↔ naturaleza y abone a la construcción un mundo mejor (MORIN, 2010).

El texto plantea la experiencia del CEUArkos para implementar la transdisciplinariedad en la universidad así como algunas de las vivencias y aprendizajes logrados con dicha experiencia a partir de cuatro grandes estrategias universitarias para la transdisciplinariedad y la

complejidad. El aporte al encuentro "Para un pensamiento del Sur" está dado por la presentación de una experiencia transdisciplinaria real en una universidad concreta y a nivel de la escala global en una institución: el CEUArkos, que por espacio de cinco años ha venido explorando y experimentando con los miembros de su comunidad (docentes, estudiantes y directivos) las formas de orientar el paso de una formación universitaria disciplinaria a una transdisciplinaria en todos sus programas educativos.

CONTEXTO DE LA INVESTIGACIÓN

El CEUArkos, ubicado en Puerto Vallarta, Jalisco, México, nace en 1990 como la primera institución de educación superior de la ciudad y su zona de influencia. Fue fundada por educadores con muchos años de experiencia en la formación de jóvenes y adultos en el ámbito de la educación pública popular. Se trata de una institución de carácter privado, con reconocimiento oficial de la Secretaría de Educación Pública que ofrece programas de licenciatura en las siguientes áreas: Administración de Empresas Turísticas, Contaduría, Derecho, Ciencias de la Comunicación, y Mercadotecnia. De 300 a 400 alumnos estudian allí, la mayoría son personas que trabajan. La plana docente cuenta con 50 profesores que se distinguen por ser además, profesionales en ejercicio en las diversas áreas del conocimiento. La Universidad posee una filosofía relacionada con una perspectiva social y desarrolla una práctica educativa humanista, evidenciada en su interés por una formación integral del individuo y su filosofía "Educar es formar hombres libres". Animada por esa visión, la dirección del centro se interesó muy temprano por la aproximación transdisciplinaria.

ESTRATEGIAS PARA UNA FORMACIÓN TRANSDISCIPLINARIA EN LA UNIVERSIDAD

Durante los Talleres de Investigación-Acción creamos cuatro grandes estrategias construidas con los actores de la comunidad universitaria para orientar el paso paradigmático hacia la transdisciplinariedad, a saber:

ESTRATEGIA 1: TALLERES DE INVESTIGACIÓN-ACCIÓN-FORMACIÓN TRANSDISCIPLINARIA

La necesidad de superar la fragmentación del conocimiento y la formación en el CEUArkos a escala institucional, nos llevó a considerar que era la concepción de las prácticas educativas y la forma en que éstas son llevadas a cabo lo que estaba en el centro (prácticas a las que subya-

ce una visión de mundo y realidad), por lo que construir caminos sobre cómo operacionalizar la transdisciplinariedad y la complejidad debía darse a través de una indagación conjunta con los actores universitarios. Para ello era básico iniciar con la propia formación de dichos actores. Es así que uno de los principales propósitos fue formar a los profesores y directivos en estas perspectivas, mejorando su competencia pedagógica y profesional. Con ellos y con los estudiantes hemos buscado crear y experimentar, las prácticas y estrategias transdisciplinarias para la formación universitaria. Esta tarea la realizamos a partir de talleres de I-A centrados en identificar y experimentar los procesos para una formación más integral a partir de la visión transdisciplinar. Es allí que abordamos cómo traducir a pasos metodológicos la transdisciplinariedad y la complejidad para adaptarlos a las prácticas formativas del CEUArkos, intentando liberarlas de la fragmentación.

El objetivo es también encarnar las nuevas corrientes por los actores a partir de prácticas de I-A reflexivas donde cada uno contribuya a la concepción, construcción y evaluación de los caminos explorados (NICOLESCU, 1998), pues una evolución tan importante como ir de una lógica disciplinaria a una transdisciplinaria en la universidad no puede desarrollarse brusca y totalmente, sin la participación de los actores y bajo un esquema de sólo transmisión y no de acción-investigación pues querer comprender las nuevas perspectivas sin experimentarlas es una contradicción epistemológica.

Los talleres están inspirados en las propuestas CIRET-UNESCO, en los pilares de la transdisciplinariedad, principios de la complejidad, trabajos de Galvani (2007b) y Pineau (2007b), así como nuestra propia propuesta (ESPINOSA; TAMARIZ, 2001), nacida en una investigación anterior. Los talleres se han dado desde el año 2007, están compuestos de directivos, profesores y estudiantes voluntarios de las diferentes esferas del CEUArkos.

a) Orientaciones pedagógicas para una formación basada en tres niveles de realidad. Los talleres están orientados a que los participantes desarrollen tres tipos de aprendizaje ligados a tres grandes dimensiones o niveles de realidad del sujeto (GALVANI, 2007b): vinculado al Nivel Teórico-Epistémico, se busca aprender a pensar, mediante la investigación y a través de los tres pilares de la transdisciplinariedad (NICOLESCU, 1998) y los siete principios de la complejidad (MORIN, 2005), intentando generar un pensamiento complejo; relacionado al Nivel Práctico se enfatiza aprender a dialogar, distinguir y reconectar las disciplinas, asumir sus límites y complementos, buscar su interacción a través del diálogo (abierto versus la discusión o la persuasión) y la exploración colectiva; Ligado al Nivel Ético

o Existencial (Reintroducción de las dimensiones sensible y ética), se trabaja con la perspectiva de aprender a aprender sobre el conocimiento de sí mismo, de los propios prejuicios, condicionamientos sociales, históricos y personales de nuestras creencias y certezas, nuestra inspiración y vocación, afinidades, límites y posibilidades, pero también generar reflexiones sobre el conocimiento y el conocimiento del conocimiento. Estos tres tipos de aprendizaje, inter-relacionados a su vez a tres niveles de realidad del actuar del sujeto, constituyen lo que podemos denominar los aprendizajes y formas de construcción del conocimiento transdisciplinar para la formación universitaria que exploramos en el Proyecto Arkos.

b) Procesos de los Talleres de I-A-Formación Transdisciplinar: En nuestra experiencia, una serie de procesos han facilitado el trabajo en los talleres: a) Procesos de sensibilización y familiarización hacia la transdisciplinariedad y la complejidad; b) Procesos de identificación de las preguntas de interés de los participantes; c) Consolidación del grupo, por procesos de auto-formación y co-formación a partir de una problemática común que atañe a todos y es co-construida (DESROCHE, 1998); d) Procesos de diálogo intersubjetivo para la apertura y religación de los saberes y las personas; e) Procesos de exploración, apropiación y profundización en los pilares transdisciplinares y principios complejos — para aproximarse a problemáticas vividas por los actores y ejercitarse en el manejo de las herramientas del pensamiento complejo, pues se volvieron conscientes de que no estaban habituados a pensar complejamente; f) Procesos de auto-reflexión y reflexión sobre la inter-experiencia; g) Procesos de producción colectiva de saber, como la creación de diversas estrategias y cursos transdisciplinarios para todas las licenciaturas reconocidos por el Ministerio de Educación Mexicano que representan el diezmo transdisciplinario planteado por Morin (2002).

ESTRATEGIA 2: MESAS REDONDAS TRANSDISCIPLINARIAS

Estas mesas redondas constituyen una oportunidad para la praxis transdisciplinaria al devenir en una experiencia para el diálogo intersubjetivo y la reconexión de saberes dado que retoman como eje problemáticas que nos atañen como seres humanos, parte de una sociedad y un medio, que son dialogadas en grupos transdisciplinarios. Se trata de un espacio abierto y liberado para compartir, reflexionar y reflejar de manera lúdica los problemas sociales. Las mesas redondas están dirigidas a toda la comunidad Arkos y son abiertas a la ciudadanía. Son un punto de encuentro para individuos, colectivos, organizaciones e instituciones que buscamos incidir en los problemas de nuestra comunidad y anhelamos fortalecer los lazos para la vida colectiva. Se trata también de abrir el diálogo al arte y los saberes no disciplinarios como los de la experiencia,

de lo vivido fenomenológicamente, de la comprensión intersubjetiva e intercultural (GALVANI, 2009b).

ESTRATEGIA 3: SEMINARIOS DE TESIS TRANSDISCIPLINARIOS

Los seminarios se trabajan con grupos mixtos de estudiantes de las diferentes carreras y son acompañados por un equipo docente transdisciplinar (conformado por miembros de los talleres de I-A) que sustentado en la transdisciplinariedad, apoya a los estudiantes para ejercitarse en una nueva forma de pensamiento (complejo) para abordar el trabajo de investigación y hacer sus tesis de licenciatura. La dinámica de trabajo está basada en la dialógica, en la intersubjetividad y el cruce de saberes. Es una visión que permite apreciar y respetar las aportaciones de todos, a partir de un diálogo entre los participantes (de diferentes disciplinas) para abordar problemáticas (sociales, ambientales y humanas) en sus tesis que emergen de su relación con la comunidad y el medio en que están inscritos y para producir un saber individual y colectivo sobre las mismas que se gestan en la colaboración y la co-participación. Con esta experiencia transdisciplinaria, vemos a los universitarios aproximarse mediante el estudio, la reflexión y la investigación, a problemáticas que salen del dominio de los campos técnicos de las licenciaturas, que reconocen la riqueza y complejidad de la realidad. Las investigaciones se arraigan en las problemáticas sociales, ambientales cotidianas que conocen los estudiantes y que los tocan personalmente o familiarmente. No se trata ya, de problemas teóricos abstractos o especializados que levantan la lógica interna de la disciplina sino de problemas arraigados en la vida que demandan la vinculación y reconexión de los saberes disciplinarios para abordar, elucidar, comprender y tratar las realidades complejas. La cualidad de la implicación y la utilización de pasos dialogados experimentados en el seminario transdisciplinar otorga un matiz muy particular a estos trabajos de tesis. La dimensión medioambiental aparece con mucho más frecuencia y sobre todo, la encontramos en todas las disciplinas.

ESTRATEGIA 4: EJERCICIOS TRANSDISCIPLINARIOS EN LAS AULAS UNIVERSITARIAS

Buscando despertar tempranamente una actitud transdisciplinaria en las aulas a través de ejercicios vivenciales y crítico reflexivos sobre diversos campos de interés transdisciplinar y complejo, los participantes construyeron los Ejercicios Transdisciplinarios, que se apoyan en el uso de saberes populares, como el círculo de la palabra (CLASTRES, 1971), dinámicas de diálogo (BOHM, 2004) y saberes artísticos (como teatro,

poesía, fotografía, literatura, música), pues fungen como sensibilizadores previos al abordaje de temáticas transdisciplinarias que son reflexionadas en grupos pequeños.

HACIA UNA ECOLOGIZACIÓN DE LOS SABERES UNIVERSITARIOS

Aunque hay un largo camino por recorrer y construir en el propósito de transitar hacia una formación transdisciplinaria en el CEUArkos, con esta experiencia nos toca advertir que disciplinas aparentemente extranjeras a la educación sobre el medio ambiente como el derecho, la contabilidad, la administración, o la comunicación, son ecologizantes a partir de una postura transdisciplinaria que pone en diálogo el conocimiento académico con los saberes del medio social, los artísticos, populares, políticos e introduce la preocupación medioambiental como una dimensión ética en la producción de los saberes universitarios. La visión transdisciplinaria tiende así a ecologizar los saberes: "Es decir, pone los saberes en diálogo con aquellos del medio ambiente, a la vez que introduce el medio ambiente como la preocupación mayor de los conocimientos y los aprendizajes producidos." (GALVANI, 2008b, p. 4). En otras palabras, el paso de un paradigma disciplinario (técnico reductor-simplificante) a un paradigma complejo y transdisciplinario implica un cuestionamiento crítico y autocrítico de las diferentes disciplinas sobre los desequilibrios ambientales.

REFERENCIAS

BOHM, D. **On dialogue**. London: Routledge, 2004, p. 136.

CLASTRES, P. **La société contre l'état**. Paris : Ediciones de Minuit, 1971.

D'AMBROSIO, U. Concimiento y valores humana. **Visión Docente Con-Ciencia**, Puerto Vallarta, v. 7, n. 35, pp. 6-18, marzo/abr. 2007.

DESROCHE, H. Les auteurs et les acteurs: la recherche coopérative comme recherche-action. **Communautés**: archives de sciences sociales et de la coopération et du développement, n. 59, pp. 36-94, 1982.

ESPINOSA MARTÍNEZ, A. C.; TAMARIZ, C. **Un modelo transdisciplinario de educación para la universidad**. 506 f. Tese (Mestrado) -- Universidad de Valle de México, Santiago de Querétaro, México, 2001.

GALVANI, P. Methodology. In: FOURTH WORLD UNIVERSITY RESEARCH GROUP. **The merging of knowledge: people in poverty and academics thinking together**. [S.l.]: University Press of America, 2007b, p. 9-30.

GALVANI, P. **La transdisciplinariedad y la complejidad**: una mirada que religa los saberes y la experiencia vivida. Puerto Vallarta, 2009b. Conferencia dictada en el Centro de Estudios Universitarios Arkos para los Seminarios de Tesis Transdisciplinarios.

GALVANI, P. Transdisciplinariedad y ecologización de los saberes: 1ª parte. **Visión Docente Con-Ciencia**, Puerto Vallarta, n. 40, 2008b, p. 4-13.

MORIN, E. **La cabeza bien puesta**: repensar la reforma, reformar el pensamiento. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002. 143 p.

MORIN, E. **Introducción al pensamiento complejo**. Madrid: Editorial Gedisa, 2005, 167 p.

MORIN, E. **Para um pensamento do Sul**. 2010. Mimeografiado.

NICOLESCU, B. **La transdisciplinariedad, una nueva visión del mundo**: manifiesto. Paris: Ediciones Du Rocher, 1998. 125 p.

PINEAU, G. Knowledge: freeing knowledge!: life, school and action. In: FOURTH WORLD UNIVERSITY RESEARCH GROUP. **The merging of knowledge: people in poverty and academics thinking together**. [S.l.]: University Press of America, 2007b, p. 215-306.

MARTINS, PAULO HENRIQUE

Professor-titular de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), membro da Associação Mauss (Movement Anti-Utilitariste dans les Sciences Sociales), com sede na França. Vice-presidente da Associação Latino-Americana de Sociologia (Alas) e presidente do Comitê Brasileiro da Alas Recife 2011.

Contribuição dos estudos "descoloniais" para os desafios propostos por Edgar Morin para a organização do pensamento do Sul

As reflexões de Edgar Morin relativas à organização de um pensamento do Sul enfatizam a necessidade de se recusar a *redução* do complexo a um dos seus elementos e a *disjunção* que separa ideias aparentemente antagônicas, mas que são, de fato, complementares. Tais comentários colocam várias possibilidades de exploração teórica para que avancemos na construção do diálogo entre Sul e Norte, que, no fundo, é o diálogo entre várias modernidades e campos diferenciados de pensamento e ação.

Considerando que o texto de Morin abre um vasto leque de reflexões, decidimos explorar um foco particular sugerido pelo autor, a saber, que o pensamento do Sul deveria conciliar "o sentido da diversidade concreta da natureza expressa pelos deuses dos politeísmos antigos, principalmente o grego e o latino, assim como o sentido da unidade do universo que o Deus Único exprime". No nosso entender, os estudos pós-coloniais, surgidos nas sociedades que se libertaram parcialmente da colonização planetária e, sobretudo, os estudos "descoloniais", que radicalizam a crítica ao progresso econômico com vistas ao resgate do diverso e do ausente, podem ser de muito valor para se aprofundar

este debate de integração da diversidade na unidade que impede a fragmentação cultural.

Assim, me parece interessante começar nossa reflexão com uma pergunta: que grau de interação existe entre os chamados estudos pós-coloniais, que questionam a modernidade eurocêntrica e que buscam organizar um pensamento do Sul, e a crítica antiutilitarista complexa formulada por Edgar Morin, que permite avançar na crítica da modernidade desde o Norte?

Uma primeira resposta a essa pergunta é a constatação de que o reconhecimento de lugares diversos de produção da crítica teórica — crítica desde o Norte e desde o Sul — já constitui, em si mesmo, o reflexo dos deslocamentos das fronteiras nacionais modernas. Se estas, anteriormente, eram fundadas na ideia do universalismo do Estado nacional, agora, tais fronteiras se abrem para a diversidade e para o surgimento de territórios transnacionais, que contribuem para tornar os territórios nacionais mais complexos do ponto de vista linguístico, cultural, social, econômico, político e jurídico. Nessa perspectiva, a busca de novos nexos entre Norte e Sul não significa que as antigas fronteiras nacionais estejam borradas, mas que elas agora são atravessadas, no pensamento e na prática, por zonas de contato intermediárias que favorecem o surgimento de entendimentos plurais da realidade, desenhando uma configuração de poder plural e diversificada.

Assim, não é mais problema o reconhecimento das diversidades de experiências intelectuais em cada lado das fronteiras, pois tais diversidades estão condicionadas por experiências cognitivas e práticas que revelam diferentes experiências culturais, históricas e políticas. Assim, se no Sul o pensamento "descolonial" interroga as teorias pós-coloniais tradicionais, prisioneiras da ideologia do desenvolvimento, como a teoria estruturalista cepalina e a teoria da dependência, no Norte há outros marcos interpretativos a interrogar como, por exemplo, as críticas às teses reducionistas e utilitaristas que inspiraram o desenvolvimento do capitalismo e das ideologias mercantilistas como o neoliberalismo.

Nossa reflexão neste texto se baseia, então, em duas teses complementares: uma epistemológica e outra epistêmica. A epistemológica propõe fazer uma conexão estreita entre os estudos pós-coloniais e "descoloniais" — que objetivam revalorizar as tradições, lutas e possibilidades sócio-históricas das sociedades do Sul —, e os estudos antiutilitaristas e da complexidade do Norte, que criticam os reducionismos teóricos, os moralismos travestidos de universalismos éticos, assim como as ações depredadoras voltadas para a mercantilização do mundo. Assim, não se

pode falar de crítica "descolonial" na América Latina sem referência a uma série de esforços de renovação teórica que apontam para a diversidade de saberes propostos por Morin, como aqueles dos *postcolonial studies*, dos *subaltern studies*, dos *gender studies*, ou sem revisar Marx. Ou seja, o avanço da teoria crítica num lado, o do Sul, se faz em paralelo às mudanças da teoria no outro lado, no Norte.

Segundo nossa hipótese, os giros epistemológicos em curso têm origens diversas definidas pela colonização, mas articuladas por uma globalização que é produzida nos espaços da política e da tradução cultural e linguística que se formatam desde as origens da modernidade europeia. No Sul, o giro é conduzido desde a práxis anticolonial e desde a crítica pós-colonial, que nasceu da reação contra a subalternidade hierárquica colonial; no Norte, o giro é produzido desde o avanço da crítica antiutilitarista e antirreducionista, sobretudo sociológica, que passa a interrogar a subalternidade não somente a partir da exploração econômica, mas também a partir dos fatores culturais e morais, como o provam as teorias da complexidade, do dom e do reconhecimento, nos últimos anos.

A tese epistêmica, por sua vez, sugere que o avanço simultâneo da crítica teórica nas três últimas décadas, no Sul e no Norte, é produzido por deslocamentos progressivos e cada vez mais acelerados do imaginário da modernidade, passando-se gradualmente de um olhar eurocêntrico para outro, "mundialocêntrico". A tese epistêmica propõe que a modernidade é um discurso que se gera, desde suas origens, por rupturas e deslocamentos entre as representações do passado e do futuro, desde o Leste e o Oeste, e entre imaginários diversos da colonização, que constituem importantes zonas linguísticas de contato no momento presente. Cada imaginário aponta para uma equação híbrida, como são os casos de latinização, indianização, ocidentalização, orientalização, modernização, entre outros. Eles apontam sempre para deslocamentos epistêmicos que permitem se entender Norte e Sul como metáforas de uma mesma coisa, que envolve as duas regiões de construção da colonialidade na modernidade. Isso significa que há uma articulação permanente entre os produtores do conhecimento das duas regiões, articulação que se expande progressivamente na conjuntura global com a ampliação de interioridades e exterioridades, permitindo novas visibilidades teóricas nos espaços de produção da liberdade entre os ex-colonizados.

A produção teórica pós-colonial e "descolonial" na Europa (Fanon, Memmi etc.), na América Latina (Quijano, Escobar, Dussel, Lander etc.)

na Ásia (Spivak, Chatterjee, Chakrabarty etc.) contribuem para provar que as duas regiões do conhecimento e do poder das modernidades planetárias conhecem ontologias diversas, mas articuladas por traduções e tradutores, por meio das várias fronteiras históricas, políticas, simbólicas e epistemológicas, inter e transculturais. Nesse sentido, é necessário esclarecer que Norte e Sul não são somente pontos geográficos, administrativos, jurídicos e políticos, mas também, lugares de produção do conhecimento e de imaginários sociais e culturais diversos que se movem em paralelo. Suas cartografias de poder e de saber são redimensionadas desde as tensões e conflitos que nascem nas fronteiras compartilhadas do imaginário eurocêntrico com os imaginários próprios da Ásia, da África e da América Latina.

A valorização dos espaços de conhecimento transnacionais que envolvem os dois campos imaginários, ou melhor, os dois lados das fronteiras do imaginário da mundialização, aqueles situados desde dentro e desde fora, desloca a relação tradicional espaço-tempo que inspirou a cartografia da colonização e dos territórios dos Estados nacionais. Essa antiga cartografia da colonização foi produzida por um saber colonizador organizado a partir das forças da burguesia e do cristianismo e que valorizou a ideologia do progresso, da mercantilização e da expropriação. Com a crítica "descolonial" produzida desde as exterioridades esse marco tradicional é interrogado, o que provoca o nascimento de outro marco espacial-temporal que se impõe sem eliminar o antigo. Consequentemente, são criados novos territórios transnacionais de organização das experiências da vida cotidiana e novas modalidades de ação coletiva e da política.

A superação dessas fronteiras nacionais modernas está contribuindo para mudar as noções de espaço e tempo, permitindo integrar novos horizontes cognitivos e emocionais na produção das experiências individuais e coletivas, de gênero, de etnias, de sexualidade, entre outras. Assim, é interessante observar que, a partir do olhar europeu, ser homem e branco implica enorme diferença na constituição das hierarquias de respeitabilidade a nível mundial. Mas, hoje, ser negro, mulher ou Aimara deixa de ser símbolo de arcaísmo ou inferioridade cultural para significar o valor das distinções, da revalorização do diferente, o que é fundamental para a expansão de um novo humanismo que, como sugere Morin, se afirme pela consciência do pertencimento a uma mesma comunidade de destino. Ou seja, as manifestações de exterioridades mudam as representações do mundo desde fora e desde dentro.

Por consequência, a sombra do "bárbaro" passa a questionar diretamente a dominação colonial, simultaneamente desde o Sul e desde o Norte. Pois se, por um lado, temos a emergência dos movimentos indígenas, por exemplo, como prova da afirmação dos novos territórios de produção de movimentos sociais e culturais inéditos no Sul, temos também que reconhecer que no Norte há em curso mudanças importantes sobre a vida política, social e cultural, como demonstram as reações dos imigrantes e das grandes mobilizações coletivas urbanas nas grandes cidades.

Para concluir, gostaríamos de dizer que se o pensamento do Sul é "solicitado a reproblematicar a sabedoria" como propõe Morin, então é importante que essa reproblematicação não se faça de costas para o Norte, mas em diálogo compreensivo e complexo que respeite as diversidades e promova as dignidades.

MEDEIROS, CLAUDIA SANTOS DE

Mestre em Educação Brasileira pela PUC-Rio, com a dissertação *Profissionais de Saúde, Lazer, Cultura e Educação que trabalham com a Educação Infantil: práticas e concepções de infância* (2009). Especialista em Educação Infantil, também pela PUC-Rio, pedagoga, atualmente é assessora-técnica da Gerência de Educação e Ação Social (GEA) do SESC, Administração Nacional, atuando principalmente na formação de professores de Educação Infantil das escolas do SESC em quase todos os estados do Brasil.

Leonardo e Anderson: encontro entre os alpes suíços e a floresta amazônica

Foi Leonardo Da Vinci que, em 1510, subiu os Alpes Suíços e encontrou fósseis de seres do mar. Uma das explicações disponíveis para tal fenômeno, na época, dada pela Igreja, é que Noé jogara-os de sua arca, durante o Grande Dilúvio. Hoje, estudiosos afirmam que os Alpes foram o fundo de um mar, cujo nome não me lembro agora, mas que subiu por causa de um choque da África com a Europa. E dividiu-se o continente europeu em Norte e Sul. "Culpa" dos Alpes.

Desde Leonardo, homem do Sul (da Europa), os mistérios do mundo também habitam os lados de baixo. E há gente do Sul que acende a centelha do saber, que habita as fronteiras. Há temas que inspiram o pensamento e a ação do homem, de qualquer lado do planeta. E, como Morin nos lembra que os lados mudam de direção, eu, daqui de outro Sul, o Brasil, não posso deixar de encontrar em Da Matta (outro homem do Sul) uma explicação singela para tanta "fronteirice": espaço e tempo são construções sociais. E não se pode falar de espaço sem falar de tempo.

Houve tempo em que o homem esteve mais em moda, potente, másculo, racional, ocupando os espaços com sua "lógica cultural" (Da Matta, 1985). Walter Benjamin (1996) já nos dizia que nos identificamos com

os vencedores, mas a história empilha os cadáveres dos nossos, dos vencidos. Quem somos nós, os do Sul, mas que se vêem pelos olhos do Norte? Hoje, parece que tanta potência está resultando em problemas, com os quais se torna difícil reconhecêmo-nos nesse homem, e nossos caminhos parecem por vezes sem direção.

Morin, de certa forma, nos convida a subir aos Alpes com Leonardo, trazendo algumas coisas que nos permitam ver além dos fosséis "lançados por Noé". E o que seria subir aos Alpes? Quiçá vislumbrar o mundo de cima, do Norte, ou juntar a luz do Sul com a do Norte? Fico com a segunda opção, tentando manchar as fronteiras. Mas, como concretizar tempo e espaço sem contrastes? Como falar de ecologia se abraçamos árvores que ficam lá longe, enquanto o sistema de esgoto não existe para todos, e quem dirá uma educação para todos os homens?

Presente em todos os estados do Brasil, a instituição Serviço Social do Comércio (SESC), na qual trabalho, poderia contar ações que ilustram o pensamento de outro Sul, o Brasil, apesar de essa instituição ser "Norte" enquanto pensamento e ação em muitos lugares no país (ah! esse Norte que nos persegue como se, não tentando sê-lo, só nos restasse ser Sul). Mas foi no Pará (região Norte do Brasil, Sul do mundo ocidental) que conheci um bombeiro militar, Anderson, que vive na cidade de Inhangapi (Pará). Esse homem participava de uma semana de estudos pedagógicos do SESC, junto com professores de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos, enfim, atividades desenvolvidas por aquela instituição. Ele faz parte de um projeto chamado Criança Cidadã, uma parceria entre a prefeitura local e o SESC, na tentativa de recolocar crianças em situação de risco, formando-as guardas ambientais mirins, cuja ação é mais ecológica: "Nossa sorte é que temos a floresta e o rio", ele diz, lembrando que todos na cidade vivem nessa fronteira. E o bombeiro me conta, com aquele jeito manso e sábio, que eles vão para a floresta com os meninos, acampam, removem obstáculos (árvores grandes caídas), trabalham juntos e contam histórias ao redor de fogueiras. E os outros meninos da cidade, que não fazem parte do projeto, ao passarem por ele, dizem com intimidade: "Ei, professor Anderson!". "Que coisa mais Sul", talvez dirá Morin, buscando esse homem por aqui mais humano. Mas, eu penso, "que coisa mais bacana é trabalhar junto durante o dia e ouvir histórias à noite. Eis que a narrativa não morreu, Benjamin!". Ainda podemos ser homens que compartilham histórias, sonhos, desejos e medos. E vivermos uma experiência coletiva, que faz de um bombeiro militar um professor de meninos que ainda não são seus alunos.

Tal como o bombeiro que vem estudar Vygotsky comigo, e anda na mata com os meninos, e me leva com ele, os Alpes não são mais os mesmos. Já podem ser notadas mudanças ocorridas em pelo menos trinta milhões de anos, dizem os cientistas. Estão mais baixos, menores, o gelo lima as pedras, cria uma nova paisagem. Será que precisaremos de mais trinta milhões de anos para que outro continente se choque com a Europa e mova novamente a Terra, mudando de lugar a parte antiga, que fica por cima, e a nova, que fica por baixo, numa situação que parece magia? Ou será melhor seguir com Leonardo e com o bombeiro Anderson, curiosos e encantados com uma arca de Noé, que deixa cair os seres do mar por sobre as montanhas geladas da Suíça, e com uma floresta e um rio, para podermos estar mais próximos e compartilhar histórias?

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I:** Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II:** Rua de mão única. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua:** espaço, cidadania, mulher e norte no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MORIN, Edgar. **Para um pensamento do Sul.** 2010. Mimeografado.

MIRANDA, DANILO SANTOS DE

Diretor do Serviço Social do Comércio (SESC) em São Paulo. Especialista em Ação Cultural, formado em Filosofia e Ciências Sociais, realizou estudos complementares de especialização na Pontifícia Universidade Católica, na Fundação Getúlio Vargas de São Paulo e no Management Development Institute (Imede), de Lausanne, Suíça. Foi presidente do Comitê Diretor do Fórum Cultural Mundial, em 2004. Atua como Conselheiro em diversas entidades, entre as quais: Fundação Itaú Cultural, Museu de Arte Moderna de São Paulo e Movimento Nossa São Paulo. É membro da *Art for the World*, com sede na Suíça. Atualmente é vice-presidente continental da Federação Internacional de Esportes para todos (FISPT), vice-presidente da Associação Latino-Americana de Lazer e Tempo Livre. Foi presidente do comissariado brasileiro do Ano da França no Brasil em 2009 e presidente regional (América Latina e Caribe) do Conselho Internacional de Bem-Estar Social (ICSW), 2008-2010. Nos últimos anos tem participado ativamente como conferencista em eventos nacionais e internacionais e foi agraciado com homenagens de reconhecimento ao seu desempenho em favor da cultura.

Considerações sobre Edgar Morin e a defesa de um pensamento do Sul

A modernidade tem sido um problema para diferentes filósofos e pensadores sociais. De Hegel a Max Weber, diferentes interpretações trataram da interrelação entre a razão ocidental e a modernidade, considerando sua extensão nos núcleos organizadores da empresa capitalista e do aparelho burocrático de Estado; elaborando e reelaborando seus vínculos na atualidade até o limite das teses contrárias, que puderam forjar novas concepções como a de pós-modernidade. As teorias da modernização, com abordagem econômica, política e sociocultural, buscaram identificar na ordenação dos países industrializados os fatores sociais e institucionais que teriam sido responsáveis pelo desenvolvimento para que, como teoria ou conhecimento instrumentalizado, pudessem, inclusive, ser aplicados em países ditos subdesenvolvidos ou do terceiro mundo. Com características referidas aos processos que se acumularam e internamente foram reforçados a partir do desenvolvimento das forças produtivas, da formação de capital e mobilização de recursos, do aumento da produtividade do trabalho, da formação de identidades nacionais, dos direitos de participação política e das formas de vida urbana e escolarização, as teorias da modernização conceberam, em sua maioria, as diferenças sociais como estágios de um percurso histórico, cuja etapa

superior culminaria com o padrão ocidental da sociedade europeia, então moderna e desenvolvida.

Além dessas configurações estabelecidas e já diante de determinadas revisões sociológicas, a teoria da modernização também entende que, em dado momento histórico, a modernidade separa-se de suas origens europeias e das referências históricas do racionalismo ocidental para criar um padrão estilizado, sem tempo e lugar, a ser apropriado como parâmetro para os processos de desenvolvimento social em geral. Vista desse ângulo, a modernização social alcançou uma existência autônoma, com processos que podem ser relativizados, tendendo a ser adotada como uma lógica, sobretudo em tempos de globalização, com assertivas e proposições, ou, ainda, como *ethos*.

Na direção da compreensão da modernidade e dos processos da dita modernização, Edgar Morin, de acordo com sua trajetória intelectual, tem postulado a necessidade de um pensamento complexo, visto que a fragmentação do conhecimento, como desdobramento dessa dinâmica expansionista, que cresce por meio da segmentação técnica, tem minado o entendimento do mundo e das coisas, sujeitado saberes e fazeres e, ainda, impedido que a transdisciplinaridade se estabeleça como racionalidade. De outro modo, e diante da produção de saberes cada vez mais especializados e mais distantes dos grandes temas do mundo, da vida, do planeta e da humanidade, o autor tem buscado unir a cultura das humanidades à cultura científica, fazendo com que ambas dialoguem, reavivando as conexões e virtudes cognitivas entre as artes, literatura, ciência e poesia. Mas o princípio de conjunção, defendido por Morin, apresenta-se de forma sistematizada também nos estudos do início da década de 1990 denominados *O método*, em que o autor propõe não um manifesto de desconstrução do método científico, como Paul Feyerabend e Imre Lakatos, mas novas formas de compreensão do humano em suas determinantes universais bio-psico-sócio-culturais; delineando uma metodologia libertária capaz de abrigar, entre outros aspectos ditos contraditórios, o senso comum menosprezado e a norma culta. Mas a religação de sonhos, mitos, saberes e fazeres tradicionais na metodologia do pensamento complexo é apreensível em um terreno de flexibilidade e sem os rigores que marcam o método científico, propriamente.

Nesse antimétodo, por assim dizer, pode-se perceber como um "pensamento do Sul" está esboçado e implica os pressupostos para a convergência de todos os pensamentos e para uma "maneira radicalmente complexa de pensar". No volume IV de *O método — As ideias* (a organização das ideias —

noologia), Morin defende, por exemplo, a linguagem natural⁵ de diferentes sociedades, em contraposição aos postulados científicos que defendem a linguagem formalizada como instrumento mais competente para o desenvolvimento do pensamento. Nesse exemplo, o autor refuta o formalismo, inclusive citando Roman Jakobson e Blaise Grize em suas ponderações sobre a inferioridade da linguagem formal e seus impedimentos à capacidade de invenção, imaginação e criação humanas.

Na sintonia de uma resistência e optando por outras vias de transformação da fragmentação, da especialização e da "disciplinarização" do conhecimento, formas também presentes na educação fundamental e universitária, o autor tem reforçado a abordagem sobre pensamentos hegemônicos e sujeitados, ilustrados nessa oportunidade, como os pensamentos do Norte e do Sul, geograficamente relativos.

O pensamento do Sul é um pensamento em potencial, a ser elaborado a partir de premissas extraídas dos diferentes "suis" do planeta, sem submetê-las, no entanto, a uma concepção única, como pretende o pensamento do Norte diante da necessidade de ordenar o que lhe parece fora da ordem e de onde parecem se destacar apenas o atraso e o subdesenvolvimento.

Em sua progressão globalizante, o pensamento do Norte avança na direção de "devorar", conforme Morin, os "suis". Diante disso, o potencial pensamento do Sul deve ser fortalecido por meio da proteção das culturas locais, suas "artes de viver, saber e fazer", para que possa, sem rejeitar certos ditames e virtudes do pensamento do Norte, criticá-los, na medida da necessidade de sua autoelaboração enquanto pensamento complexo e de ligação.

Por meio da proposta de elaboração de um pensamento do Sul, o autor recusa a abreviação de um complexo a um de seus elementos, como seria a diversidade rica em tradições culturais e aspectos da realidade de diferentes "suis" reduzida a uma de suas imperfeições sociais, como a violência, a corrupção ou os conflitos gerados no cotidiano.

Nesse sentido, retrata as possíveis contribuições do Mediterrâneo para a elaboração de princípios capacitados à conjunção, desde a Antiguidade. Para tanto, refere-se à diversidade politeísta dos faraós, no Egito, destacando a unidade dada pela supremacia divina do deus-sol, passando pelo monoteísmo do cristianismo, do islamismo e do judaísmo, como elemento que desponta na compreensão da unidade e universalidade humanas, retomadas no Renascimento, que, a exemplo da democracia ateniense, oferece o debate como meio para a sabedoria, reanimando a vontade de reflexão sobre o mundo, essa grande herança que nos permite, ainda hoje, problematizar a vida, o cosmos e a natureza.

5. Linguagens naturais são as linguagens comuns aos membros de uma cultura e as linguagens correntes que servem aos diversos usos da vida cotidiana (MORIN, 2000, p. 214).

Do Humanismo, o autor critica a arrogante crença da supremacia humana diante da natureza, enaltecendo sua outra face, que valoriza e dignifica o ser humano, hoje na condição de integrar a "comunidade de destino" na era planetária. Mas, diante do Humanismo que dignifica, é necessário problematizar a própria razão, entendendo-a não como um bloco hegemônico de ideias e pensamentos fechados, mas como racionalidade aberta, que reconhece seus limites no desvendamento dos mistérios do universo.

Das críticas feitas à racionalidade especializada e dividida em muitos setores, destaca-se o imperativo da regeneração crítica, particularmente da autocrítica. Dito isso, o autor propõe a mistura das heranças culturais mediterrâneas com as sul-americanas e africanas, para delas extrair sua "verdade profunda", a que nos reunirá à "nova consciência ecológica" e à solidariedade, capazes de frear a degradação mundial estimulada pelo Norte, integrando os diversos conhecimentos sobre a vida e a natureza, sem sobrepujança e destruição.

A civilização caminha, hoje, em meio à crise. Crise da razão, da ocidentalização e da mundialização. O projeto do progresso ilimitado diante da abundância de recursos e matérias-primas há décadas demonstra sua inviabilidade. São rechaçados, sobretudo pelo Norte, os tratados e acordos globais para minimizar o impacto sobre a natureza e as condições climáticas nessa atual fase do modelo econômico de enriquecimento dos países. De outro lado, quanto mais se promove a unificação técnico-econômica do planeta, tanto mais se dão reações de desagregação socioculturais e étnicas. Uniformidade prostrando a diversidade e isolamento defensivo são resultados incompatíveis com os desígnios que nos levariam à unidade na diversidade. Unidade que não pode ser apenas econômica, pois, a unidade econômica não realizará a complexa unidade humana na diversidade, assim como o isolamento defensivo das etnias e culturas diversas não produzirão a solidariedade e a responsabilidade, vitais ao século XXI.

Como o pensamento do Norte não aceita e não entende a realidade e a sinergia do Sul, simplesmente os desconsidera. A lógica do Norte é a prosa que faz sobreviver com eficácia, ordem e coerência. "A prosa é o que fazemos por obrigação, por imposição, para ganhar nossa vida", diz Morin (2010). Para viver é preciso mais. É preciso *poiesis*. É preciso amor, poesia e sabedoria, que são complementares e faces do mesmo humanismo. A sabedoria, nesse sentido, precisa ser integrada sem ser imperativa, permitindo a "arte de viver" da hospitalidade, da comunicação, da alegria, dos afetos em sua manifestação lúdica e estética. Pois viver significa poder desfrutar do extraordinário entendendo, a importância da realização em si e por si.

Segundo Morin, ao recusarmos o pensamento do Norte, recusamos suas vicissitudes, seu niilismo, suas sutilezas de controle e de aprisionamento. Nessa medida, dá-se poder (*empowerment*) ao pensamento do Sul para que possa resistir, fazendo-se lembrar do que é feita a vida, e como o belo e o sonho estão sempre a povoá-la.

Como um pensamento que potencialmente liga o que está cindido e disperso, o pensamento do Sul está mais propenso a problematizar as questões e o repto fundamental de nosso tempo, para os quais a ciência, a filosofia e a política estão em silêncio.

Ao reconhecer e defender os valores pouco utilitários da vida, debatendo e questionando os excessos que são cometidos contra a vida comum no planeta, parece caber ao pensamento do Sul a missão de legitimar, de fato, aspectos vitais, valores e ideais que desafiem e desconstruam a predominância do consumo como sentido imperativo da vida.

A condição humana, nesse patamar civilizatório, depende de um pensamento reformador capaz de ajudá-la a escapar das armadilhas criadas pelos processos descontrolados originados pela busca de eficácia voltada a interesses parciais, pouco ou nada coletivos; capaz de propor alternativas para um projeto histórico de educação para a cidadania planetária, com poder de redimensionar o que é prioritário hoje e no futuro. Elegendo a educação como princípio de unidade para as atuais e futuras gerações, redefine-se parte de seus propósitos não utilitários e as possibilidades de transformação para a vida coletiva na complexidade. Mais educação, cujos saberes possam ser ministrados de diferentes maneiras e por diversas instituições. Desse modo, e assumindo a responsabilidade por sociedades educativas, elaboraremos novos e possíveis caminhos para garantir o sentido da diversidade na unidade, como propõe Morin.

Assim, e nesse foro a ser promovido, esperamos que as propostas para um pensamento do Sul permitam boas oportunidades de fortalecimento de um dos últimos territórios potencialmente subsistentes à uniformidade orientada pelos padrões técnico-eficientes do pensamento hegemônico. E que possa conduzir nossa criatividade como um arquétipo à espera de sua realização e configuração.

REFERÊNCIAS

MORIN, E. **Amor, poesia e sabedoria**. São Paulo: Bertrand Brasil, 1998.

MORIN, E. **Para um pensamento do Sul**. 2010. Mimeografado.

MORIN, E. **A re-ligação dos saberes**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

MORAES, MARIA CÂNDIDA

Doutora em Educação pela PUC-SP e mestre pelo Instituto de Pesquisas Espaciais (INPE/CNPq). Atualmente é professora de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília-DF. É também pesquisadora do CNPq e do grupo Giad/DOE/UB; coordenadora-adjunta da Rede Internacional de Ecologia dos Saberes, da Universidade de Barcelona. Foi professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-SP, de 1997 a 2008. Consultora e conferencista nacional e internacional. Foi pesquisadora-visitante da OEA, em Washington, e consultora do Banco Mundial. Autora de vários livros, entre eles, *O paradigma educacional emergente* e *Pensamento ecossistêmico*, ambos com chancela da Unesco; *Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para reencantar a educação* e *Complexidade, transdisciplinaridade em educação: teoria e prática docente*. É Coordenadora do grupo de pesquisa Ecotransd/CNPq.

Contribuições "Para um pensamento do Sul"

Vários são os temas emergentes que o texto "Para um pensamento do Sul", de Edgar Morin (2010), nos inspira. Entretanto, em função da solicitação feita, selecionaremos apenas alguns aspectos.

Morin, ao finalizar seu texto, observa que "quando um sistema não é capaz de tratar seus problemas vitais e fundamentais, ele se desintegra, ou então, é capaz de se metamorfosear, de engendrar um metassistema mais rico que possa tratar esses problemas" (MORIN, 2010, p. 15). Entendemos que a crise de obsolescência da educação brasileira requer a busca imediata de novos caminhos, de um novo metassistema, mais rico e competente para tratar os problemas mais prementes. É uma crise pautada na baixa qualidade da educação oferecida, na falta de profissionalização docente, associada a uma total desmotivação por parte de alunos e professores, ao desinteresse e descompromisso do alunado com a educação recebida, à falta de segurança e à violência nas escolas, aos problemas de ordem emocional que vem afetando alunos e professores, tudo isso influenciado também pelas questões de natureza econômica e social.

Assim, acreditamos que é urgente e necessário ressignificar o paradigma educacional vigente a partir de um novo metassistema, mais rico e significativo, para tratar a problemática.

Isso porque entendemos que a crise educacional atual é de natureza paradigmática, envolvendo, portanto, aspectos ontológicos, epistemológicos e metodológicos do fazer em educação. É fruto de uma crise muito mais ampla, que envolve também outros aspectos, relacionados não apenas ao indivíduo, mas também à sociedade e ao planeta, como um todo. Assim, não podemos continuar oferecendo um conjunto de práticas formalistas e fragmentadoras da realidade, das dimensões do ser, do conhecer e do fazer, que vem comprometendo a qualidade da educação e o desenvolvimento integral do aluno, dificultando, assim, seu acoplamento estrutural com a realidade. É uma prática educacional arrogante e prepotente, de natureza positivista, que ignora a subjetividade humana, as emergências cognitivo-emocionais e auto-eco-organizadoras ocorrentes em sala de aula, e que continua culpando nossas crianças e jovens por não assumirem suas próprias dificuldades e incompetências. Tais propostas vêm provocando sofrimento no aluno, tanto o de educação básica, como média, tecnológica ou superior, ao oferecer práticas contrárias às suas necessidades vitais, que negam sua maneira de pensar, sentir, conhecer, se expressar, ignorando suas emoções, seus sentimentos e afetos. São práticas fundamentadas em belas teorias e planos pedagógicos aparentemente inovadores, mas ontológica e epistemologicamente equivocadas, ao separar mente e corpo, vida e educação, não tendo nada a ver com o que acontece na sala de aula.

Ao separar aprendizagem e vida, vida e educação, além de dificultar o acoplamento estrutural do sujeito aprendente com sua realidade, tais práticas prejudicam o desenvolvimento dos processos de autoria e de autonomia dos alunos, bem como a possibilidade de sua emancipação e inserção social, comprometendo a relação do indivíduo com o seu meio e com o triângulo da vida, representado pelas relações indivíduo-natureza-sociedade. Mas, qual é o problema? Por que abordar essa questão neste espaço de interlocução tão privilegiado?

É que tais inquietudes e dificuldades vêm provocando dor e sofrimento nos alunos ao atingir o âmago do processo de construção do conhecimento e ao dificultar seus processos de desenvolvimento integral e sua inserção social. Sabemos que todo conhecer é inseparável do ser, do fazer e do viver/conviver. É, portanto, inseparável da ontogenia dos sujeitos aprendentes, inseparável de seus processos de desenvolvimento, em um sentido mais amplo.

Em realidade, e concordando com Nize Pellanda (2008), estamos oferecendo uma prática educacional ontologicamente esquizofrênica⁶ e epistemologicamente, no mínimo, equivocada, sem sentido e significado para o aluno. Nas escolas, o prazer e a alegria continuam fora da sala de aula, habitando o recreio e outros espaços de convivência escolar. Por sua vez, o sofrimento e a insatisfação discente, entre outras causas, vêm também provocando, como nunca antes, o estresse e o sofrimento docente, cujos dados recentemente divulgados são absolutamente alarmantes.⁷ Tudo isso nos revela que estamos vivendo uma situação de caos e obsolescência na educação brasileira. E mais, que os docentes também estão participando como vítimas dessa tragédia nacional. Ora, o que leva um trabalho tão significativo e meritório a ser tão desgastante e sofrido? Quais são os problemas de ordem emocional que vêm afetando professores e alunos?

Um segundo aspecto importante a ser comentado é a observação feita por Morin (2010, p. 8) de que "o pensamento dominante do Norte é baseado na redução do complexo ao simples e na disjunção, ou seja, na separação do que, na verdade, é inseparável. (...) As especializações das disciplinas fechadas, estranhas umas às outras, desemboca no primado de um pensamento que se torna míope, que isola os objetos de seus contextos e de seus laços naturais".

O mesmo acontece com a nossa educação, que continua apoiada em uma visão reducionista, fragmentada e unidimensional da realidade, em uma cultura escolar que dificulta a aprendizagem, que exclui a subjetividade e fragmenta a multidimensionalidade humana, a intersubjetividade presente nos processos de construção do conhecimento, negando a interferência de uma realidade social que precisa ser reconhecida e melhor trabalhada. Ela continua apoiada em uma visão de realidade falsamente objetiva e independente do aprendiz. Ora, ensinados por Morin (1996), sabemos que "erros ontológicos levam a erros epistemológicos e metodológicos", inaugurando e alimentando um anel defeituoso, gerador de um ensino também defeituoso e de uma prática pedagógica esquizofrênica que, além de não reconhecer a multidimensionalidade humana, deixa prevalecer a ausência de cuidado, de carinho e ternura, de sensibilidade em relação aos vínculos escolares, provocando a emergência do individualismo, debilidade das relações, insegurança, medo e depressão.

Toda essa problemática exige, portanto, um quadro ontológico, epistemológico e metodológico mais amplo e profundo, capaz de promover mu-

6. *Esquizo*, em grego, significa cortado; *frenus* significa inteligência.

7. Ver *Folha de São Paulo* de 17 de outubro de 2010.

danças paradigmáticas e também programáticas em educação. Não podemos continuar trabalhando em educação com uma inteligência cega que fragmenta e disjunta, mas com um pensamento e uma inteligência ecológica, capaz de religar as diferentes dimensões da vida com as diferentes dimensões constitutivas do ser humano.

Necessitamos, portanto, de um pensamento complexo, transdisciplinar e ecologizante, capaz de religar o que precisa ser religado, de valorizar outros modos de conhecer a realidade, de integrar diferentes saberes, de reconhecer e trabalhar a multidimensionalidade humana.

Já não podemos continuar repetindo saberes originados em outros continentes, em outros circuitos acadêmicos, considerados como sendo únicos e oficiais. Precisamos construir uma ciência e uma prática educacional fundada na complexidade e na transdisciplinaridade, que levem em conta os diferentes níveis de realidade presentes nas salas de aula, que reconheçam a importância do contexto, do saber local dialogando com o saber global, que reconheçam a importância da intuição feminina e a presença de uma racionalidade sensível, amorosa, atenta e cuidadosa. Uma ciência que nasça do continente sul-americano e que leve em conta nossas raízes mestiças, nossa sensibilidade, nossa poesia e nossa criatividade, que considere significativas nossas experiências cotidianas e o valor intrínseco de nossa espiritualidade. Uma pedagogia que dê maior atenção àquilo que está nas fronteiras disciplinares, atenção aos saberes dos alunos, que os considere como referências cognitivas importantes, preces de experiência, vida, sabedoria e aprendizagem. Uma pedagogia que utilize a lógica do sensível, da intuição, da imaginação e da espiritualidade como operadores de um pensar complexo e transdisciplinar.

Entretanto, um dos maiores problemas observados para se efetivar uma mudança paradigmática mais profunda em educação é a insuficiência da formação docente recebida pelos professores e a dificuldade que a maioria tem para lidar com questões ontológicas e epistemológicas mais profundas e afeitas aos processos de construção do conhecimento decorrentes das práticas pedagógicas desenvolvidas, condição essencial para que ocorra a verdadeira inclusão daqueles que chegam à escola carregando as marcas da exclusão.

Não é somente a igualdade de acesso que importa, mas também a qualidade dos processos desenvolvidos, ou seja, a igualdade de condições vivenciadas nos processos de construção do conhecimento, que necessariamente tem que ser ecológico, social, justo, fraterno e solidário, como quer Batalloso (2011). O conhecimento já não pode continuar sendo trabalhado de maneira fragmentada, desconectado da realidade, sem sentido e significado para

o sujeito aprendiz, a partir de um viés positivista, pois em vez de a escola ajudá-lo a superar barreiras, esse tipo de educação acaba criando outros impedimentos para o aprendizado do aluno em seus processos de emancipação e inclusão social.

A escola que, entre outros aspectos, coloca a aprendizagem e a inclusão no centro de suas preocupações pedagógicas precisa trabalhar, simultaneamente, as cegueiras do conhecimento, a condição humana, o desenvolvimento da compreensão (MORIN, 2000), a partir de novas pautas educacionais nutridas por práticas pedagógicas capazes de restaurar o concreto, a existência, o afetivo em nossa vida, como proposto por Edgar Morin (2010), em seu texto "Para um pensamento do Sul". Para tanto, é preciso trabalhar um novo metassistema, mais rico e competente, apoiado em novas concepções dos processos de construção do conhecimento e nos operadores cognitivos para um pensar complexo, para que o aprendiz possa verdadeiramente entender a "insustentável complexidade do mundo" e da vida, a complexidade da realidade, a incerteza presente na aprendizagem e no conhecimento, bem como nas demais dimensões constitutivas da dinâmica da vida. E, nesse sentido, concordamos com Edgar Morin ao dizer que o desdobramento do pensamento do Sul, no que se refere às implicações na área educacional, somente poderá ser um pensamento de natureza complexa, ou seja, tecido em conjunto no seio das organizações educacionais e nutrido por uma nova lógica, a dialógica, acompanhada pelos operadores cognitivos para um pensar complexo.

Para tanto, é fundamental cuidar dos processos de formação dos educadores, catalisar mudança de mentalidade e novas atitudes no professorado, colaborar para a reforma do pensamento (MORIN, 2000), mas uma reforma nutrida por um coração amoroso, sensível e solidário, capaz de restaurar a compaixão, curar a alma docente e discente, professar a religião da solidariedade e da fraternidade para que, como civilização, possamos seguir adiante. É uma reforma do pensamento enriquecida de solidariedade e comprometimento social. Sem isso não conseguiremos sair do caos e da obsolescência em que se encontra a educação brasileira e reinventar o sopro criativo gerador de vida, fé e esperança.

QUESTÕES PRIORITÁRIAS A SEREM TRATADAS PELO PENSAMENTO DO SUL EM DIREÇÃO A UMA POLÍTICA DE CIVILIZAÇÃO

Entendemos que uma das questões prioritárias em direção a uma política de civilização é a necessidade de uma consciência coletiva capaz de reconhecer que a ecologia se converteu no contexto de grande parte dos problemas atuais: da educação, da política, do processo industrial, da ur-

banização, da economia, do direito, da saúde e da reflexão filosófica e religiosa (BOFF, 2011). Nossa atual crise civilizatória, de natureza ecológica, social, econômica, política e educacional, com incalculáveis e imprevisíveis consequências, vêm colocando em risco a sobrevivência humana e a preservação da vida no planeta.

Sua superação exige um novo estado de consciência da humanidade, no qual predomine a responsabilidade, a cooperação, a sensibilidade, a ternura e a fraternidade. Aos poucos, a humanidade vem tomando consciência de que somos constituídos pelos mesmos elementos físico-químicos e pela mesma energia e campos vibracionais constitutivos da mãe Terra e da qual, em realidade, não estamos separados. Ela está presente dentro de cada um de nós. Aos poucos, a humanidade está se conscientizando de que somente é possível compreender verdadeiramente o ser humano a partir de seus processos de interdependência, de sua conexão com o processo universal, com os elementos materiais e energéticos mais sutis, como partes da Terra e do Cosmo.

Dessa forma, entendemos que uma política de civilização deve estar voltada, simultaneamente, para o ser humano e para as questões ecológicas, em direção a uma política de civilização planetária, preocupada com o desenvolvimento de uma consciência de caráter multidimensional e abrangente. Isso exige uma tomada de consciência, em termos de responsabilidade planetária, capaz de garantir os mesmos direitos a todos os seres vivos, incluindo a mãe Terra.

Essa mudança de consciência implica uma reforma do pensamento como desejado por Morin, nutrida por maior abertura do coração. Implica também a construção de um pensamento ecológico capaz de restabelecer as relações de ligação, de conexão, os processos de interdependência, reconhecendo a mestiçagem dos processos e que tudo está em comunhão, condição fundamental para que possamos apurar nossos canais perceptivos e retomar nossos diálogos com a vida e com a realidade.

Dessa forma, a prioridade de uma política de civilização deve, sem dúvida, ser a mesma prioridade da agenda educacional brasileira, não apenas no que se refere às questões relacionadas à aprendizagem e aos processos de construção de conhecimento, mas, simultaneamente, às questões afeitas à sustentabilidade ecológica, à cidadania planetária e ao restabelecimento dos vínculos com a Terra e com a vida. Mas, uma vida autossustentável, o que implica a busca do equilíbrio do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o planeta, condição essencial para o exercício de uma democracia fundada na complexidade das interrelações entre unidade e diversidade e compreensão das novas identidades emergentes.

Como educadores, precisamos enfatizar a tessitura social, ecológica e planetária e compreender as interrelações de natureza ecossistêmica existentes entre os diferentes domínios da natureza, percebendo a interdependência entre ambiente, ser humano, pensamento e processos de desenvolvimento. Precisamos enfatizar a existência de uma cooperação global natural, não apenas em relação aos processos cognitivo-emocionais, mas também no que se refere às escalas social, ecológica e planetária, entendendo que nossas demandas educacionais não estão separadas das demandas globais relacionadas ao triângulo da vida, ou seja, às relações indivíduo/sociedade/natureza.

Ao concluir, ratificamos a importância de se ter um pensamento ecologizante capaz de contextualizar, relacionar, religar as diferentes dimensões humanas com as diferentes dimensões que tecem a trama da vida. Tal pensamento exige o rompimento com o paradigma tradicional, reducionista e fragmentador da realidade, em busca de novas explicações sobre o real e a natureza do que é cognoscível. Isso exige, portanto, a construção de um pensamento ecologizado em educação, um pensamento ecossistêmico (MORAES, 2004), nutrido pela complexidade que tece uma nova ecologia de saberes (MORAES, 2008), para que, como educadores, possamos aprender a religar o que precisa ser religado, compreender e atuar sobre a realidade a partir do exercício de uma nova consciência planetária, apoiada em princípios éticos centrados no respeito à vida, ao ser humano e à natureza.

Essa é uma das condições necessárias para a preparação das futuras gerações para um novo diálogo do indivíduo com o outro, com a natureza. Enfim, para um novo diálogo com a vida. Um diálogo mais amoroso, fraterno, criativo e solidário, capaz de restabelecer os preciosos vínculos que nos unem e criar novas relações e conexões, não apenas voltadas para a evolução da ciência e da tecnologia, mas, sobretudo, para o cultivo da paz, da harmonia e para a preservação da vida no planeta.

EXPERIÊNCIAS IMPORTANTES

Uma das experiências em andamento é o trabalho desenvolvido pela Escola Vila, em Fortaleza, Ceará, desde 1981, voltado para a formação do ser humano integral, baseado em uma proposta pedagógica de natureza transdisciplinar, preocupado com a integração corpo e mente, teoria e prática, educador e educando, buscando romper disjunções, fragmentações e simplificações epistemológicas e metodológicas. Desde sua fundação, a Escola Vila vem se destacando por sua proposta inovadora, voltada para a construção de uma educação diferenciada, a partir da descoberta das necessidades genuínas de cada aluno, da revelação de seus talentos e ha-

bilidades, do resgate de sua autoestima, do desenvolvimento de sua autonomia intelectual e moral, associada a uma profunda reflexão sobre valores, condutas éticas e padrões de comportamentos responsáveis.

Outra experiência importante foi desenvolvida pela Escola Cidadã, promovida pela Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no período de 1989 a 2004. Caracterizou-se por oferecer uma educação comprometida com a formação para a cidadania, a democracia e a participação solidária na construção e execução de políticas públicas. Vale a pena observar que nesse período houve um aumento muito significativo de matrículas e uma grande redução da evasão, reprovação e analfabetismo. Para mais informações, ver o texto de Clovis de Azevedo, J., Contreiras Rodrigues, C., Fuchs Curço, S. (2010) "Escola Cidadã: políticas e práticas inclusivas". *Arquivos analíticos de políticas educativas*, 18 (2). Disponível em: <<http://www.oei.es/noticias/spip.php?article6437>>.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, José Clovis de; RODRIGUES, Carolina Contreiras; CURÇO, Sumaia Fuchs. Escola cidadã: políticas e práticas inclusivas. **Arquivos analíticos de políticas educativas**, v. 18, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.oei.es/noticias/spip.php?article6437>>. Acesso em: jan. 2011.

BATALLOSO NAVAS, Juan Miguel. **Dimensões da psicopedagogia hoje: uma visão transdisciplinar**. Brasília: ProLiber, 2011.

BOFF, Leonardo. **¿Qué significa ser y sentirse tierra?** Disponível em: <<http://www.servicioskoinonia.org/relat/253.htm>>. Acesso em: 5 jan. 2011.

MORIN, Edgar. **Para um pensamento do Sul**. 2010. Mimeografado.

MORIN, Edgar. **O problema epistemológico da complexidade**. Sintra, Portugal: Publicações Europa-América, 1996.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000b.

PELLANDA, Nize M. C. Sofrimento escolar como impedimento da construção de conhecimento/subjetividade. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 129, p. 1060-1088, set./dez. 2008.

MOREIRA, IRLANDO TENÓRIO

Cirurgião-dentista graduado pela Universidade Federal de Pernambuco, tem MBA em Gestão Estratégica pela FGV e especialização em Saúde Pública pela UFF. Participou da Coordenação do Fórum Regional de Organização da Sociedade Civil da América Latina e Caribe sobre o envelhecimento, edição de 2007, e é Gerente de Saúde do Departamento Nacional do SESC.

Contribuições "Para um pensamento do Sul"

Formular o pensamento do Sul implica pensar fundamentalmente a América Latina e a África colonizadas, exploradas e expurgadas de oportunidades desenvolvimentistas, em um longo período histórico. Enveredar pela rede de solidariedade entre os povos do Sul pode ser um equívoco perpassado pelo provincianismo. A colaboração humanizada entre os grupos, redes, tribos e culturas do Sul também pode ser interpretada como um alento na busca por caminhos e oportunidades no Sul.

Para a formação do pensamento da maior parte desse hemisfério, temos que pensar obrigatoriamente nos processos de educação, conhecimento, treinamento da mão de obra tão cultuada e exigida pelo Norte. O Sul encaminhou suas experiências, vivências e construções inovadoras em um imaginário coletivo, como uma identidade de história oral, conforme concebe Paul Thompson. Assim se identifica o pensamento do Sul.

Por outro lado, ou paralelo a isso, construiu-se um comportamento, também coletivo, formulado entre esses povos em uma vivência de solidariedade, onde a necessidade imediata de sobrevivência leva as pessoas a compartilhar situações de miséria e catástrofes. Uma colaboração de sobrevivência entre cidadãos por vezes sem cidadania. Historicamente, fo-

ram sendo criadas articulações entre as pequenas redes socioculturais do entorno imediato (em certos lugares na África ainda estão presentes as disputas entre tribos, dada uma situação de miséria total), bem como há manifestações de vivências criativas, praticamente espontâneas (comidas, danças, vestes, gestos, falas, comportamentos) como formas de autointerpretação das suas culturas e experiências da vida cotidiana. A responsabilidade coletiva só é contagiante em segmentos já mais organizados em normas e objetivos criados pelos seus membros. Há a presença da "composição de poesias" a partir do sofrimento, no simples, e nos pequenos sonhos na maioria dos grupos por serem, também, mais simples.

Portanto, podemos apontar para uma política de civilização com elucidação mais humana que técnica. Assim, entendemos que deve haver a recusa da redução humana, ou da condição de "raça inferior", uma vez que na mistura de raças, cores e credos estão presentes a prática da diversidade e da multiplicidade cultural politeísta. É como se existisse um pragmatismo muito mais pela sobrevivência todos os dias, do que a preocupação com a construção de uma identidade nacional. Isso pode justificar a forte herança cultural popular do Sul.

Não podemos esquecer que nesse mesmo universo a capacidade de autocrítica apresenta-se subdesenvolvida. Há o exercício da corrupção convivendo com a solidariedade de forma ambígua. A degradação ambiental, inconsequente, é naturalizada, decorrente das subcondições de exploração, diretamente, dada a carência de formação profissional rentável, ausente para um quadro político ideal visto nas nações mais complexas. Superadas essas lacunas características do Sul, haverá condição para saída da subserviência.

**NASCIMENTO, ELIMAR
PINHEIRO DO**

Professor associado e diretor do Centro de Desenvolvimento Sustentável / Universidade de Brasília. Áreas de atuação: Planejamento e Políticas Públicas, Sustentabilidade em destinos turísticos e Conflitos socioambientais.

Contribuições "Para um pensamento do Sul"

QUAIS OS TEMAS CENTRAIS QUE INSPIRAM O PENSAMENTO DO SUL?

Digamos, inicialmente, como entendemos a proposição de um pensamento do Sul de Edgar Morin. Aparentemente, o pensamento do Sul se sustenta em quatro pilares:

a) O reconhecimento dos limites das características centrais do pensamento do Norte, particularmente o absolutismo, ou a tendência de totalização de algumas de suas qualidades, como a técnica, a razão instrumental, a eficácia. O pensamento do Sul reconhece que essas características são parte de um todo e não o todo, portanto não podem reinar de maneira ditatorial. Elas são úteis e interessantes quando convivem, complementarmente, com outras características igualmente valorizadas.

b) O reconhecimento das consequências nefastas desse absolutismo do pensamento do Norte, pois ele não assegura a todos o bem viver e, ao mesmo tempo, degrada a natureza e compromete a sobrevivência da espécie humana. Seus desdobramentos nos colocaram hoje em meio a uma crise global, a da civilização. Seu maior expoente é a crise ambiental, *iceberg* cuja ponta é a ameaça de aquecimento global. Com ela vem o risco de elevação do nível do mar, o afogamento de cidades e países, a queda

da produtividade agrícola, o aumento do refúgio ambiental, das migrações transnacionais, dos conflitos socioambientais, das guerras e o desfazer-se da democracia.

c) O terceiro pilar é a posição autocrítica em relação às posturas nocivas do pensamento do Sul: a submissão da mulher, a violência doméstica, a malversação dos recursos públicos, o nepotismo, entre outros.

d) O último pilar é a crença de que é possível construir uma via diferente para o bem viver de todos: ser feliz com menos em muitas partes do mundo; aumentar o consumo diferentemente para outra parte da humanidade. Enfim, a ideia de que é possível uma convivência harmoniosa, entre nós e com a natureza.

Esses pilares conduzem à melhor valorização de aspectos do bem viver, que marcam a singularidade do pensamento do Sul.

a) A confraternização com os amigos e com a natureza em ritos socio-culturais, no dia a dia e em momentos especiais.

b) A alegria, como resultado da valorização do bem viver, da crença de que o divertimento, o lazer, o prazer compartilhado com outros são importantes;

c) A improvisação, como reconhecimento de que os planos têm imperfeição, lacunas e erros, e que esses são superados pelo replanejamento, mas também pela capacidade de improvisar em face a situações não planejadas, à chegada de situações imprevistas.

d) A solidariedade, como sentimento de compartilhamento dos bens da vida com nossos semelhantes, como apoio aos outros em horas difíceis, a que estamos todos submetidos em nossa imperfeição humana.

e) O afeto, como parte importante do bem viver, o carinho com aqueles que amamos e que deve ser permanentemente manifestado, expresso em nosso cotidiano.

f) Finalmente, o amor à diferença, como reconhecimento de que o outro, em sua diferença, é essencial na construção de nossa identidade.

QUAIS AS EXPERIÊNCIAS INOVADORAS IMPLEMENTADAS E/OU EM CURSO QUE ILUSTRAM O PENSAMENTO E/OU AS IDENTIDADES DO SUL?

A cultura popular, no sentido do modo de vida da população mais pobre, sobretudo nas médias e pequenas cidades, é repleta de elementos que compõem o pensamento do Sul, em particular a solidariedade, a prática do mutirão, mas também as iniciativas no campo da economia solidária, as

cooperativas de trabalho e consumo. Igualmente, a cultura brasileira, em seus traços mais gerais, é marcada pela capacidade de improvisação, pela criatividade no dia a dia, mas também pela alegria no cotidiano, nos relacionamentos, assim como o afeto.

QUAIS AS QUESTÕES PRIORITÁRIAS A SEREM TRATADAS PELO OLHAR DO SUL NA DIREÇÃO DE UMA POLÍTICA DE CIVILIZAÇÃO?

- a) A erradicação da miséria e da pobreza.
- b) A redução da profunda desigualdade social.
- c) A oferta de escolarização de qualidade para todas as crianças e adolescentes.
- d) A criação de oportunidades de desenvolvimento para todos.
- e) O combate ao aquecimento global.
- f) A descarbonização da economia.
- g) A desmaterialização da produção de bens.
- h) A mudança do consumismo.
- i) A desmercantilização da economia.
- j) A democratização ao acesso dos bens culturais.

NEIRA, HUGO

Sociólogo, historiador, politicólogo. Peruano y ciudadano francés. Estudia historia en la Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, Perú. Recibe una formación en el Instituto de Ciencias Políticas, París (Sciences Po) donde será investigador. Tesis de doctorado en la École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS). Ingresa en la enseñanza superior de Francia tras concurso público. Será profesor hasta su jubilación, en Tahití, Polinesia Francesa. Ha vivido, por periodos, entre Europa y su país de origen. Director de Difusión en el gobierno revolucionario del general Velasco Alvarado (1970-1976) Director del Instituto de Gobierno (2005-2006) de la Universidad San Martín de Porres, Lima. Director de la Biblioteca Nacional del Perú (2006-2009). Como escritor ha recibido diversas distinciones. Premio de Fomento a la Cultura, Perú, 1965, por *Cuzco, tierra y muerte*. Premio Casa de las Américas, Cuba, en 1975, por *Huillca, habla un campesino peruano*. En el concurso internacional de ensayo, ciudad de Weimar, 2000, en Alemania, finalista, considerado uno de los "seis mejores ensayistas de lengua castellana, en vida". Condecorado, por el gobierno francés en el 2010, Chevalier de l'Ordre des Arts et Lettres.

Para una lectura de Edgar Morin

Conviene reinscribir el texto que vamos a comentar en la totalidad de la obra de su autor. Edgar Morin, años atrás, sostuvo que el conocimiento "que no conoce sus límites, se automutila, y por esto, lo que limita nuestro conocimiento es lo que lo posibilita" (*El conocimiento del conocimiento*, 1988). Ahora bien, en el texto que aquí se comenta, pone en cuestión una idea única del progreso venida del "Norte", es decir, la de una modernidad bajo un solo patrón dominante. Pero Morin no viene a proponernos una idea opositora no menos única y salvadora, "el Sur". Al contrario, con método que le es propio "el principio dialógico", opone al concepto dominante una serie de matices y alteraciones. Ahora, el comentario.

"La idea del Sur resulta una noción falsamente clara". Lo primero que sorprende, desde las primeras líneas, son las precauciones que el propio Morin adopta. "La noción del Sur es relativa". Y no quiere decir sur, llanamente, un lugar geográfico, "el Magreb, el norte de África, o las Metrópolis del Sur", y "Sao Paulo está muy impregnada de Norte". Además hay otra preocupación, evitar sustancializar. Si un concepto se sustancia, su contenido se propone como permanente, fijo, durable. Ahora bien, atribuirle valor eterno a hechos culturales — raza, clase, nación — lleva a provocar un par

de cosas. De un lado, un uso sectario, del otro, abandonar el terreno de las ciencias del hombre. No buscamos, en efecto, ni esencias sino situaciones, el concepto es de Sartre. Las ciencias humanas desde su inicio, nacen para el pluralismo explicativo. Hay una ética del trabajo intelectual habitando en estos dos esclarecimientos previos.

Prosiguiendo, la otra gran idea del texto es que hay "varios sures". Y aun así, la mirada del Norte (porque de eso se trata, de miradas) tiende a encerrarlos en "una concepción única, de atraso, de subdesarrollo". Esos "sures", observa Morin, son habitados por "cualidades, virtudes, artes de vivir". Conviene señalar su uso del plural. Llegado a este punto, el autor vuelve a insistir que siendo nociones relativas Norte y Sur, no hay que ni idealizarlas ni desvalorizarlas. De nuevo "el principio dialógico" invocado en los usos mentales de Morin. No todo es erróneo en esa idea proveniente del Norte, a quien también denomina occidente europeo y a veces mundo anglosajón. Toma en cuenta un aporte de instituciones y conductas que no podemos desestimar: democracia representativa, derechos humanos, derechos de la mujer, autonomías individuales. Pese a las "cegueras e ilusiones".

Ha llegado la hora de enunciar la problemática del texto. ¿Qué es lo que está en juego? ¿Qué es lo que cuestiona Edgar Morin? Cuestiona la reducción de las múltiples culturas del mundo a una sola ley ineluctable de la historia humana, a una visión oriunda en el occidente europeo, pero que no abarca el planeta entero. Objeta la reducción, casi imposible en el estado del mundo actual. A eso se añade uno de los errores mayores en términos de epistemología, según Morin, que es la disyunción. Se trataría también de salvar al occidente mismo de algunas de sus mayores ilusiones, sus dicotomías. Separación de lo natural y lo cultural, de emoción y pasión, de hombre y mujer, y la reducción de lo complejo a lo extremadamente simple, cosa que Morin combate desde hace años. En fin, atenderé, para concluir esta parte del comentario, el resto de la argumentación de Morin. Recuerda las otras fuentes que precedieron al actual occidente y lo nutrieron: los dioses politeístas, el sentido de la diversidad, los griegos y los latinos, Pablo de Tarso dirigiéndose a los no judíos, la asamblea de ciudadanos a la vez distintos e iguales en Atenas, la importancia del debate, el Renacimiento capaz de problematizar el mundo, la naturaleza, al hombre. Llegando a los tiempos modernos, hay una cara del progreso que necesitamos abandonar, la del hombre (occidental) señor y maestro de la naturaleza. Así, en unas cuantas líneas, Morin con los zancos de siete leguas, une al faraón Akenaton con la "patria-tierra" de los actuales ambientalistas.

Para contestar a qué experiencias innovadoras ilustran el pensamiento del Sur, señalo que Morin me parece actuar en tres direcciones. En primer lugar, en los hechos, ante la coincidencia de culturas y civilizaciones diversas, en presencia y a la vez antagónicas, en esta hora del mundo. En segundo lugar, la insuficiencia de la racionalidad y la lógica convencionales. En tercer lugar, ante la ciencia y la técnica, su necesidad pero también el hecho de su ambivalencia. Hay una última apuesta que remite a "los poderes que puede tener lo improbable", ante lo inesperado en el curso de la historia humana. Detrás de esta postura se halla la noción del caos creador, al que remite lo fundamental de Morin y su modelo de la complejidad.

Morin es sociólogo, y nadie se asombra que se afiance en lo concreto e inmediato. Es cierto que una suerte de reloj mundial y mapa de husos horarios reúne a los aeropuertos del mundo entero, ¿pero, son los mismos mundos? ¿Lo mismo a la salida de New York que de Abuja en Nigeria, de Bogotá que de Nairobi? Ante la unidad y la diversidad humana, ¿qué hacer? "El tesoro de la humanidad", dice, "es diverso". Y evoca el genio de Leibniz, "el uno conserva y salva el múltiplo". Diría, por mi parte, que lo contrario es también posible. Morin se inclina por la mezcla, por lo que llamaríamos la cultura del mestizaje, "que no hay que confundirlo con una cultura mestiza", advierte el antropólogo Laplantine. Es decir, literaturas, lenguas, religiones, música, todo aquello que va más allá de la reproducción, la imitación, la copia o el calco, y que ocurre en el encuentro con el otro, el mestizado lo adopta, pero para transformar, anexar, modificar. Su lealtad es la de transgresión, desde el tango a la saudade. Culturas híbridas, frutos inesperados de la alteralidad. Ese mundo sin límites del afuera que se vuelve lo del adentro, es un mundo de la vida y por lo tanto de sus impurezas, y va desde el "caboclo" brasileño al achorado peruano, poblando el mundo de Megalópolis tan grandes como las occidentales, pero pobres, periferia de periferias. Pero lugares de nuevos sentidos. Las ideas de Morin llaman a otra sociología y antropología, a otra filosofía e historia del mundo.

En fin, la cuestión prioritaria resulta doble. Por una parte, atender al mundo multipolar en el que vivimos, de economías emergentes. India, China, Brasil, y las dos primeras, no son muy el Sur pero tampoco el Norte. Entonces, Norte y Sur tienen un valor combinatorio en la interacción de economías y civilizaciones, en curso. Por otra parte, hay un valor epistemológico en el texto de Morin (y personalmente, a mi me ha sido útil, en mis libros, desde 1996). Así, el tema del sur conduce a una cuestión teórica y prioritaria. Edgar Morin ha abogado por una transversalidad de los

conocimientos. (Ver *Relier les connaissances*, Paris: Seuil, 1999). Hace 40 años que Morin encabeza un gran viraje. Hoy, otros también buscan otro paradigma científico. Desde lo que se ha llamado "la galaxia de Stanford". La idea de la auto-organización se encuentra en varios dominios del conocimiento y en varios pensadores. El biólogo Henri Atlan. El matemático René Thom y su topología. Ilya Prigogine. René Girard. Las teorías del Caos autorganizador son aplicadas al sistema solar, la atmósfera terrestre, las fluctuaciones bursátiles. Para Morin las cosas ocurren pero no en el orden progresivo que se ha creído. Su esquema dinámico de un anillo recursivo-rotativo, une la base y la cumbre, tomado de la cibernética en los años 1960, la idea del *feedback*. Y de la biología, la capacidad auto-reparadora de la vida. Los anillos causales existen, pero no son simples sino complejos, se pueden comprender si cambiamos nuestros hábitos de pensar. En suma, el texto propone un reparto de naipes en ideas del Norte y aportes del Sur, y en las mismas relaciones internacionales.

NUOVO, SANTO DI

Born on June 3rd, 1950, in Catania, Italy. PhD in Philosophy (Catania, 1972) and Psychology (Padua, 1976). Full Professor since 1990 in Methodology (University of Palermo) and Psychology (University of Catania). Dean of the Faculty of Education, University of Catania (2001-2006). Vice-rector, Free University of Central Sicily - "Kore" of Enna (2004-2007). Dean at the Faculty of Psychology, University of Catania. Chief of Counseling Service, University of Catania. Main fields of research interest: Experimental Psychology, Clinical-rehabilitative and Forensic Psychology, Psychological Counseling, Methodology and Assessment. Author or co-author of about 300 published books and papers.

Some core questions about the "A thinking of the South"

For every North there is a South, as geographical entities occur. The qualification of North and South as sociological and psychological entities depends on history and culture. A rethinking of geographical distributions is needed in order to rebuild social relations and distributions of economic and political power. This also requires, as suggested by Morin, the conceptualization of a "new rationality" adapted to the context of a globalized world, but not exclusively centered on the economic global market.

Could this new rationality come from the several Souths of the world, starting from the sufferance and "unhappy conscience" that typically characterize the Southern countries?

However, a 'conscience' for the South is neither a current nor an active reality. The new Southern "rationality" has to be acquired. Let us start from the Italian situation: A party established in the North of Italy (the "League" party) is trying to separate the two regions, contending that the richer and more productive North cannot live along with, and

in harmony with a South that is poor and "wealth-consuming".⁸ This is a pathology of economics, influencing culture and politics.

In symmetrical progression, the South tends to "separate" itself from the North, in an attempt to acquire an independence mainly grounded on patronage, and sometimes on the "mob mentality" pervasive in the society and shared also by non-affiliated persons, as a common mental attitude against the State which is perceived as an enemy. This is a pathology of values, another influence on culture and politics.

The "thinking of the South" has to become the focal point for a meaningful reflection about the world and about the South itself in the globalized world, but not prejudiced by a reactive attitude against the North of the same State. E.g., in order for Sicily and the South of Italy to build a new mentality, they could look towards Mediterranean countries, rather than only towards the North of Italy itself, as the North of Italy now looks to Europe more than to its own South.

A "dominant thinking" — typical of the North — is the thinking in a single *domain*, mostly an economic one. Pluralistic thinking refers to many domains: it fosters an "open" mind contrasting with a "closed" one (i.e., monistic, rigid, defensive, pre-judiced). The South, based on its cultural history, could very well speak this language of pluralism.

An example comes from Sicily that is in the South of Italy, and in the South of Europe itself. Many domains have come and gone from this island: Sicani, Elymians, Phoenicians, Greeks, Romans, Byzantine, Arabs, Normans, French, Spanish, Bourbons, Savoy... In other words, Sicily experienced a plurality of languages, architectures, economies, political systems, and lifestyles — a true "melting pot" of cultures. Sicilians have immigrated to many countries of the world; now, in turn, it hosts many people coming from other regions (mainly from the area of the Mediterranean Sea, but also from Central Africa, South Asia, and China).

The Mediterranean Sea (literally "the sea which lies between lands") may be seen as a central source of nourishment for civilization, as commercial and cultural exchanges flourished for several centuries around this area. However, it has also been a source of conflicts and wars. The intermingling of various peoples may lead to the building of new inte-

8. Criticism could be easily extended to the intelligence levels, stimulated by (pseudo)scientific statements: In a recent paper, Lynn (2010) argued that there are differences between the IQs of Northern and Southern Italians, and that these predict major differences in income, education, infant mortality, stature and literacy. Adult IQ levels were obtained by Lynn from the results of PISA (Programme for International Student Assessment) aimed at evaluating achievement in youth. Unfortunately, however, this program seems to ignore not only a century of definitions and psychometric research about intelligence, but also the basic criteria that should be used in scientific research. Thus, beyond the author's aims, this misconception of reality can foster prejudice.

grated thinking, but it may also stimulate new conflicts, especially if each nationality strictly maintains its particular values and prejudices. Therefore, a common culture is not needed — due to the risk of a new monistic, hegemonic and "dominant" imposition, that is, the culture of the strongest; instead, the need exists for a plural, open, shared, and subordinate way of thinking.

What characteristics should this kind of thinking have? I think the icon of this form of reasoning could be Odysseus/Ulysses, as his life was engaged in travelling, discovering, and overcoming obstacles. Cognitive, affective, and existential thinking is needed to participate in common enterprise. "You were not made to live like brute animals, but to live in pursuit of virtue and knowledge," said Dante Alighieri in his Comedy about Ulysses, the typically "clever" Mediterranean hero. Such knowledge must be open to multiplicity, differences, and conflicts, challenging nature and history in a "clever" way, with a "well-made rather than a well-filled head," as per Morin's words.

How are the responses to these challenges implemented? How is the complexity of thinking reaffirmed and developed while "reconnecting what was artificially separated"? *Global* thinking is at the same time *complex* thinking. Hegemonic power (North) is able to reach a *globalized* thinking at the dominant economic level, but appears to be unable to reach *complex* thinking (that is exactly the opposite of "dominant", one-dimensional thinking). The South may become the leader of complex thinking, i.e., more capable of non-dominant, non-rigid, but open and flexible thinking. How can this thinking be trained?

INNOVATIVE EXPERIMENTS TO FOSTER A SPECIFIC SOUTHERN IDENTITY

Some innovative pilot experiments have been implemented to create a different mentality, in contrast to the dominant one (based on open-mindedness), from which new and original social-economic processes can present themselves. These experiments involved educational fields, like vocational counselling in educational settings established in a Southern identity, i.e., a less developed economy, high emigration rates, and low education. Differently from media-based, useless stereotypes that foster passivity and collectivization of the mind (e.g., regarding works suitable for genders and social classes), an open-mindedness based on self-transcending and cooperative values oriented by *universalism* and *benevolence*, driving towards *solidarity*, will modify attitudes toward the personal and collective future.

Vocational counselling motivates people to change with the aim of constructing their own future, which can stimulate this orientation toward formation/work based on innovation. Details on the experiments performed in schools and colleges will be presented at the meeting.

PRIORITY QUESTIONS AND MAIN ISSUES TO EXPLORE

a) How could these pilot experiments be implemented and widespread amongst families and schools, as well as in less wealthy and educated contexts?

b) How, i.e., by what cultural and technological means can innovative thinking about civilization develop, particularly in the several Souths of the world?

c) How (surely involving old and new media, e.g., the World Wide Web) may this innovative thinking be extended and widespread to the Northern countries, and to the global world?

OSPINA, GUSTAVO LOPEZ

Director de la Corporación Complexus en Colombia; Coordinador del Comité Técnico del Programa Internacional "Conocimiento, Innovación, Políticas" (KIP) de las Naciones Unidas (UNOPS, OMS, UNIFEM, otras Agencias); Consultor Internacional en Desarrollo Humano Sostenible. Ex director del Programa Internacional de la Unesco "Educar para un Mundo Viable" (1994 a diciembre del 2001. Programa desde el cual la Unesco con Edgar Morin preparó la obra *Los siete saberes necesarios a la educación del futuro*); Director Regional para América Latina y el Caribe de la Oficina CI de Unesco y Representante para los países Andinos en Quito, 2002 a 2006. Autor de varios libros, centenas de artículos y cofundador de varias Instituciones y Espacios de Innovación. Más de tres décadas vinculadas a las Naciones Unidas.

Pensamiento del Sur

Edgar Morín muestra en su texto la urgencia de impulsar un nuevo pensamiento que propone llamar del Sur. Este permitiría comprender mejor el mundo de hoy con todos sus peligros mortales y oportunidades; entender como se ha llegado a estos tiempos de incertidumbre — caos y miedos generalizados; imaginar los pasos apropiados para la construcción de un nuevo futuro y explorar futuros posibles conservando todo lo maravilloso que tengamos a disposición (pensamiento del Norte); dar espacios a la creatividad y la innovación, de manos dadas con la solidaridad-cooperación y consensos múltiples, en tanto que fuerzas motoras en la formulación progresiva de ideas, políticas, ética, propuestas y experiencias a ser compartidas por toda la humanidad.

TEMAS CENTRALES QUE PODRIAN INSPIRARLO

a) ¿Bajo qué condiciones puede aceptarse que es el pensamiento de los humanos es el que regula el mundo? ¿Qué complicidad existe entre pensamiento y mundo?

b) ¿Pensamiento radical, ilusión sobre el mundo, o discurso de lo real, que procura un mundo objetivo y comprensible? ¿Pensamiento seductor? ¿Pensamiento complejo?

c) ¿El principio radical de incertidumbre en el universo, incluido lo humano, moral, mental, social, económico, político, en qué estado se encuentra? ¿La incertidumbre del mundo aporta la incertidumbre del pensamiento? ¿Cuándo el pensamiento no busca transformar realmente el mundo y toma partido por la incertidumbre? Existe algo que no pueda ser probado o refutado. ¿Qué nos es permitido esperar?

d) ¿El ser humano con la tecnología procura crear, en la práctica, otros mundos? ¿Tecnología, mercado, globalización financiera hacia dónde apuntan hoy en realidad?

e) ¿Procurar el paraíso vía el llamado progreso, o abrir espacio a la creatividad y llegar a un hombre nuevo y calidad de vida, mediante una mirada más cualitativa y compleja (naciones nuevas: riqueza, crecimiento, pobreza-pobres, invento del modelo vigente, otras)?

f) ¿Si el territorio es sagrado, da sentido de pertenencia y finalidad a la vida, es el todo de un pensamiento de la comprensión, al recomponer y vincular la experiencia integral de vida, como afirma Morín, como convocar a partir de éste a la universalidad?

g) ¿La ausencia de indicadores, códigos, fórmulas que transcriban, o hagan equivalente el estado real de las cosas, vuelve conformistas a los seres humanos? ¿Paraliza los cambios?

h) ¿Qué pasos dar para reinventar la gobernabilidad mundial (ONU) en un mundo multi-polar, fragmentado y global, sin arruinar las esperanzas universales multilaterales?

EXPERIENCIAS INNOVADORAS QUE LE DAN SOPORTE Y PROYECCIÓN

a) La Convención sobre el Patrimonio Mundial Natural y Cultural de la Humanidad, gerenciada por la Unesco, que vincula hoy en día centenares de sitios de la mayor importancia para la conservación de la biodiversidad y la diversidad cultural, en un manejo integral del territorio.

b) El Proyecto Andino de Tecnologías Campesinas (Pratec) ha trabajado en el Perú con apoyo del Fondo de Afirmación Cultural, en diez sitios, entre el 2002-2010, y el auspicio de la Fundación Suiza Tradiciones para el Mañana el vigorizar las tradiciones indígenas. Inicio de otras acciones volcadas al saber y los intereses indígena.

c) El Programa de Plantas Medicinales de la Universidad Autónoma de Chapingo, Méjico, inició labores a comienzos de los años 1980, con investigaciones en comunidades de los estados de Pueblo, Hidalgo, Chiapas, Guanajuato, Morelos, Guerrero, Colima y Nayarit. Líneas de investigación: a) Exploración etnobotánica; b) Agronómica en propagación y conservación; c) Farmacológica; d) Fitoquímica; e) Servicio universitario a la comunidad; f) Medicamentos herbolarios.

d) Universidad Intercultural Sumak Yachaypi, Aprender en la Sabiduría y el Buen Vivir, Ecuador. Educación superior que al tiempo que da cuenta de la pluralidad y la diversidad, se sustenta sobre los pilares de su identidad, cosmovisión, ancestros, articulando el antes con el ahora y lo que viene, enriqueciendo así el proceso social intercultural y haciéndolo patrimonio de la humanidad. Así mismo, la Capilla del Hombre Oswaldo Guayazamin.

e) Construir la Ciudad que se Sueña, Medellín (Colombia), transformación de una ciudad. Conocida desde los años 1980 como ciudad de narcotráfico y violencia generalizada, ha logrado resultados impresionantes desde una propuesta global de cambio, sustentada en la arte y la cultura, más que en lo económico. Rompió el ciclo cultural de la violencia.

f) Centros Regionales de Competencias para el Desarrollo Sostenible, iniciativa que desde el 2005 lidera la Universidad de las Naciones Unidas en Tokio.

g) Programa de las Naciones Unidas (UNOPS, UNDP, Agencias ONU) orientado al apoyo a Redes Territoriales para el desarrollo humano sostenible, "Conocimiento, Innovación, Políticas (KIP)". Esfuerzo conjunto de actores locales, nacionales internacionales.

CONSIDERACIONES A TENER EN CUENTA SOBRE UNA POLÍTICA DE CIVILIZACIÓN

Los sistemas de comprensión del mundo llegaron y tomaron tanta autonomía y fuerza que moldearon a los humanos. Sistemas que permiten alegrías, dolores y sinsabores. Sujeto a un pensamiento, ensueño, simbolización, rituales y acciones, el ser humano se convirtió en el ser vivo más complejo; el no haber comprendido hasta hoy esta realidad condujo a grandes desafíos y problemas con el arte, la educación, la ciencia, la tecnología, la economía y la misma política.

a) Educación: evitar que el proceso de enseñanza y aprendizaje sea solamente un acto de entrega, reproducción, beneficio, y resignación volcados a la rápida extinción de la intersubjetividad, motor y razón de ser de los humanos. El modelo de crecimiento actual que se instala en

los usos de la vida misma, obliga a una revisión completa de los sistemas educativos del mundo. Vivir es crear valores, valorar es crear.

b) Biodiversidad y amenazas: cambio climático, transformación y pérdida de ecosistemas, sobrexplotación, invasión biológica y contaminación en general.

c) Revolución biotecnológica, resultado de una confluencia de fuerzas tecnológicas y sociales que han creado una nueva matriz operativa (RI-FKIN, Jeremy. El siglo de la biotecnología, 1999) plantea un enorme salto cualitativo en el planeta Tierra.

d) Interculturalidad: relación entre culturas para la búsqueda del Proyecto Común, recrear en permanencia el mundo. Una política de civilización debe considerar los elementos étnico-culturales y bio-geográficos, interrelación entre comunidad humana y natural.

e) Identidad: eje estructural de toda comunidad humana que de forma complementaria converge para interactuar hacia otras identidades.

f) Patrimonio cultural y natural: bienes esenciales a toda la humanidad para su supervivencia futura. Políticas sobre los bienes y servicios públicos de la humanidad.

g) Estética: en la concepción andina, la estética surge del diálogo y reciprocidad con los dioses y la naturaleza, cuando son esencialmente sentimiento, forma de crear y dejarse criar. El hacer con sentido a partir de un sentimiento armónico.

h) Sostenibilidad: lo que permanece en el tiempo. Se transforma y no agota. Resultado de un pensamiento que relaciona cosmovisión con cultura y se vuelve vivencia-sentimiento. Forma vivencial de ser y estar en el mundo.

i) Investigación: que sea capaz de unir la innovación y las herencias, en una perspectiva histórica, y así contribuir a la integración de los seres humanos, la sociedad y la especie en términos de solidaridad.

PETRAGLIA, IZABEL

Pós-doutora pelo Centro Edgar Morin, antigo Centro de Estudos Transdisciplinares, Sociologia, Antropologia e História (CETSAH) da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais (EHESS), de Paris, França. Doutora em Educação pela USP e mestre em Educação pela PUC-SP. Psicóloga e pedagoga. Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho (Uninove), São Paulo. Desenvolve projetos de investigação na linha de Educação e Complexidade. Coordenadora e fundadora do Núcleo Interinstitucional de Investigação da Complexidade (NIIC), em São Paulo. Autora de diversos artigos, capítulos e livros, entre eles: *Edgar Morin: a educação e a complexidade do ser e do saber* (2010); *Olhar sobre o olhar que olha: complexidade, holística e educação* (2001), e *Interdisciplinaridade: o cultivo do professor* (1993).

Um pensamento do Sul e a esperança de uma nova política de civilização

Há uma relatividade geográfica entre Norte e Sul, Ocidente e Oriente, e uma heterogeneidade que deveria ser dialógica, considerando as saudáveis especificidades locais. Cada sociedade, civilização, oferece possibilidades e dificuldades específicas e gerais, que é o que tem de melhor. Local e global, micro e macro, são complementares e, simultaneamente, apresentam qualidades próprias, emergentes, singulares. A homogeneização coloca em risco autonomias individuais, originalidades culturais, étnicas, nacionais. Um pensamento complexo rejeita a redução, a disjunção, e considera os operadores cerebrais hologramáticos, dialógicos e recursivos para a tessitura do *complexus*. Tarefa fundamental da filosofia a de refletir sobre todas as coisas: problematizar, contextualizar, reproblematicar.

Há um pensamento do Norte que detém a hegemonia cultural, técnica, econômica do mundo. Apesar desse pensamento especializado, fragmentado, redutor, um pensamento do Sul poderia propor a miscigenação e integração das diversas heranças culturais do planeta, de modo a minimizar os efeitos devastadores de uma polícrise decorrente do desenvolvimento subdesenvolvido e desenfreado científico-técnico-econômico. Com isso, o pensamento do Sul poderia revitalizar a ética, a solidariedade e a responsabilidade, empregando a ideia da religação e restaurando o esta-

do poético da existência humana. É preciso buscar caminhos de transformação e esperança.

Na atualidade, muitos já perceberam que a educação é a alternativa possível e viável para as transformações pessoais, sociais e planetárias. A religação dos saberes que visa à superação da fragmentação pressupõe audácia, persistência e dedicação. Morin já propôs um conjunto de reflexões norteadoras da educação deste século XXI, com a indicação de sete saberes necessários (2000b), cuja discussão na escola, ao lado da revisão constante das práticas pedagógicas, pode propiciar a tão necessária reforma do pensamento. Não se trata de tarefa simples, mas de estimular reflexões e ações que expressem os princípios do pensamento complexo, na amplitude dos modos de conhecer o próprio conhecimento.

O autor já anunciava um duplo desafio quando afirmou: "A reforma do ensino deve levar à reforma do pensamento, e a reforma do pensamento deve levar à reforma do ensino" (2000a, p. 20). Não se trata de estabelecer modelos ou de listar experiências bem-sucedidas, que devam ser copiadas, mas de buscar conhecer os próprios limites, possibilidades, e traçar estratégias a partir de problematizações em contextos específicos e singulares.

Há de se descobrir e fazer descortinar brechas de possibilidades de realização em cada escola, em cada grupo. Para se delinear um caminho, é preciso desenvolver estratégias, que não podem ser confundidas com regras de um manual, mas devem conceber ações concretas que emergem da reflexão, ao passo que também as despertam. Compartilhamos da ideia de método como caminho: "O método é o que ensina a aprender. É uma viagem que não se inicia com um método; inicia-se com a busca do método" (MORIN et al. 2003, p. 29). Método, caminho, pressupõe estratégias articuladas que se nutrem, reciprocamente: "por um lado, facilita o desenvolvimento de estratégias para o conhecimento; por outro, facilita o desenvolvimento das estratégias para a ação" (idem, p. 32).

Assim, para a concepção de um pensamento do Sul, com suas identidades e olhares próprios, é necessário que se busque um método. E, como afirma Morin: "A missão desse método não é fornecer as fórmulas programáticas de um pensamento 'são', mas convidar a pensar-se a si mesmo na complexidade" (1999, p. 41). E, assim, que seja possível a revitalização da ética, das ideias, das relações, das ações e das finalidades da educação.

Se o termo "política" — do grego — indica procedimentos relativos à pólis, cidade, Estado, para o bem estar individual e coletivo, que regula e orienta a vida em sociedade, o termo "política de civilização" indica o

emprego com o ressignificado de valores da e para nossa civilização. Dar novo significado ao termo política significa manter o que há de positivo nele e eliminar os seus efeitos negativos. Para Morin, "trata-se de refundar e renovar a política. A política de civilização visa a salvaguardar as antigas solidariedades, lá onde elas não foram destruídas, e/ou instaurar novas solidariedades" (2010, p. 262). O termo não pretende reduzir a política de civilização, mas integrar a política de civilização àquela. Não se trata de criar uma nova ética, mas de regressar à ética. "Pretende ser uma política multidimensional na qual todos os problemas humanos têm hoje uma dimensão política" (MORIN; NAIR, 1997, p. 149).

Morin aponta imperativos de uma política de civilização (idem, pp. 151-159): *solidarizar* (contra a paralisia e a compartimentação); *revitalizar* as identidades culturais (contra a padronização); *conviver* (contra a degradação da qualidade de vida — material/existencial/ ambiental); *moralizar* (contra egocentrismo e irresponsabilidade).

Conviver com a transitoriedade e com a incerteza é um desafio constante que o pensamento complexo nos impõe. É preciso renovar a esperança nas aspirações e possibilidades criativas, libertárias e fraternais dos seres humanos. O pensamento complexo propõe a conjugação da ciência com as culturas, as artes e a filosofia para a construção de uma política planetária que contemple uma educação comprometida com a formação de cidadãos planetários, éticos e mais felizes. É nessa direção que um pensamento do Sul poderia se estabelecer, garantindo uma educação disposta e capaz de operar transformações.

Uma nova política de civilização será possível? Será uma UTOPIA? *U* = não; *TOPOS* = lugar: O que não tem lugar no presente! O que não significa que, em algum dia possa ser possível ou viável. Morin nos convida ainda a distinguir duas utopias (idem, pp. 191-197): 1ª) O melhor dos mundos — inviável, impossível e terrível; 2ª) Um mundo melhor — possível, improvável?

Um mundo melhor se constrói com o fim das guerras; com a melhoria das relações com o meio ambiente; com a regulação dos conflitos; com a possibilidade de remediar infelicidades humanas a partir da melhoria das condições sociais e políticas; com a preservação do planeta. Isso tudo pode ser possível, ainda que improvável. Por isso, é tão necessário quanto difícil. E, qualquer que seja a intensidade na melhoria do mundo, impõe às civilizações esperança e, ao mesmo tempo, coautoria. Trata-se de um problema antropológico e histórico, pois os seres humanos possuem as melhores e as piores potencialidades. Essa dialógica exige esperança na proporção da coautoria de um planeta civilizado. Civilizar a Terra é urgente! E, para isso, a educação é fundamental!

REFERÊNCIAS

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução: Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000a.

MORIN, E. **Complexidade e transdisciplinaridade**: a reforma da universidade e do ensino fundamental. Tradução: Edgard de Assis Carvalho. Natal: Ed. da UFRN, 1999.

MORIN, E. **Meu caminho**. Entrevistas com Djénane Kareh Tager. Tradução: Edgard de Assis Carvalho e Mariza Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução: Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000b.

MORIN, E.; CIURANA, E-R; MOTTA, R. D. **Educar na era planetária**: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana. Tradução: Sandra T. Valenzuela. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003.

MORIN, E.; NAIR, S. **Uma política de civilização**. Tradução: Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

RIERA, ELBA DEL CARMEN

Doctora en filosofía por la Universidad Católica de Santa Fe. Profesora Emérita del Consejo Superior y de la Universidad Nacional de Santiago del Estero. Dicta clases en Maestrías y Cursos de Postgrado. Consejera Docente del Consejo Directivo de la Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de Santiago del Estero (1998-2001). Coordinadora de la Carrera de Licenciatura en Filosofía de la Facultad de Humanidades de la Universidad Nacional de Santiago del Estero (1990-2006). Presentación de trabajos y ponencias en Congresos Mundiales de Filosofía: Moscú, Rusia (1993) y Boston, EEUU (1998). Autora de numerosos trabajos, artículos, ponencias y contribuciones para revistas, Jornadas, Congresos, Seminarios en el país y en el extranjero. Invitada para disertar en el Latin American Dominican Symposium "Educational Leadership in a Globalized Word" (USA, 2004). Tuvo a su cargo una Jornada con el tema: "Pensamiento Complejo, Interdisciplinariedad y Educación".

Temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur

A medida que se hace central el tema del pensamiento del Sur, creo que estamos obligados a repensar desde un punto de vista propio, alternativo al pensamiento hegemónico del Norte, que revele nuestra identidad, y que nos estimule a desarrollar todos los aspectos humanos, económicos, científicos, tecnológicos, políticos, organizacionales, éticos, que logre desterrar la imagen instalada de subdesarrollo, atraso, pobreza, incapacidad para resolver nuestros propios problemas, con que se nos ha marginado durante mucho tiempo y que tenga en cuenta lo siguiente:

a) la riqueza del mestizaje intercultural, de la diversidad cultural con sus milenarias y profundas sabidurías, propias de América Latina;

b) la necesidad de recrear un pensamiento que corrija la racionalidad de la modernidad, instalada como paradigma disyuntivo y reductivo, que trajo como consecuencias la separación, fragmentación e hiperespecialización de las disciplinas en el campo de las ciencias y de la educación;

c) la reapropiación del concepto de condición humana, como unitas multiplex, expresión acabada de la idea de hipercomplejidad, como unidad de

racionalidad e irracionalidad entendida como fiesta, goce, don, solidaridad, afecto, poesía, que refleja la identidad de nuestros pueblos del Sur;

d) la denuncia a la concepción moderna de la relación del hombre con la naturaleza que debía ser concebida como al servicio incondicional del rey de la creación, con las deplorables consecuencias de la crisis ecológica que estamos padeciendo;

e) crítica al modelo occidental de la modernidad que enfatizó la individualización, eficacia, cuantificación, eficiencia, productividad, por sobre la solidaridad, afectividad, comunión, colaboración, compasión, comunicación, compromiso, calidad, coordinación, construcción, confianza, consenso.

EXPERIENCIAS INNOVADORAS IMPLEMENTADAS O EN CURSO QUE ILUSTRAN EL PENSAMIENTO DEL SUR

A través de nuestra larga carrera en la docencia universitaria, hemos logrado transmitir a grupos de discípulos la inquietud por esta nueva forma de pensar, conocer y actuar que propone el Pensamiento Complejo; esto se ha puesto de manifiesto en numerosas contribuciones y presentaciones a congresos, jornadas y reuniones científicas y también una tesis doctoral, de alumnos y egresados, que intentan profundizar y reflexionar, desde de los principios del P. C.

A partir del 2009, hemos conformado un Grupo de Estudio, Trabajo e Investigación interdisciplinario en la Facultad de Humanidades, Ciencias Sociales y de la Salud, de la Universidad Nacional de Santiago del Estero, que está integrado además por profesores de otras Facultades y Universidades, y que a su vez depende y está aprobado por el "Programa de Reconocimiento Institucional de Investigación de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires." La conformación de este grupo de investigación interdisciplinario ha comenzado con éxito, por la aceptación y entusiasmo de sus integrantes y de la conducción de la Universidad, que ha prestado un gran apoyo. Es la primera vez que se conforma, en nuestro ámbito universitario, un grupo interdisciplinario para investigar. Sabemos que requiere de una capacitación de los participantes, que llevará tiempo, pero confiamos en que saldremos adelante, gracias a la colaboración y apoyo de los distintos nodos que se van conformando a lo largo de nuestra Argentina y de la conducción de nuestro Director, el Lic. Leonardo Rodríguez Zoya.

CUESTIONES PRIORITARIAS A TRATARSE POR LA MIRADA DEL SUR HACIA UNA POLÍTICA DE CIVILIZACIÓN

a) Reforma de la educación e instituciones educativas: la organización disciplinaria tradicional de los contenidos escolares no facilita el tratamien-

to de los problemas antropológicos, sociales ni ambientales; no se aprende a seleccionar y procesar la abrumadora cantidad de información disponible en nuestro entorno, ni se capacita para gestionar los problemas planetarios de nuestro mundo. Los educandos no son capacitados para resolver los problemas de la vida cotidiana, sólo estudian y analizan, en forma mecánica, problemas académicos convencionales, sin explicitar sus propias ideas, sin cruzar e intercambiar argumentos. No se supera el pensamiento simplificador, disyuntivo, fragmentario, propio de la cultura de la superficialidad dominante y muy alejado de un pensamiento científico complejo.

Resulta indispensable desarrollar la capacidad de contextualizar los saberes; se hace necesaria una reflexión epistemológica que ayude a relativizar el conocimiento y analizarlo críticamente, incorporando el análisis histórico, que puede ayudar a entender el carácter de construcción social contextualizada que tiene el conocimiento.

b) Democracia cognitiva: la democracia es un sistema complejo que implica el derecho a la inclusión, a la libertad de pensamiento y al ejercicio de esa libertad que se da en el aprender. La democracia es un proceso inacabado, no perfecto, pero perfectible; sufre permanentes contaminaciones y por ello requiere cambios y modificaciones. Se alimenta de diversidad y conflictividad, de intereses e ideas. Se hace necesaria la democratización del conocimiento, como condición para la constitución de actores sociales que puedan opinar de manera no inducida por los medios de comunicación. La base de la democracia está en la diversidad de opiniones e ideas que interactúan en un mismo espacio y que producen nuevas identidades complejas.

A través de la educación hay que formar ciudadanos con autonomía personal; pensamiento autónomo y deliberativo; conciencia de sus derechos y responsabilidades; sentimiento del vínculo cívico que los ligan a sus conciudadanos; sentido de participación responsable en el desarrollo de proyectos que lleven a transformar positivamente nuestra comunidad y nuestra aldea global; que tomen conciencia de la necesidad de asumir la "doble ciudadanía", cosmopolita, nacional, regional y planetaria, vinculada a los miembros de su comunidad, pero también de identificación, en tanto que persona, con todos aquellos que también son personas, aunque diversos en sus orígenes, lenguas, culturas.

**SEBILIA,
ANDRES SALOMON
COHEN**

Formado em Ciências Biológicas pela Universidade Santa Úrsula (1982); pós-graduado em Ensino de Ciências, modalidade Física, pela Universidade Federal Fluminense (1996). Tem trabalhos publicados nas revistas *Atlântica* e *Revista Brasileira de Zoologia* e livro publicado pela Editora Nobel (1990). Desde 1996, é assessor-técnico do Departamento Nacional do SESC (Divisão de Projetos Sociais, Gerência de Educação, Projeto SESCiência) e atualmente ocupa o cargo de Coordenador do Projeto Ação Comunitária SESC Cidade de Deus.

O pensamento do Sul: uma visão crítica do desenvolvimento destrutivo

183

"Os povos dos países pobres são obrigados a fazer uma troca explícita: aceitar a degradação ambiental (em longo prazo) e a humilhação para atender as suas necessidades imediatas de alimentos e habitação." Essa frase da ex-primeira-ministra da Índia, Indira Gandhi, proferida num discurso na sede das Nações Unidas em 1970, reflete, de certa forma, a opção que os povos do Sul tiveram que fazer para atender as exigências do norte, mais poderoso e decantado como um exemplo civilizatório.

Precisamos misturar essas heranças culturais mediterrâneas com as heranças culturais africanas e sul-americanas. Por mais diferentes que sejam, todas elas comportam modos míticos ou religiosos de integração no cosmo e na natureza, dos quais devemos extrair a verdade profunda e ligá-la a nossa consciência ecológica, que reconhece nossa integração na biosfera, algo que o devir da mundialização continua a degradar impulsionado pelo norte.

(MORIN, 2010).

As questões que se apresentam, em função do pensamento de Edgar Morin, expresso no parágrafo anterior, para nossa reflexão, são: que consciência ecológica é essa? Existe uma consciência ecológica no Sul, diferente daquela

do Norte? Os problemas ambientais que se apresentam no Sul são diferentes daqueles do Norte? Não foram os povos do Norte que capitanearam os movimentos em defesa do meio ambiente, nas décadas de 1960 e 1970?

Ao longo da sua história, a humanidade sempre foi além das suas próprias fronteiras em busca de matérias-primas essenciais, seja por meio do comércio ou das guerras, para satisfazer as suas necessidades. Hoje, devido à expansão do comércio internacional e da globalização da economia, esse fenômeno atingiu um estágio que ameaça seriamente todos os ecossistemas do planeta. A busca de um desenvolvimento mais harmonioso com o meio ambiente está exigindo mudanças drásticas na economia e no modo de vida das sociedades e das nações, seja daquelas que já atingiram a plena capacidade industrial (ditas do Norte ou desenvolvidas ou do Primeiro Mundo) como daquelas que estão em vias de conseguí-la (ditas do Sul ou subdesenvolvidas ou do Terceiro Mundo).

Assim, um novo pensamento se apresenta ao mundo com pretensões de universalidade: o ecológico, questionando o desenvolvimento e os modelos de sociedade. Esse desafio é apresentado como necessidade de se repensar o desenvolvimento na sua dimensão educacional, social, política, filosófica, econômica e cultural. Recoloca a crítica dos sistemas existentes, forçando o capital a se confrontar com o meio ambiente, que pretendeu e ainda pretende subordinar em sua realização. O pensamento ecológico está dizendo ao capital que antes dele vem a relação com a natureza, diante da qual o capital é apenas "uma criança brincando de Criador, sem ter idade e sabedoria para isso" (ACSELRAD, 1992).

O Cone Sul concentra uma grande parte da biodiversidade natural do planeta. Podemos, quem sabe, estender essa biodiversidade ao pensamento desses povos, resultados da miscigenação de "colonizadores" do Norte com os autóctones. Nossa cultura incorporou e fundiu, de ambos, aspectos das tradições, dos mitos, da alimentação, do vestuário, da língua, dentre outros, que culminaram no sincretismo que nos caracteriza.⁹

Segundo Darcy Ribeiro (1970), as profundas diferenças não só são decorrentes das matrizes culturais predominantemente latina e católica, indígena e africana, num caso, anglo-saxônica e protestante, no outro, mas também decorrem do grau de desenvolvimento socioeconômico, nível de escolaridade, tradição histórica etc. Para esse mesmo autor, "falta ainda uma teoria da cultura, capaz de dar conta da nossa realidade, em que o saber erudito é tantas vezes espúrio e o não saber popular alcança, contrastantemente, atitudes críticas, mobilizando consciências para movimentos profundos de reordenação social. Como estabelecer a forma e

9. "Sincretismo é a tentativa de fusão ou de conciliar crenças díspares e mesmo opostas e de fundir práticas de várias escolas de pensamento. Está associado em especial à tentativa de fundir e criar analogias entre várias tradições originariamente discretas, particularmente na teologia e mitologia da religião, afirmando assim uma unidade subjacente" (www.wikipedia.org).

o papel da nossa cultura erudita, feita à criatividade popular, que mescla as tradições mais díspares para compreender essa nossa nova versão do mundo e de nós mesmos?" (1996, p. 16).

Portanto, continuamos perseguindo uma teoria unificadora do social com o ambiental, uma teoria que proponha um novo paradigma socioambiental, que traga bem-estar a todos, com mais justiça e distribuição de renda e que deságue em uma melhor qualidade de vida para muitos e não só para os poucos afortunados, sejam eles do Norte ou do Sul.

O espaço onde se procurou uma resposta mais intensamente foi nos chamados Encontros de Cúpula Alternativos, paralelos aos encontros do Grupo dos Países Mais Ricos, para discutir os rumos da economia mundial dentro da perspectiva do movimento ecológico (GABEIRA, 1994). Ainda não se chegou a um sistema acabado, mas esses encontros levaram a uma visão do que pode ser uma economia ou um desenvolvimento alternativo. E esse desenvolvimento seria diferente daquele que acontece no modelo de produção capitalista e do socialismo real, considerando aspectos fundamentais.

a) Desenvolvimento alternativo *versus* necessidades humanas: o desenvolvimento alternativo deve levar em conta as necessidades humanas e não a produção do lucro como ponto principal. Ao propor essa ideia, houve muitas dificuldades, pois o lucro sempre foi a mola mestra do sistema capitalista. A expressão "necessidades humanas" precisa ser mais bem definida. Elas representam as necessidades materiais e não materiais. As necessidades materiais nós conhecemos: habitação/moradia, alimentação, educação, lazer, transporte, salários dignos etc. Em relação às necessidades materiais, muita coisa mudou de, digamos, cinquenta anos para cá. A televisão, por exemplo, não era uma necessidade (assim como o telefone). Hoje, a televisão poderia representar uma importante fonte de lazer, educação e cultura para uma nação.

As necessidades não materiais são muito difíceis de definir. Porém, as discussões evoluíram até o ponto de introduzir ideias, como a possibilidade das pessoas conviverem em paz e harmonia, independentemente de raça, credo, cultura, posição social e escolaridade; criatividade e iniciativa para tentar resolver os seus problemas de desenvolvimento e meio ambiente, entre outras.

b) Desenvolvimento alternativo endógeno: o desenvolvimento alternativo tem que ser endógeno. Esse processo de desenvolvimento material tem que partir das necessidades internas da sociedade. É a sociedade, internamente, quem decide os seus caminhos. Isso quer dizer que não existe um modelo universal de desenvolvimento e que cada sociedade tem o direito de procurar o seu. Esse fenômeno não acontece no Brasil, onde a mentalidade é fruto da

sua colonização, cujo modelo é o capitalismo aplicado nos EUA e na Europa. Nós sempre nos vemos como se fôssemos um cidadão dos EUA e da Europa amanhã — Complexo de Vodka Orloff — sem imaginar um modelo ou circunstância própria. Não teríamos como construir o colonialismo, o imperialismo e as próprias possibilidades planetárias em termos de recursos não renováveis. A Terra não suportaria o tipo de consumo dos EUA e da Europa, reproduzidos em escala mundial em todo o Terceiro Mundo. Então, teríamos que repensar o desenvolvimento não só porque nós temos as nossas características, como também porque não é possível se desenvolver com um consumo que o planeta não suportaria (aquecimento mais rápido do planeta, mais lixo e mais poluição).

c) Autossustentação: é o princípio do desenvolvimento do país (ou região) buscando recursos internamente, não dependendo de fora para estimulá-lo. No Brasil ainda se fala que o nosso desenvolvimento será muito estimulado pelo comércio exterior, pela venda fora do Brasil. Mas já existe uma corrente que fala em estimular o mercado interno. Vamos criar uma situação em que a gente produza e consuma, em que o dinamismo do crescimento econômico esteja no Brasil.

d) Consciência ecológica: essa consciência não significa pura e simplesmente uma consciência política, mas uma consciência na qual reside o próprio desenvolvimento, que passa a ter uma importância no cálculo econômico. Então, onde entra esse custo? Essa é uma crítica que a visão da economia alternativa tem da economia convencional burguesa. Ela não calcula o desgaste do meio ambiente como perda a ser reparada, pois ela tem a perspectiva do produtor individual capitalista, cujo pensamento é: o que for lucro é lucro, o que for prejuízo a gente socializa. E, às vezes, pode ser até pior.

Portanto, temos a oportunidade de propor algo diferente, tanto para os nossos pares do Sul quanto para os formuladores das políticas do Norte. Estamos nessa encruzilhada: ou fazemos algo agora ou perderemos o bonde da história.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H. **Meio ambiente e democracia**. Rio de Janeiro: IBASE, 1992.

GABEIRA, F. **Princípios da economia alternativa**. Documento Interno do Partido Verde, Seccional do Rio de Janeiro. 1994.

MORIN, E. **Para um pensamento do Sul**. 2010. Mimeografado.

RIBEIRO, D. **Os Índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**: A formação e o sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

**SIMÕES,
CARLOS ARTEXES**

Engenheiro eletrônico pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pedagogo pela mesma Universidade. Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca.

Pensamento do Sul: construindo uma nova civilização

"O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando."

(Guimarães Rosa)

O que tem caracterizado a civilização atual é a sua capacidade de mudança de dinâmicas até então consideradas imutáveis. O que aparentemente poderia ser confundido apenas com uma adaptação para a permanência de costumes, privilégios e de relações hierárquicas de poder e exploração humana, também são possibilidades de reais transformações na cultura civilizatória. Novos modos de pensar o mundo, novas relações entre os seres humanos e novas formas de produção material para a existência humana são potencialidades para um novo padrão civilizatório mais livre, justo e fraterno.

Nesse cenário, a hegemonia econômica e cultural do Norte pode e deve ser questionada e a sua lógica, reelaborada com a participação da força emergente, e ainda pouco visível, do pensamento do Sul. Não se trata apenas de uma disputa e substituição da hegemonia territorial, mas uma síntese que considera a cultura e a compreensão dos povos do Sul, historicamente explorados, que de alguma forma sustentaram o desenvolvimento

material dos países "ricos" do Norte, na elaboração de uma compreensão universal para todos os povos e uma nova civilização.

O agravamento das condições naturais da existência humana coloca em xeque o *ethos* no qual se constitui o pensamento hegemônico na civilização atual. Urge um consenso mínimo e uma postura ética que questione o nosso modo de estar e atuar no mundo para o enfrentamento da crise planetária. A novidade da participação e contribuição dos povos do Sul, com singularidades e situação cultural específicas, passa a ser imperativo para a superação da degradação ambiental e da exclusão social ainda predominante no mundo. Emergem do Sul, em uma situação adversa e subalterna, uma cultura e uma forma de viver emancipadoras, ligadas a uma nova consciência ecológica, a uma mistura étnica/racial configurada na tradição da solidariedade e da criatividade.

O sentido do paradigma dominante é a conquista. O conhecimento é assumido como forma de intervenção e dominação da natureza, o que corresponde a uma imagem de mundo na qual o ser humano tem a função do domínio sobre o meio ambiente e os demais seres. O *ethos* vivenciado é pouco sensível à alteridade. A homogeneização e a padronização ameaçam as originalidades e as singularidades culturais. Dessa forma, a natureza não passa de um depósito de recursos, algo a ser manipulado, e o diferente, aquilo que foge à razão instrumental-analítica e à unificação tecno-econômica, algo a ser destruído. A crise ecológica mostra a insustentabilidade dessas crenças. O progresso, entendido como crescimento ilimitado e linear, produziu degradação ambiental e subdesenvolvimento. A Terra não suportaria a universalização do patamar de consumo e modo de vida dos países ricos.

Erigir pilares para uma nova civilização exige um novo pensar, sentir, uma vontade de transformação com novos referenciais éticos e uma nova forma de compreender a humanidade. A experiência dos povos do Sul tem elementos fundamentais para essa nova civilização. Eis o desafio: enfrentar a complexidade da realidade humana, com uma compreensão ampla do ser humano e do universo, a partir da vivência das contradições do modelo civilizatório até então desenvolvido; preservando uma sabedoria nativa de valorização da relação homem-natureza e entre os seres humanos. De um paradigma redutor, pautado pela dominação e exploração, precisamos passar a um paradigma capaz de religar conhecimentos, de valorizar outras formas de relacionamento com a natureza e com outros seres humanos e de apresentar um novo *ethos* e sentido. Como bem diz Leonardo Boff, "essa mudança precisa ser dialética, vale dizer, assumir tudo que é assimilável e benéfico do paradigma da modernidade e inseri-lo dentro de outro diferente mais globalizante e benfazejo". Ética, assim compreendida, é a descoberta do mundo como valor e não como a con-

cepção utilitarista em que o mundo só possua valor na sua funcionalidade a serviço dos interesses de pequenos grupos e como objeto de posse.

Uma iniciativa contra-hegemônica é o Fórum Social Mundial (FSM), evento "altermundialista" organizado por movimentos sociais de diversos continentes, mas com centralidade organizativa no Brasil, com objetivo de elaborar alternativas para uma transformação social global. O *slogan* "Um outro mundo é possível" representa seu significado para uma nova ordem social. O Fórum se realizou várias vezes (em 2001, 2002, 2003 e 2005), no Brasil, na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul; em 2004, na Índia; de forma descentralizada em 2006; e em Nairóbi, Quênia, em 2007. A nona edição do Fórum novamente teve lugar no Brasil, em Belém, capital do estado do Pará.

Outra iniciativa, organizada no Brasil, se refere à Economia Solidária como uma forma de produção, consumo e distribuição de riqueza (economia) centrada na valorização do ser humano e não do capital. Tem base associativista e cooperativista, e é voltada para a produção, consumo e comercialização de bens e serviços de modo autogerido, tendo como finalidade a reprodução ampliada da vida. Preconiza o entendimento do trabalho como um meio de libertação humana dentro de um processo de democratização econômica, criando uma alternativa à dimensão alienante e assalariada das relações do trabalho capitalista.

Além disso, a Economia Solidária possui uma finalidade multidimensional, isto é, envolve a dimensão social, econômica, política, ecológica e cultural. Isto porque, além da visão econômica de geração de trabalho e renda, as experiências de Economia Solidária se projetam no espaço público, no qual estão inseridas, tendo como perspectiva a construção de um ambiente socialmente justo e sustentável. A Economia Solidária reafirma, assim, a emergência de atores sociais, ou seja, a emancipação de trabalhadoras e trabalhadores como sujeitos históricos.

Nesse cenário de mudanças culturais e elaboração de um pensamento do Sul como desenvolvimento de possibilidades de novo projeto civilizatório, vale a pena conhecer as concepções da "Trimembração do organismo social" apresentada pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner no início do século XX. A trimembração não é uma ideia interna de nenhuma corrente ou grupo, mas pertence à humanidade toda.

Assim como os corpos vivos têm atividade nervosa, digestiva, circulatória etc., cada uma com seu funcionamento próprio, porém interdependentes e partes do mesmo corpo, assim todas as atividades e fatos da sociedade humana se distribuem em três grandes áreas: vida econômica, vida cultural, vida normativa. Vida econômica é tudo o que produz bens, recursos, riquezas para o uso da sociedade inteira. Vida cultural não é apenas arte, mas tudo o que tem a ver com conhecimento, ideias, valores

e capacidades humanas, nas mais diversas áreas, como pesquisa, educação, criação e outras formas de cultivo. Vida normativa são as instâncias em que os diferentes atores da vida social decidem as regras do jogo, fazem acordos e cuidam para que esses acordos sejam executados. São os espaços de discussão e representação, órgãos de administração, agências reguladoras, instâncias jurídicas etc. Cada uma dessas esferas de atividade tem por sua própria natureza um atributo ou lei de funcionamento: vida cultural = liberdade; vida normativa = igualdade; vida econômica = fraternidade.

A lei saudável numa esfera torna-se nociva na outra. A vida cultural é responsável pela criatividade da sociedade por meio da livre criatividade dos indivíduos. Nesse campo, igualdade significaria totalitarismo, massificação, estagnação. Na vida normativa, isto é, na decisão e execução dos acordos sociais, cada ser humano tem valor igual ao de qualquer outro. Aqui o indivíduo não tem liberdade de impor nada. A vida econômica é responsável por suprir os seres humanos daquilo de que necessitam. Aqui, liberdade de fazer o que se bem entender, sem levar em conta as necessidades sociais (como quer o neoliberalismo), produz concentração e exclusão.

SORIANO, LUZ INMACULADA MADERA

Nacida en Santo Domingo, República Dominicana. Licenciada en Educación (Ciencias Sociales-Orientación Escolar), doctora en Ciencias Pedagógicas (Cuba) y doctoranda en Ingeniería Informática-Sociedad de la Información y el Conocimiento (España). Postgrados en psicología clínica, gestión, integración regional, relaciones internacionales y cooperación. Áreas de investigación: Internacionalización-Cooperación universitaria y uso de *social medias* en la formación. Actual Vicerrectora de Asuntos Docentes, Estudiantiles e Internacionales en la Universidad APEC. Miembro fundador del grupo Complejidad RD.

Pensamiento del Sur y humanismo latinoamericano en la trama de lo universal

"La sabiduría cura la separación."
(E. Tolle)

Existe un Sur, a propósito de un Norte. Metáfora geográfica que devela y jerarquiza las condiciones y relaciones humanas que han configurado, siglo a siglo, una sociedad global y asimétrica. Evidencia, además, la obnubilante vigencia del "pensamiento único",¹⁰ cuyo esquema ideológico se escurre en el discurso y la praxis de seguidores y detractores (MELLA, 2007). Pero sobre todo, contiene la emergencia de un pensamiento emancipador que, impulsado desde el denominado Sur, alcance estatura universal.

Edgar Morin propone la construcción colectiva de ese pensamiento, mediante un esfuerzo que convoque y sistematice desde una mirada compleja, saberes y haceres de todos los sures, en todos los tiempos, a favor de la humanidad. Este propósito redimensiona la reflexión humanista, como herencia fundamental en la conformación de un Pensamien-

10. Término atribuido a RAMONET (1995). Su uso fue adoptado a fines del siglo XX, designando la tendencia a expresar e imponer ideas con sentido hegemónico o dominante. La expresión se asocia principalmente a la supremacía del pensamiento "neoliberal" en la dinámica económica, política, social y ambiental del planeta, auspiciada por los países desarrollados.

to del Sur transformador. El Humanismo, como elemento axiológico, corriente filosófica y práctica cotidiana, ha transitado en el pensamiento latinoamericano a través de su historia. América Latina cristaliza al seno de una tradición humanista particular y liberadora. Ello hace necesario valorar la significación del Humanismo Latinoamericano en el marco de un Pensamiento del Sur para un mundo incluyente.

PENSAMIENTO DEL SUR Y HUMANISMO LATINOAMERICANO

Invocar un pensamiento del Sur complejo, que proponga alternativas de convivencia para una humanidad fracturada, constituye un desafío reivindicativo y esperanzador. Por un lado supone "aprender que existe el Sur, aprender a ir hacia el Sur, aprender a partir del Sur y con el Sur" (DE SOUSA, 2009, p. 287), propiciando una interacción dialógica entre colectivos y culturas, a fin de equilibrar el inoperante esquema global. A su vez, implica superar la disyuntiva Norte-Sur, reconectar los componentes planetarios naturales y sociales que han sido violentos y artificialmente dispersos y regenerar el actual pensamiento de la humanidad (MORIN, 2011).

Trascendiendo los puntos cardinales, Edgar Morin denuncia un mundo en crisis ante el fracaso del progreso como resultado inexorable de la modernidad, las consecuencias de una homogenización impuesta, la radicalización de las singularidades, la desvalorización de la condición humana, la ampliación de la miseria, la destrucción ambiental. En este escenario, proclama la urgente necesidad de consolidar un pensamiento del Sur emergente, que articule un saber diverso e integrador, capaz de re-problematizar el mundo en que vivimos y reactivar, a escala planetaria, la impronta humanista presente en la identidad y la cultura del sur americano.

Siglo a siglo, la orientación del pensamiento latinoamericano ha sido consustancial a un humanismo¹¹ que renace en la propuesta de un pensamiento del Sur. Las preocupaciones por el hombre, su naturaleza, esencia y condición lo diferencian desde sus albores (GUADARRAMA, 2003). En su sabiduría primigenia, la cosmovisión amerindia otorgó un lugar privilegiado al ser humano y su armonía con la naturaleza. La reducción del hombre autóctono y sus valores bajo la lógica de la conquista (DE SOUSA, 2006), sitúan la disputa sobre su condición humana

11. Como *humanismo se conoce* a la corriente de pensamiento, ética y praxis humana que, a lo largo de siglos, ha afirmado la centralidad, el valor y la dignidad del ser humano, cuyo interés primordial lo constituye la vida, la posición del ser humano en el mundo, su relación consigo mismo y con los demás seres sociales y naturales. Esta mirada incluye y trasciende la identificación del concepto humanismo con épocas y movimientos filosóficos determinados a través de la historia.

al centro de la problemática humanista que emerge en el pensamiento escolástico del continente.

El arribo de la Modernidad favoreció las ideas de reivindicación de lo aborígen y dignificación del hombre latinoamericano — F. J. Clavijero (México) —, precursoras del pensamiento político emancipatorio en Latinoamérica. La crítica al dogmatismo impulsada por la ilustración criolla — Félix Valera (Cuba) —, contribuyó a trascender el pensamiento escolástico y valorar la capacidad humana. Este espíritu humanista y liberador constituyó la plataforma educativa de los próceres de la independencia latinoamericana, bajo la influencia de intelectuales como Simón Rodríguez (Venezuela) y Andrés Bello (Chile). Su semilla dio frutos en el pensamiento humanista bolivariano, la gesta libertaria en el continente y en los procesos emergentes, autóctonos e integradores que hoy reconfiguran el panorama latinoamericano (GUADARRAMA, 2003).

En la antigua España, insular y bicéfala, la urgencia emancipadora de esclavos insurgentes da a la luz el primer país libre de América: Haití. En Santo Domingo, la visión política y humanista de Juan Pablo Duarte impulsa la independencia y propone un fallido proyecto de nación dominicana sustentada en la fe, la libertad, el patriotismo y la justicia (ALFAU, 1976).

En la conformación histórica del humanismo latinoamericano, antesala de un pensamiento del Sur, han confluído las más variadas ideologías. Durante la segunda mitad del siglo XIX e inicios del XX, el positivismo latinoamericano,¹² su mayor influencia, promovió la transición de una moral teológica a una moral cívica, el sentido de solidaridad, la soberanía latinoamericana y el rol de la educación en la evolución de los pueblos — José Ingenieros (Argentina), E. J. Varona (Cuba), J. Sierra (México), J. E. Rodó (Uruguay), Eugenio M. de Hostos (Puerto Rico). En ese marco, el humanismo remonta en el pensamiento optimista y liberador de José Martí (Cuba) y corrientes como el espiritualismo — Domingo F. Sarmiento (Argentina) —, el socialismo y el marxismo — José Carlos Mariátegui (Perú) —, se insertaron en la tradición humanista, evolucionaron sus bases éticas y denunciaron el carácter inhumano de la sociedad (GUADARRAMA, 2003; 2004).

Durante el siglo XX, los antipositivistas latinoamericanos — A. Khon (Argentina), A. Caso y J. Vasconcelos (México), P. Henríquez Ureña (R.

12. En América Latina, el positivismo presenta rasgos diferenciadores *suis generis* y asume una perspectiva optimista, desalienadora, que confía en la ciencia, el progreso y el desarrollo industrial, pero sobre todo en el ser humano y su capacidad creativa. A diferencia del positivismo europeo, entre sus disonantes voces resurge la preocupación humanista vigente en el pensamiento latinoamericano precedente y la potencia.

Dominicana) —, desde distintas ópticas reivindican la urgencia de un nuevo humanismo y la emergencia de un sentimiento de unidad americana. En las últimas décadas, el pensamiento reivindicativo del hombre americano se amplía y profundiza desde distintas formas y espacios: Filosofía de la liberación de E. Dussel (Argentina); Pedagogía del Oprimido de P. Freire (Brasil), Teoría de la dependencia de Theotonio dos Santos (Brasil), filosofía latinoamericana de L. Zea (México), entre otras; revelando la intención común de alcanzar la autenticidad latinoamericana que propugna un pensamiento del Sur.

EN LA TRAMA DE LO UNIVERSAL

Recorrer la huella del humanismo en América Latina revela que en este Sur, plural y diverso se ha pensado, sentido y obrado desde siempre a través de miradas diversas que reivindican "el valor y de la dignidad de todo ser humano, quienquiera que sea, venga de donde venga" (MORIN, 2011, p.3). Al mismo tiempo, la realidad continental evidencia la densa, sostenida y prevaleciente presencia de ideas, sistemas, prácticas y valores — autóctonos como foráneos —, contradictorios a esta ética de la vida que retorna esperanzadora en un pensamiento del Sur.

Edgar Morin propone conocer desde el sur para cambiar al mundo. Un "Sur" simbólico, diverso, vital, reconectado al concierto de condiciones humanas en el contexto planetario. Invita a reinventar "camino s improbables pero posibles, que permitirán caminar hacia la dirección de la metamorfosis, misión grandiosa y universal del pensamiento del Sur". Nos llama a recuperar un humanismo sin fronteras ni tiempo y construir juntos un saber integrador que cure la separación.

REFERENCIAS

ALFAU, V. **Ideario de Duarte**. Santo Domingo: Dirección General de Cultura de la Secretaría de Estado de Educación, Bellas Artes y Cultos, 1976.

FRANCOVICH, G. **Humanismo latino-americano**. [S.l.]: Biblioteca Virtual Universal, 2003. Disponible em: <<http://www.biblioteca.org.ar/libros/1255.pdf>>. Acceso em: jan. 2011.

GUADARRAMA, P. **Jose Martí y el humanismo en América Latina**. Bogotá: Convenio Andres Bello, 2003. (Colección Confluencias).

GUADARRAMA, P. Positivismo y antipositivismo en América Latina. **Ciencias Sociales**, La Habana, 2004.

MELLA, P. **Las relaciones norte-sur**. Barcelona: Cátedra de Ética y Pensamiento Cristiano, Instituto Químico de Sarrià, Santo Domingo, 2007. Conferencia não publicada, versão digital.

MORIN, E. **Para un pensamiento del Sur**. 2011. Mimeografiado.

RAMONET, I. La Pensée unique. **Le Monde Diplomatique**, Paris, p. 1, janv. 1995. Disponible em: <<http://www.monde-diplomatique.fr/1995/01/RAMONET/1144>>. Acceso em: jan. 2011.

SOUSA, B. **Conocer desde el sur: para una cultura política emancipatoria**. Lima: Fondo Editorial, 2006.

SOUSA, B. **Una epistemología del sur: la reivindicación del conocimiento y la emancipación social: CLACSO y siglo XXI**. México: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2009.

SOTOLONGO, PEDRO LUIS CODINA

Ph.D. en Filosofía; Ms.C. en Física. Presidente Fundador de la Cátedra de Complejidad de La Habana. Organizador de Seminarios Bienales Internacionales Complejidad (2002, 2004, 2006 y 2008), así como de Talleres Cubanos de Complejidad (2003, 2005 y 2007). Miembro de la Comunidad de Pensamiento Complejo (Argentina); del Comité Académico Internacional del Instituto de Pensamiento Complejo Edgar Morin (IPCEM). Editor Temático de la Revista *Internacional Emergence, Complexity & Organization* (E:CO) de E.U. Reino Unido. Autor de Libros y artículos en varios países. Miembro de la Asociación Nacional de Escritores de Cuba (Uneac). Ha formado a estudiosos de la Complejidad en países del Caribe, Centro y Sur América. Orden C. J. Finlay, la mayor otorgada a científicos cubanos por la obra de la vida.

Hacia un pensamiento — complejo y crítico — del Sur

En Agosto del 2009, en Lima, al inaugurarse el Instituto Peruano de Pensamiento Complejo que lleva su nombre, los allí presentes escuchamos a Edgar Morin expresar la necesidad e importancia de "un pensamiento del Sur"; argumentándonos que no se trata de rechazar cualquier idea o realidad proveniente de un Norte geográfico, sino de trascender *el hegemonismo ejercido por características de un modo de vivir y pensar, desde la modernidad*, sobre nuestra manera de conocer, de valorar, de sentir, de actuar y de vivir, en condiciones distintas a ese Norte. Como él mismo nos escribe en otro reciente documento, se trata de poner en juego un pensamiento *complejo* del Sur, y nos insta a que sea, asimismo, un pensamiento conscientemente *crítico*.

Para ser fieles a ese llamado, es preciso no olvidar lo que alguien dijera: pensar *complejo* es tener en cuenta *todo-lo-que-debe-ser-tenido-en-cuenta*; y que un pensar *crítico* es pensar *para-no-dejar-que-las-cosas-sigan-igual,... sino-para-propiciar-que-las-cosas-cambien*; o sea, un pensar para la acción, para actuar. Entonces un pensar complejo crítico es aquel que sabe *tener en cuenta todo-lo-que-debe-ser-tenido-en-cuenta-para-propiciar-que-las-cosas-cambien*. Y entonces lo primero que tenemos — y debemos — tener-en-cuenta es en qué consiste ese

aludido hegemonismo proveniente del "Norte", ya que es *lo-que-debe-mos-propiciar-que-cambie*. Y ese hegemonismo no "ha caído del cielo", como el maná bíblico, sino que ha emergido — retroalimentándolo y propiciándolo hasta hoy día — de todo un patrón de poder que se fue erigiendo a partir de la modernidad, concomitantemente con una manera de *producir e intercambiar* bienes poseedora de *una impresionante capacidad* para generar riquezas materiales y culturales, posibilitantes de bienestar (para comprobarlo basta con comparar cómo se vivía en el siglo XVII — o aún en el XIX — y cómo se puede ya vivir ahora); pero *al mismo tiempo*, poseedora de *una igualmente impresionante incapacidad para distribuir y consumir* de modo justo y ético esa riqueza material y cultural que produce (para comprobarlo basta con constatar hoy la treintena de países con significativo desarrollo y los más de ciento cincuenta países con escaso desarrollo).

Semejante hegemonía a trascender plantea por otra parte, la dificultad de aprehender nuestras realidades "sureñas" (a partir de esa modernidad), sin su imbricación con las realidades "norteñas". No para justificarlas, sino para, desde tal pensamiento complejo y crítico del Sur, comprender mejor su emerger, su desplegarse y cómo llegaron a ejercer su dominio sobre nosotros en sus diversas modalidades: la concentración "en el poder y en los desarrollos materiales", la valoración excesiva de "la técnica, de la economía, del cálculo, de la racionalización (tergiversadora de la racionalidad), de la rentabilidad, de la eficacia" (en y para el mercado), todo lo cuál nos previene Morin como aspectos a ser trascendidos por ese pensamiento complejo y crítico del Sur para así *poder propiciar-que-cambien* hacia ese "mundo mejor que es posible". Tal pensar nos ayudará a comprender mejor que la historia de la colonialidad suramericana y caribeña y la de la modernidad eurocentrada, *no son procesos independientes*; que uno no ocurrió primero y el otro después, como su consecuencia, sino que ambos constituyeron caras de *una misma dinámica compleja* que marcó el comienzo de un sistema-mundo que desde su eurocentrismo "tejió los hilos" de nuestro *horizonte de sentido* (de la manera cómo pensábamos, de cómo — y qué — conocíamos, de cómo — y qué — valorábamos y/o sentíamos y de cómo — y para qué — actuábamos); todo ello a través de ese patrón de poder que ya necesitamos *propiciar-que-cambie*.

Patrón de poder y sistema-mundo que nos han conducido a la globalización no sólo de las comunicaciones, de las transacciones comerciales y las operaciones financieras, de la información y el conocimiento (sin olvidar que millones y millones de seres humanos aún no saben ni

leer ni escribir); sino que también nos han "globalizado las crisis": la ambiental, la energética, la alimentaria, la financiera-económica, la de los valores, la de la política, la de la distribución de la riqueza (mientras la brecha entre los más ricos y los más pobres se incrementa), la de la convivencia humana (consumo y tráfico de drogas; criminalidad organizada; precariedad y marginalidad económica; tráfico de personas, migraciones masivas). Lo cuál nos hace ver que vivimos no en una "época de cambios", sino en un *cambio de época*, urgidos de una verdadera *regeneración civilizatoria*, componente de la cuál pueden — y deberían ser — artes de vivir "sureños" como "el Vivir Bien" boliviano, o "el Bien Vivir" peruano o ecuatoriano; así como el "Mío nada, Todo-de-Todos" centroamericano, como ilustraciones de nuestra especificidad multiétnica y multicultural rica y diversa, tantas veces omitida. Las que están reivindicándose por un "Movimiento de los Movimientos" sociales (desde las bases de la sociedad), que reivindica asimismo las producciones locales auto-abastecedoras, todo como una dialógica entre globalización y localización, que "rescata" a lo social "secuestrado" por lo político (y subordinados ambos a la lógica de la economía del mercado global). Por lo mismo, estamos obligados a constatar — nos gusten más o nos gusten menos (según sea el caso) — y a tener muy en cuenta (sin endiosarlas, ni satanizarlas), las realidades en nuestra región que evidencian que estamos viviendo en el Sur americano una auténtica época transicional, con procesos emergentes — de corta, media y larga duración — o si se prefiere, de cambios y transformaciones superficiales, otros de más profundidad y algunos de gran profundidad y densidad histórica (con dinámicas diferenciales inherentes, *necesitadas de más estudio*) — que están propiciando y conduciéndonos de manera no predecible, pero si previsible, hacia una nueva situación de bifurcación (de cambio cualitativo) de un proceso más global de alcance planetario de la ya aludida regeneración civilizatoria en la que nuestra región sureña, en particular la del hondón suramericano andino podría desempeñar — y está ya comenzando a desempeñar — un papel de vanguardia de época. Son esos cambios en el plasto profundo de nuestra historia (los que se enlazan con las circunstancias y los cambios de larga duración), los que dejan una marca indeleble en las socialidades, fruto de los llamados "acontecimientos ruptura". Y son precisamente entre éstos últimos los que resulten en las bifurcaciones (en el lenguaje de las Ciencias de la Complejidad) de escala mundial, los que podrían propiciar esa mutación civilizatoria cada vez más urgente y necesaria.

No obstante, el resplandor de otros acontecimientos también contemporáneos los hace proclives a ser sobrevalorados en su inmediatez,

sin la suficiente perspectiva histórica profunda, no re-dimensionándolos adecuadamente. Ello concierne a no deslumbrarnos — y/o a que no nos deslumbren — con una visión "norteña" de la actual globalización — menos con su orientación neoliberal — como si plasmara algo *totalmente* nuevo y marcará la culminación floreciente de ese aludido patrón de poder, como si éste fuera cada vez más sólido, maduro e insustituible. Se nos plantea, por el contrario, a los del Sur, la necesidad de aprehender esa globalización "a contrapelo" de la historia que de ella nos cuentan. Lo que conduce a argumentar que la presente globalización es una culminación, sí, pero de un proceso de "mundialización" comenzado a fines del siglo XV, con el inicio de la conquista y colonización de nuestro sub-continente latinoamericano y caribeño; culminación que marca no el auge y florecimiento de ese patrón de poder, *sino el comienzo epocal del fin del periodo histórico de su predominio*, como lo atestigua la ya mencionada multi-crisis global creciente que cada vez más padecemos. Desde la profunda convicción de que la convergencia del pensar complejo y del pensar crítico resulta imprescindible para comprender los procesos que están ocurriendo en nuestro Sur, y en tanto ni el pensamiento complejo ni el pensamiento crítico son espontáneos, sino que son fruto de una cierta disciplina y ejercicio del pensar, asimismo expresamos la convicción de que tanto más consciente deberá ser su articulación en un pensamiento — complejo y crítico — del Sur. *Es ese el pensamiento del Sur que necesitamos.*

SOUZA, MARIA ALICE LOPES

Pós-graduada em Psicologia da Educação pelo Instituto de Estudos Avançados em Educação da Fundação Getúlio Vargas (Iesae). Pedagoga com habilitação em Magistério e Supervisão. Especialista em Educação Especial pelo Instituto de Educação do Estado do Rio de Janeiro. Atua na Gerência de Educação e Ação Social do Departamento Nacional do SESC, desde 2007, com experiência em supervisão e coordenação pedagógica em escolas, regência de turmas da Educação Infantil e do Curso de Formação de Professores, com ênfase no processo de alfabetização.

Contribuições "Para um pensamento do Sul"

A releitura de um dos maiores escritores brasileiros e pensador das questões da vida e do cotidiano do Sul, Guimarães Rosa, serviu-me de inspiração durante o estudo do texto de Edgar Morin. Destaco aqui os trechos que mais me marcaram: "Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas — mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou" (ROSA, 2001, p. 39). E: "A gente tem que sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta dele e de dentro" (idem, p. 294).

Outro autor a quem também recorri foi Paulo Freire, que desenvolveu conceitos muito próximos aos utilizados por Morin, como, por exemplo: hominização, dialógica, esperança, racionalidade, problematização, fragmentação dos saberes, prática reflexiva, formação de professores.

Como temas centrais que podem inspirar o pensamento do Sul, Morin aponta para a conciliação do sentido da diversidade concreta da vida, das crenças; a problematização do mundo baseada no humanismo como valor e dignidade de todo ser humano; a propagação do humanismo na "era planetária em que toda humanidade vive uma comunidade de destino"; a problematização das nossas relações.

É preciso entender que a razão não é única, monolítica, simples; atentar para a "racionalidade aberta que reconhece os limites de sua capacidade de apreensão"; fazer a crítica à racionalização, como racionalidade degenerada, fundada numa lógica implacável e limitada; ampliar o entendimento sobre a existência de vários "suis" como "nortes" e "misturar as heranças culturais mediterrâneas com as heranças culturais africanas e sul-americanas".

A problematização da mundialização deve reunir e conjugar todas as heranças culturais. Desde a colonização, a escravidão, ainda presente no Sul, desdobra-se sob a forma de globalização, com novos perigos para a humanidade, como a degradação da biosfera, as diversas crises planetárias, o consumo desenfreado e os novos conflitos étnico-religiosos.

Na insegurança sobre o futuro e na angústia do presente, o que resta é a volta às raízes. Vivemos a crise do desenvolvimento, ao mesmo tempo como crise da ocidentalização e crise da mundialização, trazendo a miséria, que implica dependência e humilhação. A crise da mundialização é, também, a crise da unificação tecnoeconômica do globo, do capitalismo e das telecomunicações, que permitem que todos os pontos do planeta estejam em conexão imediata — homogeneizante, como ameaça às originalidades e às singularidades culturais, étnicas, nacionais, decorrendo reações de retorno à nação, à etnia e, até mesmo, à religião. São dois grandes perigos para a humanidade: a unificação abstrata e homogeneizante, que destrói as diversidades e, ao mesmo tempo, o fechamento das singularidades em si mesmas, tornando-as abstratas, isolando-as do resto da humanidade.

O desafio é encontrar um caminho para sair do antagonismo entre a diversidade fechada em si mesma e a unidade abstrata. A hegemonia do norte produz "a cegueira do pensamento fundado essencialmente no cálculo", cego para a existência, para os sentimentos, para a consciência, "cego para o lado humano da humanidade". Trata-se do humanismo em sintonia com o que pensou Paulo Freire, como "compromisso radical com o homem concreto. Compromisso norteado pela transformação de qualquer situação objetiva na qual o homem concreto esteja impedido de ser mais" (FREIRE, 1979, p. 22).

Os conhecimentos separados, fragmentados, conforme os pensamentos dominantes do Norte, não permitem apreender a complexidade dos fenômenos globais e o caráter fundamental de nossos problemas vitais; tornando cada vez mais difícil a busca por saídas. E dificulta também a busca dos princípios éticos imprescindíveis às sociedades humanas na formação dos laços entre a unidade e a diversidade, uma

vida solidária e amorosa, da qual nos fala Freire, ou ainda, como nos dizeres de Rosa: "Um ainda não é um: quando ainda faz parte com todos" (ROSA, 2001, p. 201); "O mundo ali tinha de ser de se recomeçar" (idem, p. 474); "Vivendo, se aprende; mas o que se aprende, mais, é só a fazer outras maiores perguntas" (idem, p. 429).

Sobre as experiências inovadoras implementadas e/ou em curso que ilustram o pensamento e/ou as identidades do Sul, podemos pensar nos movimentos culturais da periferia como grande novidade do século XXI. Os novos movimentos culturais gerados em favelas e periferias das grandes cidades repercutem e ultrapassam os limites da exclusão, influenciando as culturas urbanas. Como um fenômeno mais amplo, não restrito aos locais onde é engendrado, ressoam e renovam a cultura urbana de forma impactante.

OS MOVIMENTOS ECOLÓGICOS EM BUSCA DE SAÍDAS PLANETÁRIAS

Alguns marcos surgem no Sul, como a Conferência das Nações Unidas sobre Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92, quando foram assinados importantes acordos ambientais globais da história da humanidade. Entre eles, as Convenções do Clima e da Biodiversidade, a Agenda 21, a Declaração do Rio para Meio Ambiente e Desenvolvimento e a Declaração de Princípios para Florestas.

Apesar dos muitos compromissos assumidos, nem todas as nações assinaram os acordos e não há o efetivo controle dos impactos ambientais que continuam a ameaçar a vida no planeta. E, além disso, permanecem em aberto questões como a diminuição da pobreza no mundo, a fome, as desigualdades sociais e econômicas e o uso sustentável dos recursos naturais.

FÓRUNS E MOVIMENTOS SOCIAIS

É importante, ainda, ressaltar os movimentos sociais que surgiram nas últimas décadas, como o dos trabalhadores rurais que fundaram um movimento social camponês, autônomo, em busca da reforma agrária e de propostas de transformações sociais para o país. Inicialmente formado por posseiros atingidos por barragens, migrantes, meeiros e pequenos agricultores, o movimento dos trabalhadores rurais conquistou novas formas de organização, incluindo a educação sob uma nova perspectiva e saberes, da alfabetização à formação acadêmica, em cursos universitários específicos com abordagens inéditas.

Outro item que merece ser destacado é o sucesso dos fóruns sociais, como o Fórum Social Mundial, criado como contraponto ao Fórum Mun-

dial Econômico de Davos, tão marcado pelos acordos e propostas neoliberais, que reúne os mais diversos setores das sociedades. Há também os fóruns mundiais como o da Educação, do Turismo etc.: manifestações com temáticas tão diferentes que favorecem a busca por diminuir desigualdades, o respeito às diversidades e a preocupação em valorizar as diferentes manifestações humanas.

Apesar da redução do número de ditaduras pelo mundo, principalmente na América do Sul, e os avanços na consolidação dos direitos humanos, não há ainda muito que comemorar em relação ao que ocorre, por exemplo, com a maioria dos povos africanos.

Temos hoje a proposta da Economia Solidária como outra forma de produção, consumo e distribuição de riqueza, centrada na valorização do ser humano e não no capital. Com base associativista e cooperativista, volta-se para a produção, consumo e comercialização de bens e serviços de modo autogerido. Trata-se do trabalho como um meio de libertação humana em um processo de democratização econômica, nas dimensões social, econômica, política, ecológica e cultural. E aqui nos encontramos mais uma vez com o pensamento de Guimarães Rosa: "Tudo o que já foi é o começo do que vai vir, toda a hora a gente está num cômputo. Eu penso é assim, na paridade. Viver é muito perigoso, e não é não. Nem sei explicar estas coisas. Um sentir é do sentente, mas outro é do sentidor" (idem, p. 328); "Eu sei que isto que estou dizendo é dificultoso, muito entrançado. Mas o senhor vai avante. (...) Eu queria decifrar as coisas que são importantes" (idem, p. 116).

E, para concluir, cito as questões prioritárias a serem tratadas pelo olhar do Sul na direção de uma política de civilização:

a) Juntar a prosa (do Norte) com a poesia (do Sul), integrando as contribuições benéficas do Norte com o sentimento de solidariedade e as artes de viver, de maneira extrovertida, comunicativa, com hospitalidade, preservando as qualidades poéticas, do Sul.

b) O pensamento do Sul deve ser complexo, aberto às complexidades da vida, às realidades humanas e do mundo, no sentido do que é tecido em conjunto, o pensamento que religa o que foi artificialmente separado, religa o que está disperso e poderia, assim, recuperar as qualidades e a poesia da vida.

c) O diálogo permanente entre a razão e a paixão para alcançar uma nova sabedoria, que valorize as virtudes do amor e do sentido de comunidade. Assumir a condição humana, a resposta às angústias da vida é um encontro na comunidade, no amor, na doação de si.

d) Nas sociedades, como em todos os seres humanos, existem capacidades criativas adormecidas. Diz Morin: "As capacidades geradoras dormem nas sociedades e despertam em épocas de crise, como possibilidades criativas de superação. A aspiração à harmonia permeia toda a história da humanidade". Existem ilhas de harmonia na nossa vida cotidiana. Essa aspiração pode suscitar regenerações.

e) Leonardo Boff propõe para a nova era "ecozóica" uma cosmologia da transformação: "Nós mesmos somos a parte consciente e inteligente do universo e podemos enfrentar a crise, detectar o esgotamento de certos hábitos culturais e inventar novas formas de sermos humanos, de produzirmos, consumirmos e convivermos" (BOFF, 2009).

f) Que os seres humanos exerçam a esperança crítica, como presenças criadoras, capazes de transformar a realidade em que estão inseridos, "uma esperança crítica que move os homens para a transformação" (FREIRE, 1979).

Temos escolhas a fazer, pois o nosso sistema encontra-se condenado à morte ou à metamorfose (transformação). Morin nos convida, numa perspectiva de muita esperança, a buscar os caminhos improváveis, mas possíveis, que permitirão caminhar na direção da metamorfose, como missão inexorável do pensamento do Sul.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Cosmologia da dominação em crise**. 27 fev. 2009. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com>>. Acesso em: jan. 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

VALLEJO-GOMEZ, NELSON

Es filósofo colombiano-francés. Magíster en Filosofía por la Universidad Sorbona Paris-IV. Doctor Honoris Causa de la Universidad Nacional de Tumbes (Perú, 2007), Doctor Honoris Causa de la Universidad Nacional de Cajamarca (Perú, 2009), Doctor Honoris Causa de la Universidad de Caldas (Colombia, 2010), ha publicado ensayos de filosofía política y de literatura en diferentes revistas de Colombia, Brasil, Venezuela, Estados-Unidos, Rusia, Italia y Francia. Libros publicados: *Morin, humanista planetario — Ensayos y entrevistas* (2009), *La Latinité à la recherche de l'Universel*, en colaboración con Candido Mendes (2000). Trad. en castellano, *La latinidad en la búsqueda del universal* (2007). *El humanista planetario — homenaje internacional a Edgar Morin*, editor en colaboración con Gustavo López Ospina (2001). Ha sido secretario particular de Edgar Morin, secretario general de la *Association pour la Pensée Complexe* (APC) y asesor externo de la Unesco. Actualmente es Asesor del Director General de Educación media del Ministerio de Educación de Francia.

Pensamiento del Sur

¿QUÉ TEMAS CENTRALES INSPIRAN EL PENSAMIENTO DEL SUR?

a) La Modernidad: repensar y cuestionar sus aportes, a la luz de la era planetaria y del paradigma de complejidad, a través de las oposiciones complementarias que suscitan la Razón (ilustración), el Progreso (desarrollo), la Ciencia (bienestar), teniendo en cuenta la ecología de la acción que ha generado emergencias contradictorias: razonamiento loco, desarrollo subdesarrollado, ciencia inconsciente.

b) El Renacimiento: retomar el arte de problematizar los conceptos de Individuo/Sujeto/Hombre (el razonamiento), Naturaleza/Mundo/Ser (la realidad), Sociedad (la cultura, la educación, la política).

c) El Humanismo (abstracto, cosmopolita, concreto).

d) Crisis/Metamorfosis: "la misión grandiosa y universal del pensamiento del Sur es caminar hacia la metamorfosis" (MORIN, 2010). "La metamorfosis es propiamente un nuevo origen" (MORIN, 2011).

e) Mestizaje genético, étnico, cultural ("la vía mestiza" elabora un humanismo planetario que incorpora lo mejor de la cultura arcaica, tradicional, moderna).

f) Mundialización/Globalización — Era Planetaria (proceso geográfico de territorialización / nacionalización / fronterización versus dinámica virtual de interrelación / religación / glocalización (anillo local/global, parte/todo).

g) Pensamiento del Sur / pensamiento complejo / Política de civilización.

COROLARIO

El *pensamiento del Sur* es una ilustración (complexus antropo-socio-político-epistemológico) del *pensamiento complejo*. Por consiguiente, establecer los conceptos y los razonamientos propios a un *pensamiento del Sur* requiere estudiar de entrada la epistemología compleja (el paradigma de complejidad, el concepto de anillo recursivo, el método moriniano del *pensamiento complejo*).

Así pues, antes de abordar los temas centrales para comprender lo que se entiende por *pensamiento del Sur*, hay que consagrar una sesión de estudio al pensamiento sistémico que los sustenta (el paradigma de complejidad). En particular, una sesión de recapitulación del macro concepto moriniano *Unitas Multiplex* (organización, sistema, interrelación), así como de los principales principios sistémicos: a) El todo es más que la suma de las partes; b) El todo es menos que la suma de las partes; c) El todo es más que el todo; d) Las partes son a la vez más y menos que las partes; e) Las parte son eventualmente más que el todo; f) El todo es menos que el todo; g) El todo es insuficiente; h) El todo es incierto; i) El todo es conflictivo (EMILIO ROGER CIURANA, 1997).

No se trata de sustituir un reduccionismo analítico ("pensamiento del Norte") por otro reduccionismo ("pensamiento del Sur"). Un *pensamiento del Sur* pretende ilustrar que, al tomar la "vía del mestizaje cultural planetario" (MORIN, 2011), se constata por doquier experiencias y emergencias que muestran la posibilidad de pensar de otra manera los conceptos tradicionales de la Modernidad, del Humanismo y de la Mundialización/Globalización, en suma, se trata de salir, como primer paso, del paradigma en oposición/exclusión, disyunción/reducción. Un *pensamiento del Sur* debe ser entendido desde un pensamiento sistémico que refleje *paradigmáticamente* y no solo *teóricamente* lo que significa en la era planetaria el hombre, el mundo, la sociedad.

El principio clave de la actividad mental propia a un *pensamiento del Sur*, como a la de un *pensamiento complejo* tiene en cuenta un proceso cognitivo estratégico, dialógico, recursivo y hologramático (un plus cualitativo a la lógica racional tradicional).

¿QUÉ EXPERIENCIAS INNOVADORAS QUE SE IMPLEMENTARON Y/O ESTÁN EN CURSO ILUSTRAN EL PENSAMIENTO Y/O LAS IDENTIDADES DEL SUR?

a) "Los siete saberes necesarios a la educación del futuro" (Unesco, París, 1999)

b) "La Academia de la Latinidad" (Paris/Rio de Janeiro, 2000)

c) "La base común de conocimientos y de competencias" (ley de educación francesa de 2005 y decreto de 2006)

d) "El Instituto de Pensamiento complejo Edgar Morin de la Universidad Ricardo Palma" (Lima, 2009)

¿CUÁLES SON LAS CUESTIONES PRIORITARIAS A TRATARSE POR LA MIRADA DEL SUR HACIA UNA POLÍTICA DE CIVILIZACIÓN?

a) Identidad / Cultura / Educación / Desarrollo

El pensamiento del Sur puede ser la propuesta estratégica para pensar un "nuevo origen", una "metamorfosis" planetaria en y desde la América latina; contribuyendo así a una matriz teórico práctica compleja para renovar los currículos educativos, liberar las mentes, reorganizar estrategias de identidad, cultura y desarrollo a nivel local, ya no por medio de una "teología", una "ideología", una "guerrilla" o un plan estructural de tipo "FMI societal", sino gracias a un pensamiento del Sur, ético y laico, que anima una matriz paradigmática compleja y reorganiza la triada individuo-naturaleza-sociedad, en beneficio de nuevas concepciones del desarrollo, la ciencia y la cultura.

VELASCO, JUAN MIGUEL GONZÁLES

Presidente de la Cátedra de Educación Transcompleja La Paz (Bolivia). Coordinador Doctorado y Postdoctorado de Educación-Complejidad EMI-La Paz. Creador de la Teoría Educativa Transcompleja. Autor de varias obras sobre Currículo Complejo, Evaluación de los Aprendizajes y Complejidad. Aula Mente Social, Metacomplejidad, Condición Humana. Editor y Director de Educación y Complejidad. Fractal, Ciencia con Conciencia para el cambio, Integra Educativa. Coordinador para Latinoamérica del proyecto Red de Formación Transdisciplinar (RedFut) España-AECID. Miembro de la Red Mundial del Pensamiento Complejo. Miembro honorario del Instituto Peruano del Pensamiento Complejo Edgar Morin, Lima, Perú. Miembro del Centro de Estudio e Investigación de la Complejidad y la Transdisciplinariedad CEICT de la Universidad San Luís Gonzaga de Ica, Perú. Experto conferencista Internacional para Latinoamérica y Europa. Docente Internacional de Programas Doctorales como Doctorado en Educación de la Universidad del Atlántico, en Barranquilla, Colombia.

Reconectar lo que está disperso: un pensamiento del Sur planetario

Tal vez la palabra "Sur" sea la causante de confusión ante un pensamiento que no divide o busca diferenciar dos posiciones contrarias, "el Norte", pero el pensamiento complejo los entreteje y complementa. Durante muchos siglos el pensamiento del Norte ha predominado en el mundo y ha hecho que diversos aportes se afiancen sin reflexionar y autoanalizarse, llena de ilusiones tales como la visión de democracia, los derechos humanos, las autonomías, el materialismo sobre el humanismo, el concepto de progreso, la ilustración etc. Sin embargo, en medio de este surgimiento ha estado y estará el pensamiento del Sur, un pensamiento que permite a la humanidad complementar, problematizar, cuestionar nuestro existir y del universo, la planetarización como una visión de conciencia ecológica. La visión de saberes ecologiza nuestra concepción de único y diverso por lo que la palabra clave que se deviene, analiza a cada momento o que justamente por la visión del pensamiento del Norte es "crisis", la misma que es vista en todo sentido, por ejemplo, crisis económica, política, ideológica, de desarrollo, material, y la más importante, la crisis de la humanidad que no nos deja o nos hace pensar de manera abstracta de lo que es humanidad, es ahí donde la reivindicación de la condición humana juega un papel trascendental.

Uno de los procesos reflexivos más importantes para el "Sur" es la condición humana que, vista desde un pensamiento del Sur, ubicará nuestro ser en el planeta y en el universo, haciendo creer en nuestro ser común y nuestra diversidad humana, y más profundamente en lo que nos identifica y nos une como seres humanos, haciendo comprender en qué condición, es decir bajo qué circunstancias nacemos, crecemos, nos reproducimos y dejamos este mundo no solo en lo biológico o en lo material sino también nuestra trascendencia espiritual. Pero esta no está completa sin la visión poética, social, ecológica y diversa en realidades del Sur.

Uno de los momentos más significativos para el ser humano es su cotidianidad, donde confluyen infinidad de hechos, circunstancias, relaciones y vivencias bajo diversos criterios de pensamiento, vistos entre un mundo macro, micro o tal vez meso, es decir el de las complejidades y hace que el ser humano refleje su energía, su materia y su espiritualidad. Es en su vida cotidiana donde su condición de ser humano debe demostrar su existir, su razón de ser en el mundo y en el universo, el elemento que lo distingue como único y como diverso, donde los bucles vinculados a la razón, al sentimiento, al pensamiento, a su creatividad, a su grandeza interior y exterior se entremezclan para hacer de los seres humanos complexus, hombres del Sur.

El pensamiento del Sur en su naturaleza más simple también involucra hablar de valores, por ejemplo, el valor de la vida, el de la búsqueda de la libertad, del respeto del otro y de sí mismo, de la búsqueda de la espiritualidad, de la vinculación del ser con su conciencia, y que en muchos casos parte de una visión individual a una conciencia social y, mucho más amplia, la conciencia planetaria.

Este pensar en el Sur permite el acercamiento a la libertad del sujeto, esa libertad que muchas veces creemos alcanzarla pero que en la práctica estamos muy lejos de tenerla o la vemos de manera concreta, cuando hay una gran ambigüedad abstracta que el pensamiento del Norte no nos deja ver otras posibilidades, nos hace ciegos.

Pero en este pensamiento fragmentado y ciego que nos ha dejado el pensamiento del "Norte" hay muchas dispersiones teóricas, prácticas e ideológicas muy importantes para poder pensar un mundo diferente. Estas cegueras no son nuevas. Siempre han existido ahí, y tampoco creo que sea el pensamiento del "Sur" una alternativa libre de falencias, errores o contradicciones. Sin embargo, sí creo que sea posible pensar en un pensamiento del Sur más optimista con la vida, el tiempo y el espacio, y, lo más importante, con una nueva forma de civilización, la

misma que durante muchos años ha tratado de emerger, lo ha hecho y ha aportado importantes facetas en la historia de la humanidad.

Pero ¿Cuáles son las alternativas revolucionarias que nos permitirían ver un sentido innovador o práctico en diversas realidades?, uno de ello es la creación para este 2011, en la ciudad más alta del mundo, del Primer Instituto Internacional para la Complejidad y el Pensamiento del Sur (IICPS) que trabajará por la integración de saberes y pensamientos, la comprensión, la difusión internacional, la investigación en líneas de interés entre naciones y la publicación de estas formas de pensamiento "lo que se teje en conjunto" y "reconecto lo que está disperso". Será un reto constituir este instituto en el Sur, desde el punto de vista geográfico, ya que es en Sudamérica donde el pensamiento del Sur tiene mayor impulso, mayor trabajo y efervescencia mundial, de ahí que constituirlo en una de las ciudades más representativas de Sudamérica.

De igual manera, el IICPS será un instituto que impulsará el trabajo en diversas líneas de interés. Una de ellas será la educativa, donde se impulsará la creación de la Primera Universidad del Pensamiento del Sur (UPS). Lógicamente, este centro del saber deberá estar inmerso y bajo los principios del pensamiento del Sur, buscando esto que Edgar Morin llama Tierra-patria y se empezará a constituir en la formación de formadores, aspecto que considero poco desarrollado aún desde el pensamiento complejo. La UPS deberá sensibilizar al sujeto hacia una visión problematizadora del ser humano, planetaria, humanizadora, que vincule saberes, la condición humana, la aplicación de los operadores cognitivos complejos, contenidos transdisciplinarios, y, lo más importante, una universidad con un alto nivel ideológico del Sur.

Uno de los mayores empoderamientos del pensamiento del Norte es el tema "salud": muy parcelado, desigual, y a lo largo de los años se han buscado metas que nunca se han cumplido, como ejemplo, la famosa frase "Salud para todos" en el año 2000. El pensamiento del Sur deberá concientizar al profesional en salud hacia una atención en salud prioritaria, equitativa y diversa. Considero este tema muy importante para el pensamiento del Sur.

Finalmente, el pensamiento del Sur genera una nueva forma de política civilizatoria, que a mi parecer ha estado presente en la historia de la humanidad, solo que en eterna lucha con el pensamiento del Norte. No quiere decir que existan dos bandos literalmente separados, más bien los existen puros e híbridos, con tiempos de aparición, y es ahí donde quiero incidir el tiempo del pensamiento del Sur para reconectar todo lo que ha quedado disperso, en busca de una Tierra-patria, una

política civilizatoria más integradora y humanizadora, es decir que nos permita salir de la prehistoria del conocimiento, de las cegueras de la ciencia, de la fragmentación de las disciplinas, de la falta de condición humana, sacarnos de la crisis de estrés, por una crisis emergente de cambio permanente.

El pensamiento del Sur, no es sin el Norte, ya que en la unicidad está la diversidad y viceversa. Creo importante señalar que el pensamiento del Sur es así llamado porque tradicionalmente en el globo terráqueo los países del Norte han mantenido su empoderamiento sobre los del Sur, tal es el caso de Europa y África o Norteamérica y Centroamérica, lo cierto es que cada país, cada región, cada localidad, ciudad u hogar tiene su propio pensamiento del Sur, este pensamiento más poético que prosaico, más multicultural, tradicional y poco valorado por el pensamiento del Norte. Con ello quiero decir que el pensamiento del Sur, si, tiene tradicionalmente un fuerte componente geográfico pero, más que todo, ideológico, con fuertes componentes re-civilizatorios.

ZOYA, LEONARDO GABRIEL RODRÍGUEZ

Licenciado en Ciencia Política por la Universidad de Buenos Aires (Argentina). Diploma de Honor. Doctorando en Ciencias Sociales por la misma Universidad y Doctorando en Sociología por la Universidad de Toulouse-1 (Francia). Becario de Investigación Doctoral del Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas de Argentina (Conicet). Becario de la Embajada de Francia y del Ministerio de Educación de la Nación Argentina. Co-fundador y Coordinador de la Comunidad de Pensamiento Complejo (CPC) (www.pensamientocomplejo.com.ar). Coordinador del Grupo de Estudios Interdisciplinarios sobre Complejidad y Ciencias Sociales (GEICCS). Profesor de Metodología de la Investigación en Ciencias Sociales, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad de Buenos Aires. Líneas de investigación: Pensamiento Complejo, Teoría de los Sistemas Complejos, Ciencias de la Complejidad, Epistemología Genética, Epistemología Política, Epistemología de las Ciencias Sociales, Metodología de las Ciencias Sociales.

Temas centrales que inspiran el pensamiento del Sur

El tema central del pensamiento del Sur es la problematización crítica de la hegemonía nor-occidental, con la finalidad de construir un pensar-hacer alternativo que estimule la conservación y transformación radical de la civilización y la humanidad. Esto abarca múltiples vías o temas:

a) El mestizaje de herencias culturales diversas, expresado como sincretismo y unidad compleja de lo diverso y plural, en donde operaría una reapropiación crítica de los aportes del Norte (tradición greco-latina, cultura europea-anglosajona moderna) y del Sur (Latinoamérica, el Caribe y África), tornando posible la recomposición de la solidaridad, la responsabilidad, la comprensión, la compasión, el amor.

b) La denuncia y diagnóstico de las regresiones e implicancias sociales, políticas, económicas, éticas, culturales, epistémicas y ecológicas del modelo civilizacional nor-occidental, basado en el cálculo, el lucro, la explotación y dominio de la naturaleza y de la humanidad.

c) El examen crítico de los modos en que operan y se expresan las estrategias de dominio, control y hegemonía nor-occidental en el plano del pensamiento, la cultura, la política, la economía, y sus modos de reproducción.

d) La crítica y denuncia de los fundamentos y estrategias del pensamiento hegemónico del Norte en tanto sea racionalidad cerrada, instrumental, reductora, disyuntiva y simplificadora, en vez que unidimensionalice lo multidimensional, unifique lo diverso y tienda a borrar y ocultar las diversidades y diferencias, haciendo aparecer bajo categorías únicas y singulares las multiplicidades históricas, identitarias, culturales y cognitivas.

e) La problematización del pensamiento occidental moderno y sus categorías naturalizadas de inteligibilidad de la realidad, mostrando las zonas de invisibilidad, ilegitimidad, ceguera y exclusión que produce; con la finalidad de rehabilitar, viabilizar y restaurar lo que ha sido ocultado, destruido, ignorado, vedado y no tematizado por el pensamiento del Norte, pero que ha sido constitutivo del pensar y actuar de los pueblos del Sur.

f) La recreación del vínculo humanidad-cosmos-naturaleza a partir de un concepto de vivir bien alternativo basado en el respeto por la diversidad concreta y la religancia ecológica con la biósfera, que hunde sus raíces histórico-culturales en la idea de la Madre-Tierra (pachamama) de los pueblos y nacionalidades indígenas de América Latina.

g) Visibilización de los aportes, las riquezas y las diversidades socio-políticas, epistémicas y culturales de los pueblos del Sur; los cuales han sido invisibilizados, ocultados, deslegitimados, exterminados, reducidos, unidimensionalizados, por parte del pensamiento hegemónico del Norte. Así, la finalidad del pensamiento del Sur consiste en la construcción y enraizamiento de alternativas políticas y epistémicas — a partir de la articulación de las experiencias y procesos históricos y actuales y, también, mediante la estimulación de otros nuevos-, que tornen posible una mundialización contra-hegemónica alternativa centrada en la solidaridad y la responsabilidad.

EXPERIENCIAS INNOVADORAS IMPLEMENTADAS O EN CURSO QUE ILUSTRAN EL PENSAMIENTO DEL SUR

a) Afirmación reiterada a lo largo de la historia del Sur de luchas contra distintas formas de dominación colonial e imperialista. Guerras por la independencia en el siglo XIX. Revoluciones políticas y sociales del siglo XX en México, Cuba, Chile, Nicaragua, El Salvador. La búsqueda de formas de gobierno que respeten la herencia histórico-cultural de los pueblos originarios: la construcción del Estado plurinacional en Ecuador y Bolivia, el Zapatismo en México.

b) Afirmación de la unidad del Sur mediante diversas políticas, procesos y dispositivos institucionales de unión. La experiencia del Mercosur y

la Unasur, como respuesta contra-hegemónica al neo-liberalismo (ALCA) y estrategia de centralismo en la política y el Estado.

c) La búsqueda de un pensamiento crítico y un conocimiento autónomo y no colonizado en solidaridad con la acción política transformadora de la realidad social concreta: el pensamiento de Mariano Moreno, José Carlos Mariátegui, José Martí, Víctor Raúl Haya de la Torre, entre otros. El desarrollo de una ciencia funcional a las necesidades de los pueblos que incremente la autonomía productiva (Oscar Varsavsky, Rolando García, entre otros). La teoría de la dependencia. El pensamiento decolonial (Boaventura de Sousa Santos, Walter Mignolo, Enrique Dussel, Aníbal Quijano, entre otros).

d) La resistencia artístico-cultural en la poesía, la literatura, la pintura, el arte, la arquitectura, la música, el cine y la danza. Las luchas y resistencias de los pueblos y nacionalidades indígenas de América Latina, en muchos de nuestros países en pleno siglo XXI.

e) Lanzamiento del libro colectivo *La emergencia de los enfoques de la complejidad en América Latina. Desafíos, contribuciones y compromisos para abordar los problemas complejos del siglo XXI* editado por la Comunidad de Pensamiento Complejo, CPC.

CUESTIONES PRIORITARIAS A TRATARSE POR LA MIRADA DEL SUR HACIA UNA POLÍTICA DE CIVILIZACIÓN

a) Vínculo entre conocimiento y política: Reforma de la ciencia. Crítica a la concepción dominante de ciencia como régimen hegemónico de producción de verdad y de validación y legitimación de los conocimientos. Elaboración de una epistemología política compleja que fundamente un concepto alternativo de ciencia inclusivo de criterios sociales, históricos, culturales y políticos de producción y validación de saberes. Consideración de la pertinencia y legitimidad de otras formas/sistemas de conocimiento humano (arte, filosofía, literatura, incluida la ciencia), especialmente, rehabilitando los saberes y formas de conocer de los pueblos del Sur.

b) Reforma del conocimiento: Problematizar la disyunción entre las dos culturas (ciencia y filosofía) y la hiper-especialización disciplinaria de los conocimientos. Distinguir la transdisciplina y la interdisciplina y analizar la pertinencia de cada una para conducir la investigación empírica concreta. Reforma de los sistemas de ciencia y tecnología con la finalidad de educar a las nuevas generaciones de científicos en la práctica y la cultura de la investigación interdisciplinaria.

c) Reforma de la educación: Redefinición de las finalidades de la educación (en todos los niveles), incorporando la educación para la ciudadanía

democrática y el tratamiento de los problemas complejos fundamentales del Sur. Resistencia a la colonialidad cultural del saber científico euro-céntrico hegemónico. Profundización del auto-reconocimiento y estimulación de la autonomía cultural y subjetiva.

d) Reforma del pensamiento: Estudio de las condiciones cognitivas, psico-sociales, socio-culturales y discursivas de producción, funcionamiento y transformación de los paradigmas, modelos mentales, representaciones sociales e ideologías para delinear un programa multidimensional de reforma del pensamiento.

e) Investigación políticamente orientada en función de los problemas y necesidades sociales: Identificación de los problemas complejos fundamentales de los pueblos del Sur situándolos en el contexto planetario. Elaboración de programas de investigación multi-país desarrollados con equipos multidisciplinarios y estrategias interdisciplinarias, que tiendan al diagnóstico e intervención sobre dichos problemas. Articulación de estos saberes en la formulación de políticas públicas.

f) Desarrollo económico, social y ecológicamente justo y sustentable: Profundización y radicalización de la democracia más allá del formalismo normativo e institucional, pero respetándolo. Incorporación de la idea de conflicto. Cuestionamiento del rol del estado y de la economía de mercado y exclusión. Construcción de un paradigma de bienestar alternativo, no consumista, no productivista, no salvador, asentado sobre un nuevo modo de vida y valor.

g) Estrategia político-cultural: Diseño, planificación y ejecución de un plan estratégico de larga duración que integre los puntos anteriores, destinado al enraizamiento político y cultural del "pensamiento del Sur" como paradigma alternativo y contra-hegemónico. Esto requiere contemplar sus condiciones de posibilidad: realizar la más consensuada articulación de actores, grupos y experiencias en curso en el Sur; la conformación de un movimiento político-cultural y científico-académico por el pensamiento del Sur; el diseño de una estrategia comunicacional destinada a los distintos públicos (ciudadanos, educadores, políticos, científicos, académicos, intelectuales etc.).

Esta publicação foi composta na tipografia
Quicksand/Museo Slab com corpo 11/46,
impressa em papel reciclado 90 g (miolo)
e reciclado 220 g (capa).